

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MAYARA LÚCIA CAMPOS FERREIRA

UMA HISTÓRIA CONTADA: A RUA MIGUEL DOMINICI SOARES

SÃO LUÍS
2017

MAYARA LÚCIA CAMPOS FERREIRA

UMA HISTÓRIA CONTADA: A RUA MIGUEL DOMINICI SOARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador (a): Prof. Dra. Ingrid Gomes Braga

SÃO LUÍS
2017

Ferreira, Mayara Lúcia Campos.

Uma História Contada: a rua Miguel Dominici Soares / Mayara Lúcia Campos Ferreira. – São Luís – MA, 2017.

111 f.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Ingrid Gomes Braga.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

1. Cotidiano. 2. Práticas espaciais. 3. Oralidades. I. Título.

CDU 94(812.1)

MAYARA LÚCIA CAMPOS FERREIRA

UMA HISTÓRIA CONTADA: A RUA MIGUEL DOMINICI SOARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ingrid Gomes Braga (Orientadora)
Doutora em Conservação e Restauração de Bens Culturais
Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Izabel Cristina Melo de Oliveira Nascimento (Examinador interno)
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Paulo Eduardo Silva de Vasconcelos (Examinador externo)
Instituto Federal do Maranhão

SÃO LUÍS
2017

À minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Muitos diriam que completar esta importante etapa da minha vida, seria sinônimo de esforço e merecimento. Sem querer de forma alguma desvalidar estes pontos, pessoalmente, preferiria dizer que fechar este ciclo é sinônimo de gratidão. Seguramente, em primeiro lugar, agradeço a Deus e Nossa Senhora, onde guardo toda a minha fé. À toda minha família, em especial meus pais e avós, pelo amor incondicional, cuidados, broncas e por sempre acreditarem em mim, mesmo com todos os meus defeitos. Gratidão imensurável à minha mãe, Carla, que contra todas as dificuldades e provações da vida, dá ainda seu máximo por mim, sendo a razão por eu ter me tornado quem sou hoje. Esta vitória é tão minha quanto tua, mãe.

Ademais, nunca poderia deixar de reconhecer o papel fundamental dos meus amigos nesta jornada, que direta ou indiretamente sempre se dispuseram a me ouvir, dar ombro, mas que sobretudo, sabem – como ninguém mais – ser companheiros e propulsores natos. Agradeço às minhas amigas de longas datas Naiara, Yohanna, Camila, Alynne e Nathalia, pelos abraços reconfortantes de sempre, em particular à última, pela grande fé em mim. A todos os amigos que tornaram os anos de faculdade mais divertidos e únicos, em específico a Alisson, Emmanuelle, Natália e Willnara, pelo grande prazer de terem me permitido participar desta etapa de suas vidas. Destes, gratidão em especial a Alisson, por dedicar seu tempo e cuidados a mim, por deixar tudo mais leve com seu humor e enriquecer este trabalho com seus traços tão delicados. Gratidão excepcional à Willnara, pela paciência e resiliência, e por, tal qual uma irmã, me reerguer várias vezes quando achei que não conseguiria, além de ter dedicado seus dias, talentos e tempo para me acompanhar nessa etapa.

Agradeço a todos os professores que passaram pelo meu caminho, inclusive àqueles que não possuíam este título. Em especial à Ingrid, que não só me orientou e acreditou neste trabalho, como foi uma grande parceira em suas aulas, pesquisas e discussões, se dispondo a nos ensinar sobre uma arquitetura muito viva e humana. Por fim, agradeço a todos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, em especial a José Carlos pela gentileza gratuita de sempre.

*“A verdadeira viagem de descobrimento
não consiste em procurar novas
paisagens, mas em ter novos olhos”.*

Marcel Proust

RESUMO

Este trabalho busca apresentar a paisagem urbana de um trecho da Rua Miguel Dominici Soares, no bairro São Francisco, através da análise das práticas espaciais e do cotidiano de seus usuários. Para tal, foi proposta uma experiência de pesquisa em campo com abordagem *bottom-up*, com o objetivo de reunir as oralidades destes usuários que contassem sobre suas histórias, vontades e insatisfações; aproximando o pesquisador do entendimento da vida cotidiana nesta rua pelos olhos de seus usuários. Como produto, apresenta-se uma série de ilustrações conceituais que intenciona traduzir os possíveis contextos existentes nas mentes de usuários sobre aquela rua, tal como um livro de pequenos contos e diálogos.

Palavras-chave: Cotidiano. Práticas espaciais. Oralidades.

ABSTRACT

This work aims to present the urban landscape of a section of Miguel Dominici Soares Street, in São Francisco neighborhood, through the analysis of the space practices and daily life of its users. For this purpose, a field-based research experience was proposed with a bottom-up approach, aiming to gather the oralities of these users that tell about their stories, wishes and dissatisfactions; bringing the researcher closer to the understanding of everyday life in this street, through the eyes of its users. As a product, it presents a series of conceptual illustrations that intends to translate the possible contexts existing in the minds of users on that street, such as a book of short stories and dialogues.

Keywords: Everyday life. Space practices. Oralities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização da área dentro da cidade de São Luís	10
Figura 2 – Aproximação da área de estudo em relação ao bairro do São Francisco.	11
Figura 3 - Delimitação da área de estudo e identificação de pontos de referência... 12	
Figura 4 – Ponte Governador José Sarney sobre o Rio Anil, 1969.....	14
Figura 5 – Aerofotografia do São Francisco e do Igarapé da Jansen, antes da Ponte Gov. José Sarney, 1967.....	15
Figura 6 – Imagem aérea da área do São Francisco e da Laguna da Jansen, 2017.	16
Figura 7 - Compilação de manchetes de jornais sobre o São Francisco e Av. Ferreira Gullar.....	17
Figura 8 - Mapa indicativo de acessos.....	18
Figura 9 - Croqui do perfil transversal da Av. Ferreira Gullar e rua Miguel Dominici. 19	
Figura 10 - Vista da Avenida Ferreira Gullar.....	20
Figura 11 - Análise de ventilação e orientação solar.....	21
Figura 12 - Vista para calçada entre Av. Ferreira Gullar e o Rio Anil, 2017.....	21
Figura 13 - Jorge, morador há 48 anos, mostrando suas plantações.....	22
Figura 14 - Análise de fluxos de automóveis.....	23
Figura 15 - Identificação de rotas e pontos de ônibus.....	24
Figura 16 - Sinalização vertical de ponto de ônibus, na Av. Ferreira Gullar.....	24
Figura 17 - Mapa de análise de usos.....	25
Figura 18 - Ilustração de como era a rua, segundo o relato de dona Edináia.....	27
Figura 19 - A horta do senhor Jorge, feita em local público: em frente à sua casa, no canteiro entre a Avenida Ferreira Gullar e a Rua Miguel Dominici Soares.....	30
Figura 20 - Churrasqueira feita por Jorge, no canteiro em frente à sua casa.....	31
Figura 21 – Vista, a partir da Av. Ferreira Gullar, da estrutura feita por Jorge para guardar seu carro.....	33
Figura 22 - Tenda construída pelo comerciante – e reconstruída várias vezes pelos moradores – para reuniões informais de moradores, práticas de jogos, dentre outras atividades.....	35
Figura 23 - Esquematização da Quadra 01, com localização do estúdio de fotografia e do bar.....	38
Figura 24 - Esquematização da Quadra 04, com local em que estava Francisca.....	43

Figura 25 - Barraca em que Carlos estava.....	44
Figura 26 - Bancos de madeira no canteiro. Presença de entulho no canteiro.....	46
Figura 27 - Moradores reunidos, jogando.....	46
Figura 28 - Mickaella, Valéria e dona Antônia.....	47
Figura 29 - Esquematização da Quadra 03, com localização da casa de Antônia....	48
Figura 30 - Desenho feito por Valéria durante a entrevista.	49
Figura 31 - Esquematização da Quadra 01, com localização da casa de Valéria e seus filhos.	49
Figura 32 - Desenho feito por Mickaella.....	50
Figura 33 - Desenho feito por Miguel.	52
Figura 34 - Estudantes entrevistados.....	53
Figura 35 - Esquematização da Quadra 01 e 02, com localização da rua e o campo onde brincam, e kitnet onde parte dos meninos moram.	54
Figura 36 - Campo improvisado, ao lado da rua Miguel Dominici.	54
Figura 37 - À esquerda, desenho feito por João Pedro: um campo de futebol; à direita, desenho feito por Gustavo: uma bicicleta, um balanço, um banco, e pneus.....	55
Figura 38 - Desenho feito por Paulo.	56
Figura 39 - Desenho feito por Renan.	57
Figura 40- Desenho feito por Fernanda Serra.	58
Figura 41 - Esquematização da Quadra 03 e localização da oficina de José Rosário.	59
Figura 42 - Rua Miguel Dominici Soares, com localização da gráfica e da oficina mecânica.	59
Figura 43 - Barraquinhas de comida desativadas.	61
Figura 44 - Lixo próximo do calçadão da Av. Ferreira Gullar.	64
Figura 45 - Animais soltos na pista.	65
Figura 46 - Rua Miguel Dominici Soares após chuva.....	66
Figura 47 - Praça São Pedro.	68
Figura 48 - Representação gráfica das quadras e entrevistados.	71
Figura 49 - Ilustração de Rosemeire.....	72
Figura 50 - Ilustração de Giselle.....	73
Figura 51 - Moradores jogando dominó.	74
Figura 52 - Ilustração da descrição do passado, por Edináia.....	75

Figura 53 - Dona Francisca fala sobre a praça.....	76
Figura 54 - Ilustração de Carlos e a associação.....	77
Figura 55 - Elementos e características da rua sob olhar da autora.....	78
Figura 56 - Valéria e sua praça com pneus.....	79
Figura 57 - Antônia e seu desejo por uma feirinha.....	80
Figura 58 - Ilustração de Mickaella e Miguel.	81
Figura 59 - Estudantes e sua desejada quadra.	82
Figura 60 - Fernanda descrevendo o calçadão que gostaria.	83
Figura 61 - Ilustração de Fernanda descrevendo um grande calçadão.	84
Figura 62 - O mecânico José e sua praça.	84
Figura 63 - Anderson descrevendo o problema das lanchonetes.....	85
Figura 64 - Anderson contando sobre a Escola de Música que queria.	86
Figura 65 - Jorge, sua churrasqueira e garagem externa.	87
Figura 66 - Silvana, Silvestre e Rosana falando sobre o lixo.	88
Figura 67 - Sr. Raimundo falando sobre novos comércios.....	89
Figura 68 - Sr. Raimundo contando sobre o problema do abastecimento da água. .	90
Figura 69 - Dona Bibiane fala sobre seu incômodo com tumultos.	91
Figura 70 - Dona Bibiane conta sobre a coleta de lixo.	92
Figura 71 - O momento em que o vendedor de peixes passa.	93
Figura 72 - Gráfico de entrevistados e ilustração das quadras analisadas.....	94
Figura 73 – Ilustração final do Tabuleiro da Rua Miguel Soares.	95

LISTA DE SIGLAS

ALUMAR – Consórcio de Alumínio do Maranhão S.A.

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce (Vale S.A.)

DER – Departamento de Estrada e Rodagem

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

UDH – Unidades de Desenvolvimento Humano

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	5
1.1.	Construindo a pesquisa.....	7
2.	CONTEXTUALIZANDO “A RUA”	9
2.1.	Localização e caracterização do sítio	9
2.2.	A história escrita e documentada	12
3.	ASPECTOS FÍSICOS E ANÁLISES DO SÍTIO.....	18
3.1.	Acessos	18
3.2.	Perfil da “rua”	19
3.3.	Clima e vegetação	20
3.4.	Fluxo de veículos	23
3.5.	Oferta de transporte público	23
3.6.	Usos e apropriações.....	25
4.	AS PRÁTICAS, AS HISTÓRIAS E O COTIDIANO DA RUA MIGUEL DOMINICI SOARES	26
4.1.	Bricolagens no espaço urbano.....	26
4.2.	A apropriação através das práticas resistentes	28
5.	A EXPERIÊNCIA CONTADA	37
5.1.	Um relato meu e deles	37
5.2.	Miguel Dominici Soares: uma rua contada	70
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS.....	98

1. INTRODUÇÃO

À primeira vista, ao passar na Avenida Beira-Mar, logo se vê a Ponte Governador José Sarney ligando o que se conhece popularmente por “lado antigo” com o “lado novo” da cidade. A paisagem do “lado moderno” da cidade é logo definida por alguns elementos marcantes: uma descontínua faixa verde de manguezal; seguidos por um *mix* de edificações que parecem aumentar gradativamente de altura conforme aprofunda-se ali o olhar. Ainda examinando a margem do estuário do rio, mais adiante nota-se um contraste já marcante na cidade: as palafitas da área conhecida como “Ilhinha”, em contraposição aos recém erguidos edifícios do bairro da Ponta D’Areia. Transpassando por toda esta paisagem, é possível ver também partes aparentes da Avenida Ferreira Gullar, acompanhada de diversas ruas paralelas ao longo do seu caminho. Ali se encontra o cotidiano avaliado, no recorte de uma destas ruas: a Miguel Dominici Soares, objeto de estudo deste trabalho, cuja importância se explica pelo rico contexto de contradições sociais e paisagens marcantes.

Ademais, esta área do bairro é também bastante conhecida nas manchetes de jornais pelo constante registro de violência, falta infraestrutura e tráfico de drogas, imagem que predomina no julgamento de muitos dos transeuntes que passam ali ou mesmo só ouvem falar do lugar. Com estas múltiplas disparidades nas percepções, veio à tona o interesse pessoal de conhecer, entender e de responder alguns questionamentos sobre o local: Como é a vida ali? Quais as reais necessidades daquele lugar? Será violento como comentam? O que aquelas pessoas pensam de onde moram?

Em um primeiro momento, na busca por responder estas questões e desmistificar o prejulgamento que muitos fazem daquele lugar, este trabalho de conclusão de curso havia sido pensado para que fosse uma proposta de projeto que levasse à “revitalização urbana” de espaços livres, supostamente necessária no pensamento de um arquiteto e urbanista. No entanto, com um pouco mais de observação, outros questionamentos surgiram: O que seria revitalizar aquele lugar? É realmente necessário revitalizar qualquer aspecto dali? De que forma isto poderia acontecer? Estes questionamentos trouxeram uma nova perspectiva de objetivos e metodologia para este trabalho, que foi então construído através de uma abordagem

*bottom-up*¹, dando vez aos usuários locais, oportunizando assim que suas histórias, os desejos e insatisfações fossem o ponto de partida para o entendimento do lugar, vindo de encontro à metodologia anterior, que tinha a presunção de encarar aquele ambiente apenas pelo viés de um profissional da arquitetura e fazer proposições que se julgavam necessárias baseadas em uma experiência particular. A favor desta preocupação em entender a realidade local antes de projetar contando apenas com um imaginário, Jacobs (2011), cita que “é tolice planejar a aparência de uma cidade sem saber que tipo de ordem inata e funcional ela possui. Encarar a aparência como objetivo primordial ou como preocupação central não leva a nada, a não ser a problemas.” (p. 14, 2011).

Cabe citar que este trabalho não se utiliza de várias fontes teóricas, tendo em Certeau (1998) o embasamento que se julgou apropriado e, sobretudo, utilizando a voz da comunidade da Rua Miguel Dominici Soares como a principal e mais importante fonte de informações aqui. O foco deste estudo é justamente reunir estas oralidades e as experiências do cotidiano, trazendo como produto uma série de ilustrações conceituais que intenciona traduzir os possíveis contextos existentes nas mentes de usuários sobre aquela rua, tal como um livro de pequenos contos e diálogos.

Contextos que contêm as histórias, as aspirações e as percepções de uma amostra de usuários, em uma tentativa modesta de representar como seria ver através dos olhos de quem vive ali. É válido destacar que estas imagens e mapas, quando representando as *vontades* dos usuários, não têm o objetivo de elencar propostas de teor reparador de qualquer aspecto da paisagem urbana; mas sim de identificar possíveis modificações na paisagem que são mais desejáveis e ou indesejáveis pela comunidade local. A identificação e reunião destas vontades e necessidades locais, reforça um planejamento mais participativo e eficiente, que interaja com a realidade e entenda mais intimamente o funcionamento daquele espaço urbano, indo de encontro com metodologias projetuais que imponham

¹ Bottom-up: em tradução literal “de baixo para cima”. “...as informações perceptivas são frequentemente descritas como “de baixo para cima”, enquanto as informações fornecidas pelo contexto são consideradas “de cima para baixo”. Os termos foram emprestados da psicologia cognitiva, mas derivam originalmente da ciência da computação, onde eles distinguem processos que são orientados por dados daqueles que são orientados pelo conhecimento.” (FIELD, 1999)

quaisquer elementos indesejados à comunidade por simples falta de familiaridade com a realidade do ponto de vista da população. Para humanizar e aproximar o trabalho da comunidade, o recorte geográfico sugerido aqui – composto por parte da Rua Miguel Dominici Soares e os espaços livres em seu entorno, como parte da Avenida Ferreira Gullar, além de praças e canteiros – será chamado simplesmente de “*rua*”, no sentido do uso mais popular da expressão, que é usada comumente para se referir aos espaços externos aos edifícios, sendo eles caminhos públicos, espaços de circulação de pessoas e veículos, como vias, jardins, e demais espaços entre as edificações.

1.1. Construindo a pesquisa

Para desenvolver este trabalho, definiram-se três principais etapas: a primeira etapa, é desenvolvida desde o início até o fim do estudo, que é conhecer o contexto histórico e atual da área recortada; em seguida, buscou-se aprofundamento teórico com a leitura de CERTEAU (1998); e, na terceira etapa, como resultado das duas etapas anteriores, buscou-se produzir desenhos com base nas oralidades reunidas e também na própria vivência de pesquisa naquele lugar. Tais etapas não seguem estritamente esta ordem definida, ocorrendo, por vezes, todas em paralelo.

A primeira e talvez mais importante etapa, de reconhecimento do contexto local, foi o momento de maior absorção e construção de conhecimento sobre a área. Esta fase da pesquisa, foi dividida em dois momentos. No primeiro, foi feita uma busca por variadas fontes que pudessem “contar” a história – passada e presente – através de percepções documentadas e oficializadas sobre o local. Para isto, foram consultados livros e trabalhos feitos sobre a área, mapas, levantamentos, jornais e demais documentos. Surgiram algumas limitações nesta etapa, principalmente referente à busca de informações e dados específicos sobre a área. Na maioria das vezes, os dados encontrados se referiam ao bairro do São Francisco como um todo ou à sua avenida principal, sem grande enfoque na área deste trabalho, cuja realidade se distancia da situação geral do bairro.

Já o segundo momento desta fase, consiste no âmago do trabalho: a pesquisa em campo, na qual foram feitas interações diretas com os usuários da região – residentes e trabalhadores. Em relação aos dados coletados nestas interações,

deles foi feita uma análise, sobretudo, qualitativa, construída através de diversas visitas à área de estudo; ademais, também foi feita uma breve análise quantitativa dos resultados desses relatos, com intenção de melhor visualizar e estruturar as demandas e os anseios mais recorrentes encontrados. Durante essas visitas, foram propostas atividades e conversas informais – entrevistas não-estruturadas – que dessem liberdade aos entrevistados de falar sobre pontos positivos, negativos, vontades e histórias sobre o local, conforme demonstrado no capítulo *A experiência contada*. A expectativa dessa etapa foi de compreender o local o máximo possível através do entendimento dos usuários.

Ainda nesta etapa, foi feita outra forma de reconhecimento: a análise em campo particular da pesquisadora, em relação aos aspectos físicos e funcionais da região com pesquisa observacional, que permitiu também uma aproximação, melhor entendimento do lugar, das pessoas e seu cotidiano urbano. Com base nessa etapa e como resultado também da pesquisa documental, foram feitos mapas esquemáticos que traduzem o que foi coletado e compreendido. Tais mapas, encontrados no capítulo 3, são resultados de um ponto de vista mais técnico e próximo do olhar geométrico comum ao arquiteto e urbanista, mostrando uma análise da paisagem mais distante do ponto de vista dos usuários – porém com sua colaboração –, cujo intuito da inserção aqui não é o de ser o ator principal do trabalho, mas sim de apresentar tecnicamente a área, propondo uma posterior comparação implícita entre os dois extremos destes olhares, um técnico e outro despido de formalidades, mais humano e íntimo.

Após a análise e reunião de dados, a última etapa consistiu em traduzir os anseios identificados durante o trabalho. Essa etapa foi dividida em duas partes, um tópico onde foi contada toda a experiência de pesquisa, em forma de narrativa do ponto de vista da autora; e, a segunda parte, fruto deste tópico, uma pequena série de ilustrações que visa apresentar as oralidades, as experiências captadas na Rua Miguel Dominici Soares, retratando a paisagem local como um lugar de significados, apropriação e forte vitalidade.

2. CONTEXTUALIZANDO “A RUA”

Ao percorrer rapidamente o local recortado passando pela Avenida Ferreira Gullar, analisá-lo pelo viés de estudante de Arquitetura e Urbanismo e também pela perspectiva de usuária do local de passagem como moradora da cidade de São Luís, as primeiras percepções são de que a área e seu entorno sofrem com problemas no manejo da preservação ambiental, com problemas de descarte de lixo, aparente falta de integração social e espacial com o restante da cidade e problemas de infraestrutura. No entanto, não se pode considerar somente a perspectiva parcial e isolada da autora. LYNCH (1997) explica que as percepções da paisagem são resultado de uma relação entre o ambiente e seus observadores. Logo, infere que uma paisagem pode ser interpretada de várias formas, sendo “não apenas um objeto percebido [...] mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura” (*Ibid.*, 1997, p. 2). Já Prado (2016) observa que para compreender uma paisagem e suas transformações, é necessário “percepção, observação, memória e história”.

Posto isto, na expectativa de compreender o contexto em que se insere o recorte escolhido – *a rua* –, os primeiros passos deste trabalho visam apresentar a área escolhida e buscar as variadas fontes de histórias que ajudaram a construir o que se entende atualmente daquele lugar. Para isto, se fez uma busca de documentos, recortes de jornais, levantamento de dados e, posteriormente, porém mais importante, também uma análise da *legibilidade*² do local a partir do ponto de vista de seus usuários, que contaram histórias de suas vivências ali.

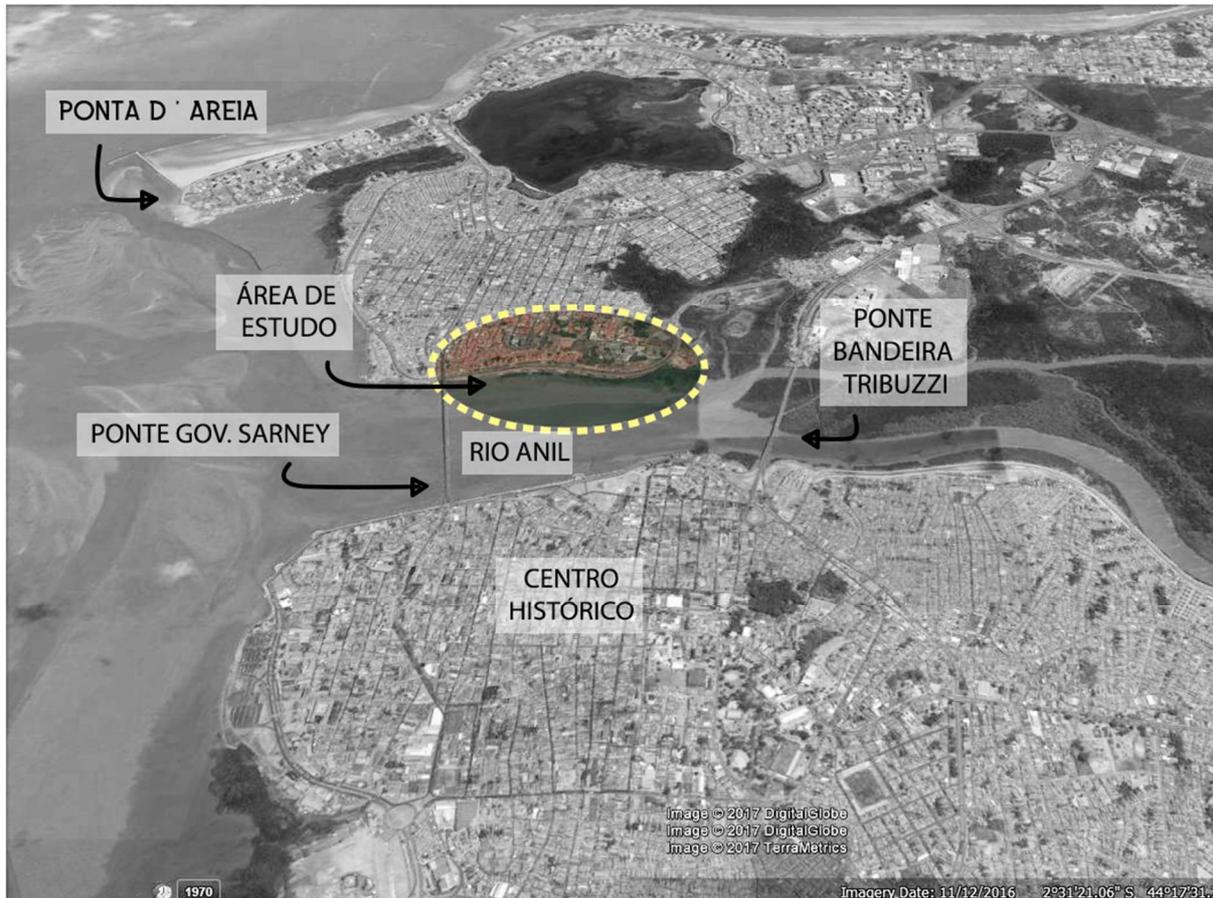
2.1. Localização e caracterização do sítio

A área delimitada se localiza no extremo sul do bairro São Francisco, na cidade de São Luís, atual capital do Estado do Maranhão, mais especificamente à noroeste do centro geográfico da Ilha de São Luís (Figura 1); e se limita de um lado pelo estuário do rio Anil e do outro lado por fachadas de quadras residenciais (Figura 2 e 3). A área é cortada por duas vias, sendo a principal delas, a Av. Ferreira Gullar.

² Legibilidade: “Facilidade com que cada uma das partes (da cidade) pode ser reconhecida e organizada em um padrão coerente” (LYNCH, 1960, p.2).

A avenida em sua totalidade possui cerca de 4,5km de extensão e um canteiro central; conta com duas vias em bom estado de conservação, cada uma contendo 02 (duas) faixas de rolagem; atravessa bairros como São Francisco, parte do Jacaraty e a área conhecida por Ilhinha.

Figura 1 – Localização da área dentro da cidade de São Luís



Fonte: Google Earth (edição da autora, 2017)

A segunda via que corta a área deste estudo é a Rua Miguel Dominici Soares, principal cenário deste trabalho, uma via auxiliar de em média 665 metros de extensão que se distribui paralelamente à Av. Ferreira Gullar, porém em cota de nível menor em relação à avenida.

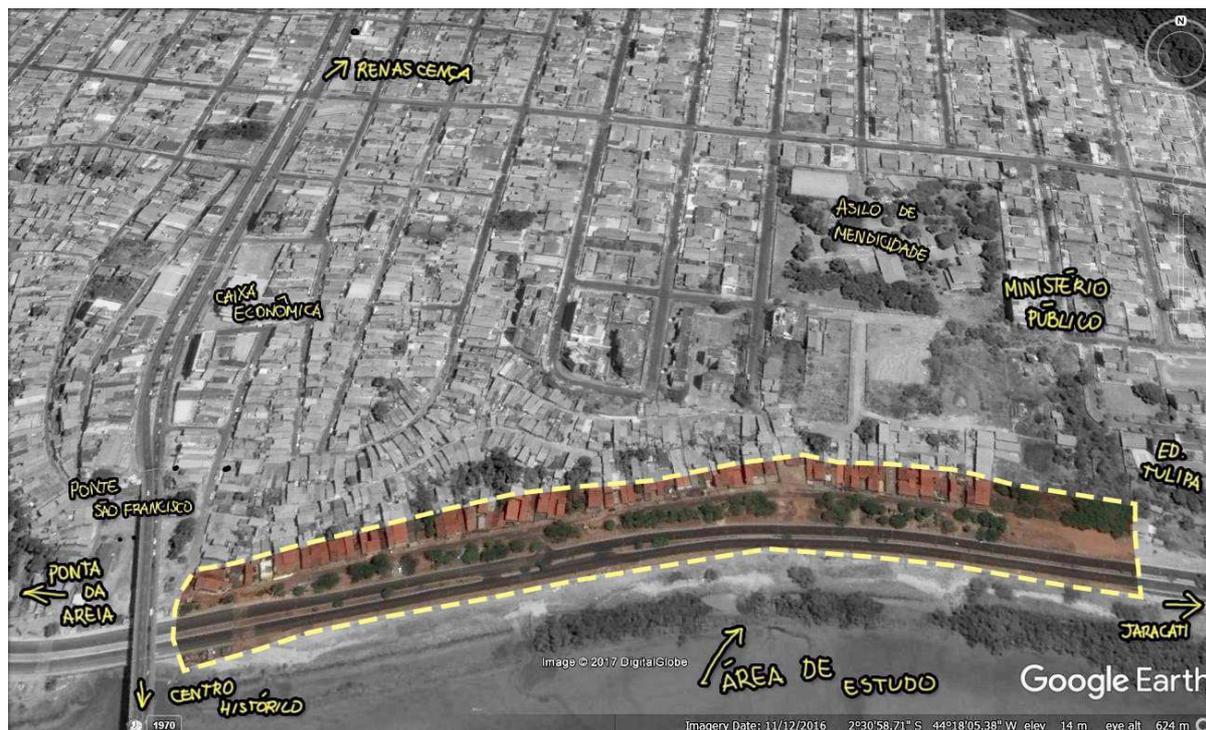
Figura 2 – Aproximação da área de estudo em relação ao bairro do São Francisco.



Fonte: Google Earth (edição da autora, 2017)

A rua Miguel Dominici Soares é a via de acesso direto às casas e aos comércios das quadras citadas, se separando da Av. Ferreira Gullar por um canteiro de topografia irregular que se distribui por quase toda a extensão da rua, sendo interrompido apenas por conexões da rua com a avenida, sejam elas originalmente planejadas ou improvisadas pela população. A rua se estende e tem continuidade após a ponte Gov. José Sarney, no entanto, para este trabalho foi feito um recorte que a limita ao início da ponte. Neste recorte, são trabalhadas 04 (quatro) quadras predominantemente residenciais, abrangendo um total de 70 (setenta) edificações, cujo uso e disposição, serão demarcados no decorrer deste trabalho.

Figura 3 - Delimitação da área de estudo e identificação de pontos de referência.



Fonte: Google Earth (edição da autora, 2017)

2.2. A história escrita e documentada

Para reunir os dados históricos do recorte trabalhado, foi necessário abordar a história do bairro São Francisco, onde a rua Miguel Dominici Soares se encontra e, também rapidamente, da construção da Avenida Ferreira Gullar, pois possivelmente pela pequena escala e ausência de grande enfoque nessa rua, não foram encontrados dados e registros especificamente sobre a mesma.

As evidências de possíveis ocupações na área que seria o atual bairro do São Francisco datam desde o século XVII e XVIII. Segundo Claude d'Abbeville (*apud*. LOPES, 2016, p.34) a Ilha do Maranhão, ocupada por tribos de índios tupinambás, tabajaras e tapuias, possuía também alguns assentamentos antigos, como o forte de "São Francisco".

Em meados da década de 50 e 60, cresceu no Brasil uma forte tendência de modernização da estrutura do país, com investimentos públicos na construção civil e infraestrutura das cidades, visando, principalmente, o crescimento industrial e a

integração do país através de vias terrestres (MORAIS, 2006; BONTEMPO, 2008; COELHO, 2002). Em São Luís, paralelamente houve a implantação de grandes projetos, como a instalação da CVRD – Companhia Vale do Rio Doce e ALUMAR – Consórcio Alumínio do Maranhão, ocasionando forte migração de famílias vindas do interior do estado e outras localidades, em busca de novas oportunidades (BRITO, 2009). Neste período Barros (2001) cita que o São Francisco “era ocupado por pescadores, pequenos comerciantes e lavradores, que viviam em condições relativamente simples. ” (p. 56 *apud*. LOPES, 2016, p. 38), não havia serviço de educação ou saúde; a maioria das casas eram feitas de taipa, o que tornava a área atrativa pelo preço baixo das terras comercializadas. Durante as entrevistas, dona Francisca (informação verbal)³, de 74 anos de idade, moradora há 44 anos da área, conta que “vim do interior, vim por ‘causo’ meu marido, veio trabalhar pra cá e aí eu vim (...) a água vinha até por aqui assim ((apontando a porta da casa dela)), a maré vinha até aqui, não tinha nada aqui...”.

Outro fator de atração, foram as promessas da forte campanha do recém-eleito governador do Estado, José Sarney (1966-1970) cujo slogan de “Maranhão Novo” trazia modernização e justiça social (MORAIS, *op. cit.*, p. 37). Segundo o IBGE⁴ a população de São Luís nos anos de 1950* à 1970** foi de 119.785 para 270.651 pessoas, evidenciando o rápido crescimento populacional. No entanto, de acordo com Coelho (*op. cit.*, p. 35) e Brito (*op. cit.*, p. 48), além da cidade não possuir capacidade para contratação desse contingente, não havia também infraestrutura e nem políticas habitacionais o suficiente para atender tamanha demanda de crescimento populacional, gerando fortes problemas urbano-sociais, como pobreza e uso indevido do solo, com aumento significativo no número de áreas palafitadas. Ainda em 1958, no Plano de Expansão da Cidade de São Luís o engenheiro Rui Mesquita, diretor do DER – Departamento de Estrada e Rodagem já falava sobre a construção de palafitas em áreas de risco, concluindo que a melhor alternativa para combater esse tipo de problemática, era fazer duas pontes, sendo uma sobre o Rio Bacanga e outra sobre o Rio Anil, sendo que esta ligaria a parte central da cidade com a área de praias (1958,

³ Entrevista concedida por FRANCISCA. **Entrevista I**. [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2016.

⁴ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 1872 a 2010.

*População presente; **População recenseada;

p. 2). O projeto da ponte sobre o Rio Anil foi então desenvolvido e durou 19 meses para ser executado, sendo finalizado em 1969 e entregue pelo governador José Sarney em 14 de fevereiro de 1970. A obra, que levou o nome do governador, também é popularmente conhecida como Ponte do São Francisco (Figura 4) e foi um dos projetos feitos visando melhoria da infraestrutura da cidade, que agora possuía um novo eixo de crescimento.

Figura 4 – Ponte Governador José Sarney sobre o Rio Anil, 1969.



Fonte: Biblioteca do IBGE – Acervo Digital

A década de 70 foi marcada por uma política desenvolvimentista que gerou diversas mudanças na paisagem urbana da capital: com novos eixos de expansão, a cidade agora ganhava novas avenidas, criação de novos bairros e loteamentos, além de diversos conjuntos habitacionais distribuídos no território ludovicense (BRITO, 2009). Cabe citar que, simultaneamente, tais modificações implicaram no aumento da degradação de ecossistemas e na alteração da topografia da cidade por vezes de forma irreversível, com aterros de áreas alagadas, por exemplo. Aproximando-se da área em questão deste trabalho, seguindo com os planos de expansão e aumento da infraestrutura da cidade, outra importante modificação na paisagem do São Francisco após a ponte, foi a expansão dos limites na lateral esquerda do bairro, com um aterro, onde posteriormente foi construída a Avenida Ferreira Gullar. É possível notar através dos mapas comparativos (Figura 5 e 6) a vasta área inundável que foi aterrada. A

avenida Ferreira Gullar, teve sua construção iniciada no governo de Luís Rocha (1984), porém, Bontempo (2008, p. 44) relata o complexo contexto no qual foi construída: logo após a fase de terraplenagem local, as construções foram interrompidas por um período de 17 anos, tempo o suficiente para que a população, que já ocupava a região anteriormente, utilizasse os aterros de mangue para fixar residências de alvenaria no local, fato que contribuiu para o aumento de ocupações definitivas do solo.

Figura 5 – Aerofotografia do São Francisco e do Igarapé da Jansen, antes da Ponte Gov. José Sarney, 1967.

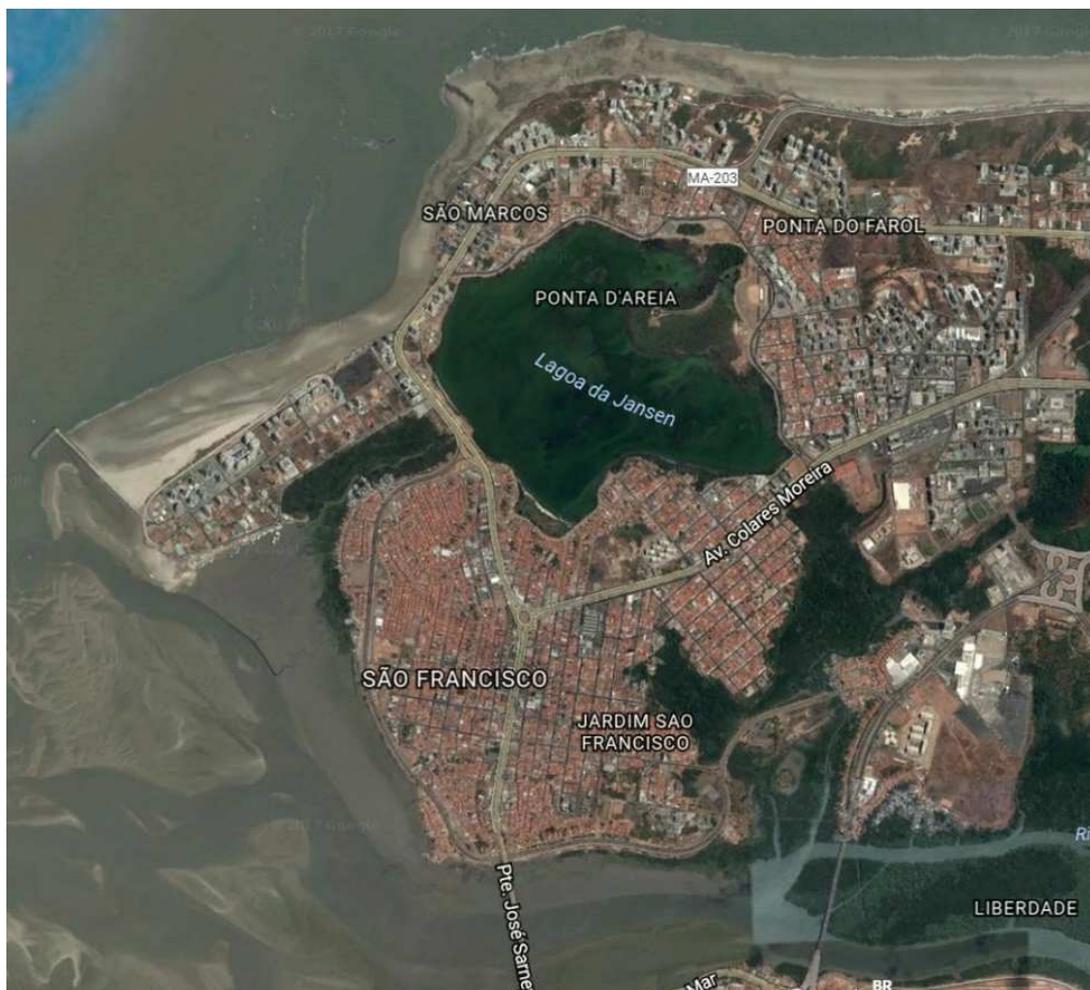


Fonte: MARANHÃO (1967 apud. LOPES, 2016)

No mapa atual (Figura 6), é possível notar o quão urbanizado o bairro se tornou. O São Francisco hoje é considerado um bairro nobre da cidade e se apresenta

dentre as Unidades de Desenvolvimento Humano⁵ com maior IDHM⁶ na Região Metropolitana da Grande São Luís (2010), apresentando a média de 0,897; sendo o menor IDHM encontrado na Região Metropolitana 0,573 e o maior 0,905, em um índice em que o melhor resultado seria 1.

Figura 6 – Imagem aérea da área do São Francisco e da Laguna da Jansen, 2017.



Fonte: Google Earth 2017

No entanto, o bairro apresenta muitas disparidades, pois, ao mesmo tempo que é considerado um bairro “nobre” na cidade, também para muitos é sinônimo de local de insegurança, falta de infraestrutura e forte criminalidade. Em uma rápida busca por manchetes de jornais, logo se encontram muitas reportagens com teor

⁵ UDH, conceito próximo ao de “bairros”.

⁶ Índice de Desenvolvimento Humano Metropolitano – medido com base em longevidade, educação e renda média.

negativo, sendo a maioria logo associadas às áreas mais periféricas e humildes do bairro (Figura 7).

Figura 7 - Compilação de manchetes de jornais sobre o São Francisco e Av. Ferreira Gullar.

Moradores interditam avenida após casas serem invadidas pela água da chuva
IMIRANTE.COM
02/03/2017 às 09h36
Moradores do entorno da Ferreira Gullar afirmam que perderam diversos bens.

VIOLÊNCIA EM SLZ- Criminosos atiram contra pessoas na av. Ferreira Gullar

Assaltos a ônibus e furtos são constantes no São Francisco
O ESTADO
26/03/2014 às 07h49

Motoristas são assaltados na Avenida Ferreira Gullar, em São Luís
24/12/2013 09h47 - Atualizado em 24/12/2013 09h47

Os motoristas que trafegam pelo local, estão tendo dificuldades de trafegar.

Além da região do Maiobão, Cidade Operária/Cidade Olímpica e área Itaqui-Bacanga, os bairros da Liberdade, Coroadinho e adjacências, Bairro de Fátima, São Francisco e Ilhínia são outras localidades onde os índices de criminalidade também são elevados.

MENÚ G1 MARANHÃO

JORNAL PEQUENO

avenidas de São Luís. Na Avenida Ferreira Gullar, próximo ao retorno que fica no fim da Rua das Paparaúbas, no bairro do São Francisco, apresenta vários buracos na camada asfáltica. Um deles se abriu no meio da pista,

Fonte: iMirante.com, Jornal Pequeno, G1 Maranhão, O ESTADO.

3. ASPECTOS FÍSICOS E ANÁLISES DO SÍTIO

Como resultado das visitas ao sítio, do levantamento de dados e também do relato de moradores sobre determinados aspectos da região, foram elaborados mapas de levantamento e análises de sítio.

3.1. Acessos

Os principais acessos à área de estudo se dão por conexões da Avenida Ferreira Gullar com a Avenida Professor Carlos Cunha; com a Rua das Paparaubas; e com a Avenida Ana Jansen. O principal acesso de pedestres é feito através de uma escadaria próxima à Ponte José Sarney, que conecta a Avenida Castelo Branco com a Rua Edmundo Calheiros, conforme indicado no mapa (Figura 8), e também através de ruas perpendiculares à Rua das Paparaubas e a Rua Miguel Dominici.

Figura 8 - Mapa indicativo de acessos.

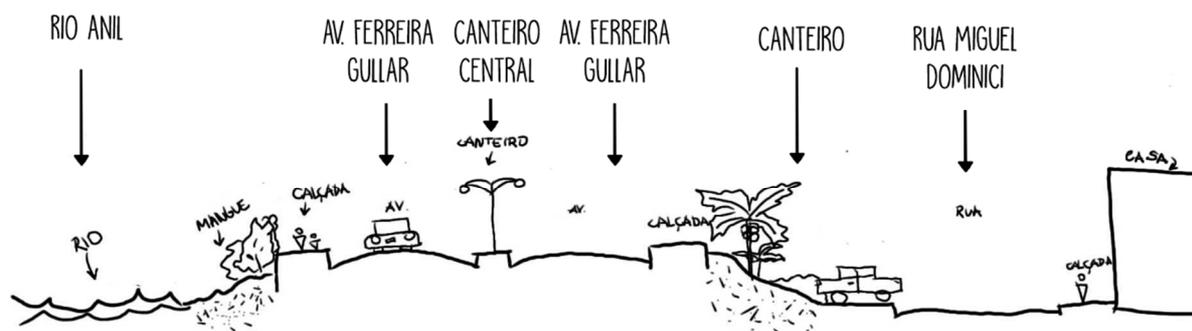


Fonte: Mapa base do Google Maps com modificações pela autora, 2017.

3.2. Perfil da “rua”

Para melhor entendimento e visualização da estrutura da rua, foi desenhado um croqui do perfil transversal da rua e seu entorno, conforme a figura 9.

Figura 9 - Croqui do perfil transversal da Av. Ferreira Gullar e rua Miguel Dominici



Fonte: Croqui elaborado pela autora, 2017.

Tal perfil foi elaborado de acordo com um ponto da avenida e, embora a disposição dos elementos estruturantes da rua não varie, suas dimensões apresentam pequenas variações, principalmente o canteiro entre a avenida e a rua. Da esquerda para a direita, o calçadão tem em média 4.50m de largura; seguido pela primeira via da avenida, com duas faixas de rolagem, somando em média 7.50m de largura; canteiro central com variação de 2 a 3.90m; a segunda via da avenida, com em média 7.20m; calçada com uma largura média de 2.50m; canteiro com largura variável de 11 a 20m; e, por fim, a rua Miguel Dominici, com variação de 3.30 a 5.90m de largura. Em relação às condições atuais destas estruturas, a maior parte das calçadas está em péssimo estado de conservação, quebradas e com presença de vegetação indesejada, assim como o canteiro central. As vias da Av. Ferreira Gullar neste trecho se encontram em bom estado (Figura 10), porém há reclamações sobre a falta de sistema de drenagem. O largo canteiro que segue do lado da rua Miguel Dominici tem sua pavimentação completamente irregular. Alguns moradores mandaram pavimentar a parte do canteiro que fica em frente de suas casas, porém

no decorrer do canteiro há destroços, entulho e muito lixo, além de vegetação de variadas escalas. Já a rua Miguel Dominici se encontra sem qualquer pavimentação, sendo este um dos problemas mais citados pelos moradores, que reclamam que juntamente ao problema de falta de drenagem, em períodos de chuva a rua fica completamente alagada.

Figura 10 - Vista da Avenida Ferreira Gullar.

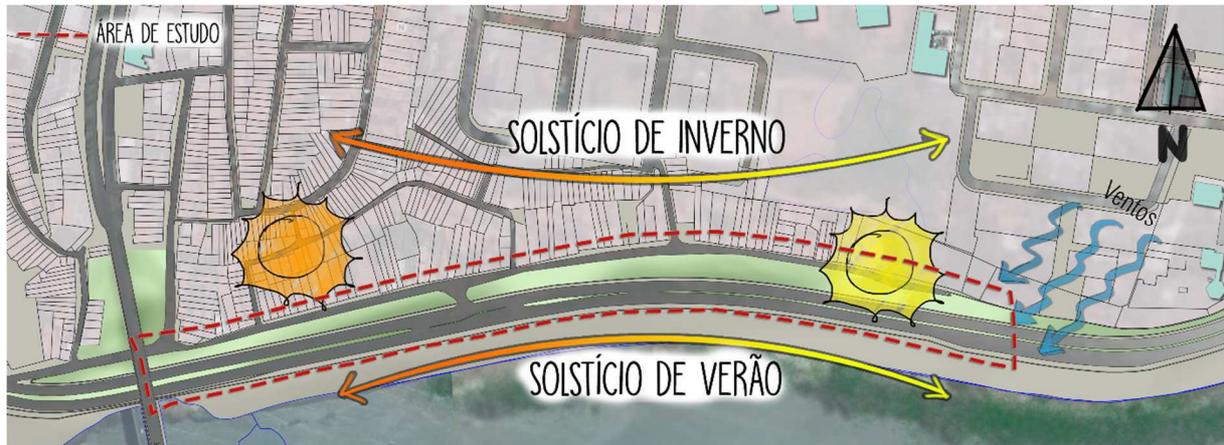


Fonte: Arquivo próprio, 2017.

3.3. Clima e vegetação

Após identificação do Norte estando em posição predominantemente perpendicular em relação ao terreno, verificou-se o comportamento da trajetória solar tomando-se por referência duas datas bases para análise no ano, o solstício de inverno – 20 e 21 de junho – e o solstício de verão – 20 e 21 de dezembro, datas em que a luz solar se apresenta em menor e maior intensidade, respectivamente. Também foi identificada a ventilação predominante (Figura 11), que neste caso se direciona de nordeste à sudoeste na maior parte do ano.

Figura 11 - Análise de ventilação e orientação solar.



Fonte: Mapa base do Google Maps com modificações pela autora.

Ao andar pelo trecho, notou-se a presença de ventilação constante, apesar de um pouco de desconforto térmico, principalmente no calçadão da avenida Ferreira Gullar ao lado do rio, provavelmente pela falta de sombras ali (Figura 12). Já a calçada ao lado da rua Miguel Dominici apresenta melhor conforto térmico, visto a maior presença de árvores de grande porte existente ali.

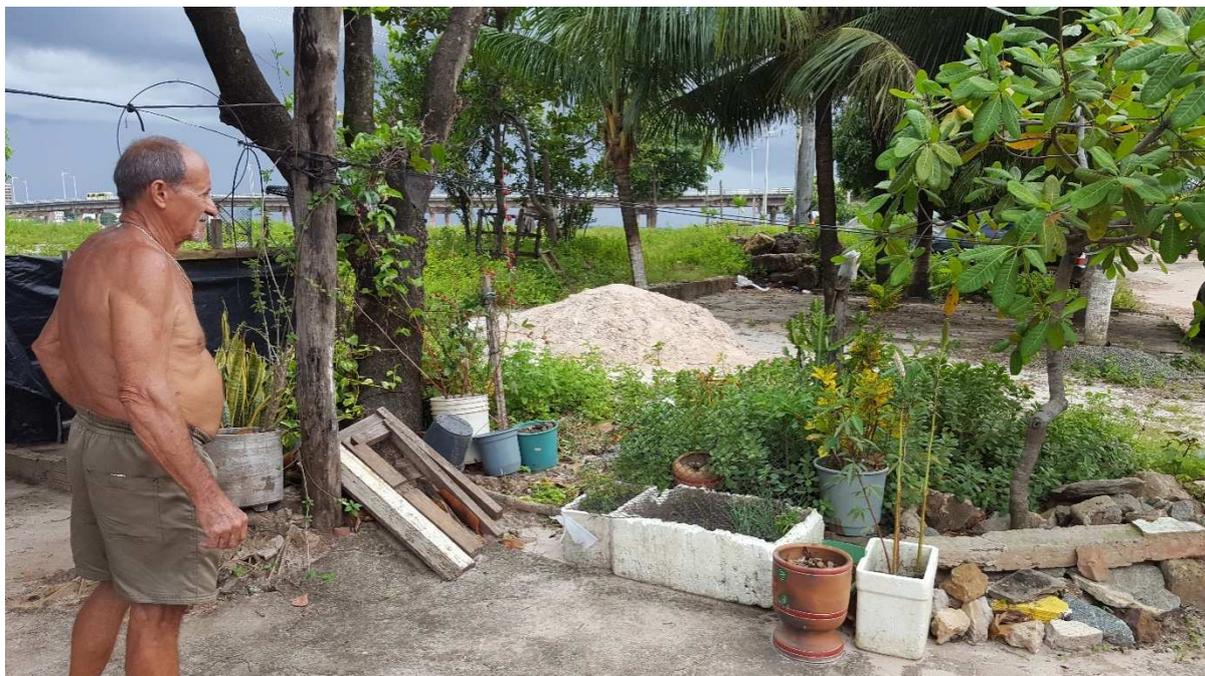
Figura 12 - Vista para calçadão entre Av. Ferreira Gullar e o Rio Anil, 2017.



Fonte: Arquivo próprio, 2017.

Em relação à vegetação da área, é distribuída da seguinte forma: maior presença de árvores frutíferas e palmeiras no canteiro que divide a avenida Ferreira Gullar e a rua Miguel Dominici; árvores de pequeno a médio porte, sem muita projeção de sombras, distribuídas espaçadamente no canteiro central da avenida; nenhuma vegetação no decorrer do calçadão que divide a avenida e a parte do estuário aterrado do rio Anil; presença faixa de vegetação típica de mangue no decorrer do aterro, com ausência de vegetação em pontos degradados. É válido citar aqui que segundo o morador Raimundo (informação verbal)⁷ todas árvores do canteiro da rua Miguel Dominici foram plantadas por moradores, como cita também Jorge (informação verbal)⁸, de 74 anos, morador da área há 48 anos, que “todas essas palmeiras aí em frente de casa, eu que plantei aí” (Figura 13).

Figura 13 - Jorge, morador há 48 anos, mostrando suas plantações.



Fonte: Arquivo próprio, 2017.

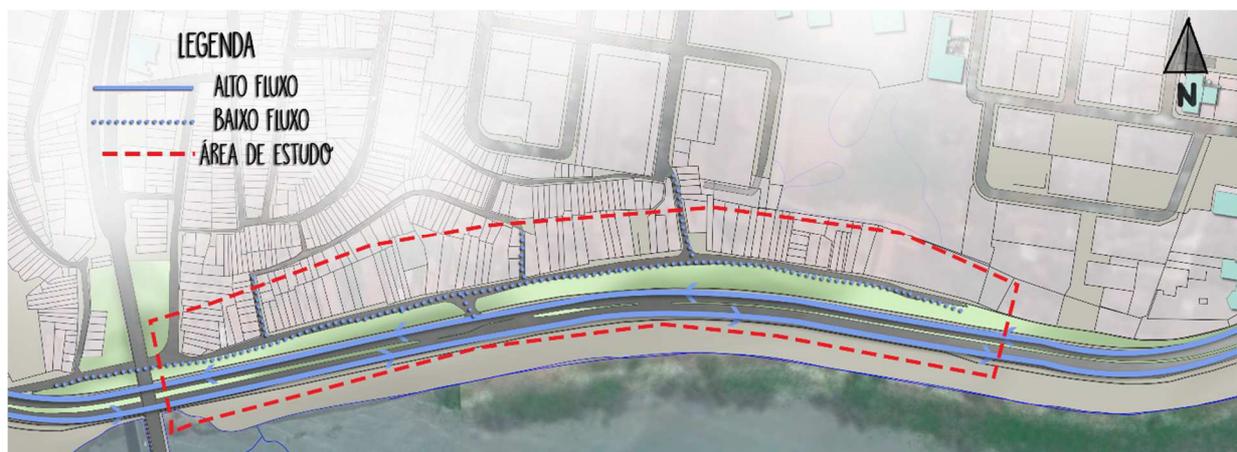
⁷ Entrevista concedida por RAIMUNDO. **Entrevista II.** [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

⁸ Entrevista concedida por JORGE. **Entrevista III.** [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

3.4. Fluxo de veículos

Durante as pesquisas, foi possível identificar uma frequência muito baixa no fluxo de veículos na Rua Miguel Dominici Soares, apesar de comumente apresentar uma grande quantidade de carros estacionados nos canteiros. Quando os carros se apresentavam em movimento nesta área, era em uma velocidade muito baixa, possivelmente pela falta de pavimentação, alternância na largura da rua, ou mesmo pela quantidade considerável de pedestres transitando livremente ali. Já na Avenida Ferreira Gullar, pôde-se identificar um fluxo muito maior de carros, em alta velocidade. Notou-se que raramente os carros paravam em algum ponto da avenida e com pouquíssima frequência acessavam a Rua Miguel Dominici. Durante os relatos dos moradores, vários acidentes automobilísticos na avenida foram citados, atrelados a dois principais motivos, embriaguez ao volante e excesso de velocidade.

Figura 14 - Análise de fluxos de automóveis

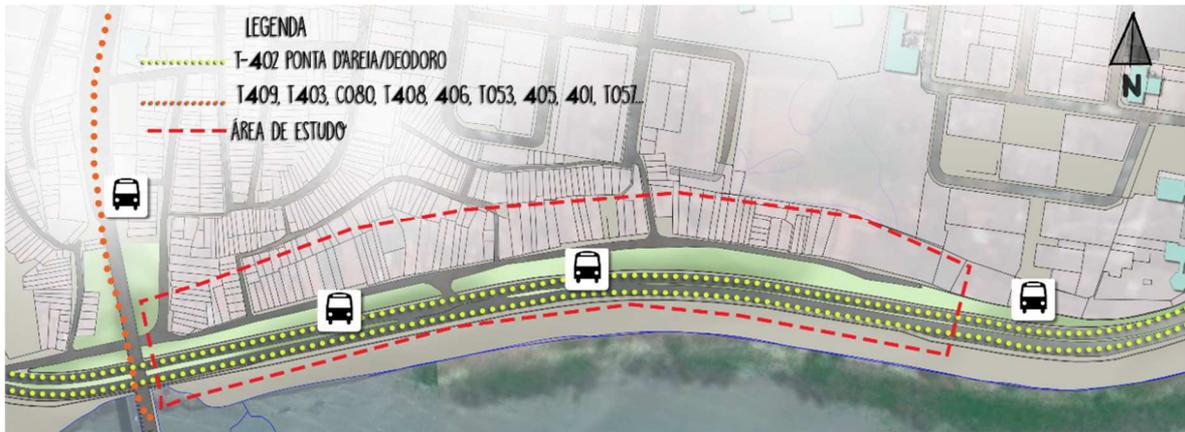


Fonte: Mapa base do Google Maps com modificações pela autora, 2017.

3.5. Oferta de transporte público

Quanto à oferta de transporte público, foi feito um levantamento da localização dos pontos de ônibus mais próximos à Rua Miguel Dominici, conforme Figura 15. Nenhum destes pontos contava com estrutura de parada, sendo identificados apenas por uma sinalização vertical (Figura 16), motivo de reclamações dos moradores. Segundo relatos, há uma discrepância de opiniões sobre o tempo de espera dos ônibus, alguns moradores dizem demorar em torno de dez a vinte minutos, enquanto outros citam até mais de uma hora.

Figura 15 - Identificação de rotas e pontos de ônibus.



Fonte: Mapa base do Google Maps com modificações pela autora, 2017.

No entanto, há um consenso geral de que o maior problema é a avenida ser atendida apenas por uma linha de ônibus, a T-402, que faz o trajeto Ponta d'Areia à Deodoro e vice-versa. Assim, é exigido ao passageiro muito tempo no trajeto, pois, a falta de diversidade de linhas os obriga a trocarem de ônibus no terminal de integração, movimento dificultado pelo fato do ônibus não ir diretamente até o terminal, sem antes fazer um longo percurso no bairro da Ponta d'Areia. Na tentativa de resolver este problema de acesso a mais variedade de linhas, alguns moradores contam que preferem subir até a Av. Colares Moreira, e lá encontrar uma linha mais adequada aos seus destinos; como também, muitos preferem descer dos ônibus nesta avenida, e seguir a pé para suas casas.

Figura 16 - Sinalização vertical de ponto de ônibus, na Av. Ferreira Gullar.

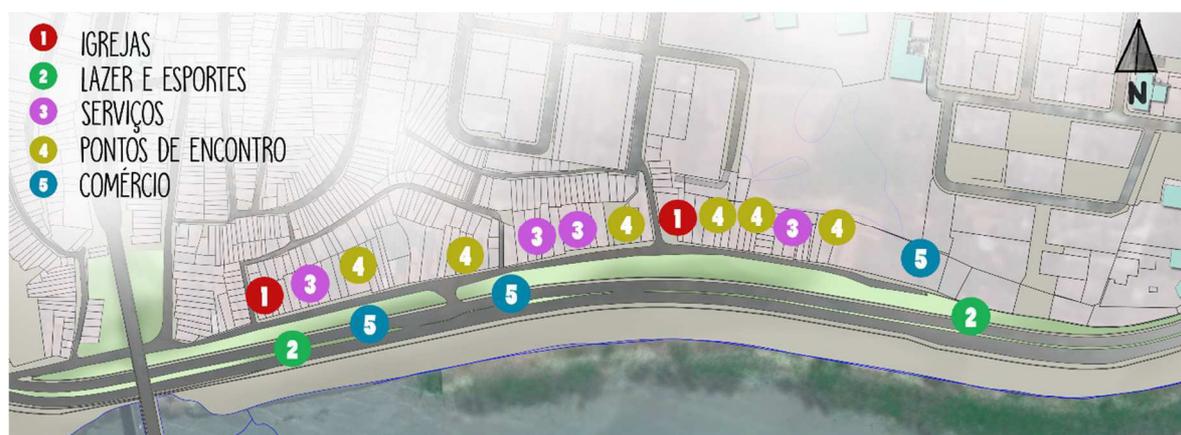


Fonte: Arquivo próprio, 2017.

3.6. Usos e apropriações

Durante a pesquisa observacional, foi feito um levantamento para construção de um mapa de usos e apropriações, de forma que facilitasse a identificação da oferta de serviços e dos espaços utilizados pelos usuários (Figura 17).

Figura 17 - Mapa de análise de usos.



Fonte: Mapa base do Google Maps com modificações pela autora, 2017.

O espaço é predominantemente residencial, apresentando pouca variedade de serviços para a comunidade. Alguns moradores reclamaram da falta de disponibilidade de mercados e feiras, assim como outros espaços variados, como padarias, barbearias, lojas, etc. – informando que precisam de um grande deslocamento para que suas necessidades sejam atendidas. Os serviços encontrados na avenida são de uma oficina mecânica, uma gráfica, um pequeno salão, alguns depósitos de bebida, um bar e também três comércios. Há duas pequenas igrejas na rua e quanto ao lazer, não existem espaços construídos com esta finalidade, com exceção de uma pequena praça feita pela família de um morador. No entanto, um espaço próximo ao bar, no início da rua, é usado como campo de futebol. Ademais, por todo o percurso da rua pode-se notar pontos de encontro, lugares de permanência com mobiliário urbano improvisado pela população.

4. AS PRÁTICAS, AS HISTÓRIAS E O COTIDIANO DA RUA MIGUEL DOMINICI SOARES

Como dito anteriormente, este trabalho utiliza Certeau (1998) como base teórica sobre a forma com que as pessoas se apropriam dos espaços urbanos em seus cotidianos; e também Heller (1985) para melhor compreensão sobre a estrutura da vida cotidiana. Os conceitos e ideias de ambos autores são traduzidos através das experiências em campo, como demonstrado adiante.

4.1. Bricolagens no espaço urbano

Certeau (1998) explica que mais do que apresentar os objetivos de seu trabalho, ele gostaria de apresentar a *paisagem* de uma pesquisa. Tal qual Certeau, o objetivo principal deste trabalho, é apresentar a paisagem de um trecho da Rua Miguel Dominici Soares através do relato das pessoas que a utilizam cotidianamente, sejam moradores, ou frequentadores rotineiros, como trabalhadores e conhecidos. Para isto, é necessário entender como esses relatos promovem a estruturação da rua.

Tais oralidades, livres, contam em sua grande parte ou sobre como se organizava a paisagem em um determinado passado, ou falam sobre as *práticas comuns* naquele lugar, seja em um tempo presente ou passado, através de histórias narradas que acabam recriando a estrutura física e imaginária do lugar. Como exemplo do tipo de relato que explica a organização do espaço, dona Edináia (informação verbal)⁹, de 61 anos conta que

“quando cheguei aqui, até aqui nesse canto aqui a água vinha até por aqui assim... (...) era tipo uma praia assim, tipo uma maré assim, vinha a água mesmo, a água enchia, não tinha lá ((apontando a avenida)), aí a água enchia até aqui, a maré vinha até aqui ((apontando seus pés e uma casa)) ...”.

Com este tipo de relato, é possível construir a imagem de como possivelmente era e entender como funcionava a paisagem descrita (Figura 18).

⁹ Entrevista concedida por EDINÁIA. **Entrevista IV**. [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Figura 18 - Ilustração de como era a rua, segundo o relato de dona Edináia.



Fonte: Foto de arquivo particular, com edições da autora, 2017.

A combinação dessas *práticas comuns* e organizações espaciais acaba por constituir despropositadamente uma “cultura” local, sobre a qual os usuários atuam tanto de forma passiva quanto ativa, pois, além de serem responsáveis pela construção da cultura, também são agentes que *se constroem* a partir desta, tomando para si como verdadeiro e correto os ritos e costumes historicamente comuns àquele local. O processo em que os usuários são ao mesmo tempo crias e criadores de uma cultura aparenta ser contraditório, mas é melhor entendido quando percebemos que a história é o principal direcionamento deste processo. Heller afirma que “a história é a *substância* da sociedade” (1985, p. 02, grifo do autor); e explica que esta *substância* também é feita da *continuidade* de valores, da *continuidade* de práticas nas diferentes esferas sociais. Estas continuidades e a formação da cultura local, se dão no âmbito do cotidiano, sendo assim, “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social.” (HELLER, 1985, p. 20).

Heller explica que “o homem nasce já inserido em sua cotidianidade” (1985, p. 18) e que este homem, “é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem

tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso não pode aguçá-los em toda sua intensidade. ” (HELLER, 1985, p. 17 e 18). Ainda reforça que o homem não pode desligar-se completamente do cotidiano em que está inserido, e que nem é possível agir somente como agente passivo ou somente agente ativo sobre este cotidiano. Isto se dá porque o usuário “é sempre, simultaneamente ser particular e ser genérico” (1985, p. 20), ou seja, em todo homem há sempre a consciência do “eu” e do “nós” agindo em seu cotidiano e nas suas relações com a comunidade.

Retomando o olhar quanto às práticas do cotidiano, Certeau cita que diversas linhas de pesquisa propõem uma comparação destas práticas comuns com *bricolagens* sobre o espaço (1998, p.43). Segundo o dicionário online Michaelis (2017), bricolagem tem sua etimologia na palavra francesa *bricolage* e significa “trabalho ou conjunto de trabalhos manuais ou de artesanato”, sendo assim, entende-se bricolagem como algo feito pela própria pessoa, sem a ajuda de um técnico ou profissional especializado. Disto, pode-se entender a comparação de Certeau do ponto de vista em que a estruturação do espaço - ou melhor, a bricolagem feita no espaço - acontece através do trabalho de várias mãos: manipulações do espaço feitas por todos os seus usuários, de diferentes formas, através da repetição, ou criação de variadas práticas e histórias dentro dos seus cotidianos particulares – e ao mesmo tempo, compartilhados.

4.2. A apropriação através das práticas resistentes

Sabendo-se que o homem constrói o espaço e vice-versa, não podemos ignorar que há diversas formas em que a construção do espaço é influenciada por determinações impostas por leis ou regimentos, como por exemplo, em certo lugar deve-se construir moradias, noutra deve-se construir somente praças, noutra não se pode construir ou praticar “isto” ou “aquilo”. Tais leis são feitas por urbanistas, engenheiros, governadores, planejadores, ou qualquer um provido de poder ou aval para determinar como deve ser um espaço em específico, e que na maioria das vezes não é necessariamente um usuário deste espaço. No entanto, apesar destas predeterminações, Certeau (1998) explica que os usuários do espaço ainda assim se apropriam de diferentes formas daquele lugar, e sobrepõem camadas de significado ou *práticas* que por vezes não vão de encontro com o que foi planejado.

Na busca de explicar como as pessoas se apropriam do espaço urbano e acabam o reconstruindo através de práticas do cotidiano, ele compara essa apropriação ao ato da leitura. Quando se lê algo, o texto já está estruturado, é composto de elementos – palavras, sinais – escolhidos e utilizados com o cuidado de quem quer que o texto leve ao leitor uma experiência já pensada. Um texto se faz com uma intenção prévia de comunicar algo específico ao leitor. A leitura assim se faz parecer uma atividade completamente passiva. No entanto, não é o que acontece na prática. Muito pelo contrário, a leitura promove uma “produção silenciosa” por parte do leitor: através da leitura, há uma “metamorfose do texto pelo olho que viaja” (CERTEAU, 1998, p. 49), o leitor cria em sua mente significados próprios induzidos por suas interpretações pessoais sobre as palavras e sinais, tornando aquele texto único em sua experiência de leitura; e viaja para uma realidade criada por ele mesmo, sim, com base no que está escrito, no entanto, ainda criando uma realidade única, pois é moldada por suas reapropriações de significado e suas particularidades. Essa ressignificação já é por si só, “invenção de memória” e, assim, “um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor.” (CERTEAU, 1998, p. 49). Do mesmo jeito, os usuários – leitores da paisagem –, se apropriam de diferentes formas de um espaço urbano e criam memórias de universos só seus, escrevendo sobre o espaço, seja ele pensado para esses fins, ou não.

Essa metamorfose do espaço que resulta do olhar de seus usuários, é o que torna o lugar “habitável” para essas pessoas, tal qual, segundo Certeau, um apartamento alugado. Um apartamento alugado, ainda que tenha outro proprietário, só passa a ser “habitável” para seu locatário quando este o recharacteriza com significados próprios e o mobilia de memórias e interesses particulares. Isto se dá até mesmo através de pequenas práticas, seja pela pintura da parede de uma cor que o locatário gosta, seja pelo cuidado de colocar um vaso de planta na janela, ou mesmo pelo uso de porta-retratos com fotos que remetam à vida do locatário, reafirmando que ali é *seu* lugar e o ressignificando dia a dia através de seus hábitos cotidianos. No caso deste trabalho, as recharacterizações e apropriações do espaço se dão de várias formas, tal como fez o comerciante Jorge, de 74 anos, que mora há 48 anos

na Rua Miguel Dominici Soares. Jorge (informação verbal)¹⁰ conta, orgulhoso, que assim que se mudou

“todas essas palmeiras aí em frente de casa, eu que plantei aí, reguei, eu que tirei os bichos pra não comer e eu que cuidei pra os marginais não arrancarem (...) nessa hortinha aí a gente planta tudo, planta erva, boldo, cebolinha (...) minha mulher que gosta”.

Figura 19 - A horta do senhor Jorge, feita em local público: em frente à sua casa, no canteiro entre a Avenida Ferreira Gullar e a Rua Miguel Dominici Soares.



Fonte: Arquivo particular, 2017.

Jorge é um bom exemplo para percebermos a construção de memórias e significados no espaço. A prática de plantar, iniciada com as palmeiras, logo depois que se mudou há 48 anos, e continuada com a plantação da horta, ambas em um espaço fora de sua casa – em um canteiro público – e o afinho de ainda cuidar dessas plantas após décadas, são sinônimos de apropriação do local e também de sentimento de pertencimento; aquele lugar agora é quase uma extensão da casa de

¹⁰ Entrevista concedida por JORGE. **Entrevista III.** [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Jorge. Isto se reafirma pelo fato da área conter outras *intervenções* dele, tal como piso cimentado por ele, uma churrasqueira instalada e também uma cobertura improvisada com estrutura de madeira e lona, a qual ele usa como garagem para seu segundo carro (Figura 20 e 21).

Figura 20 - Churrasqueira feita por Jorge, no canteiro em frente à sua casa.



Fontes: Arquivo particular, 2017.

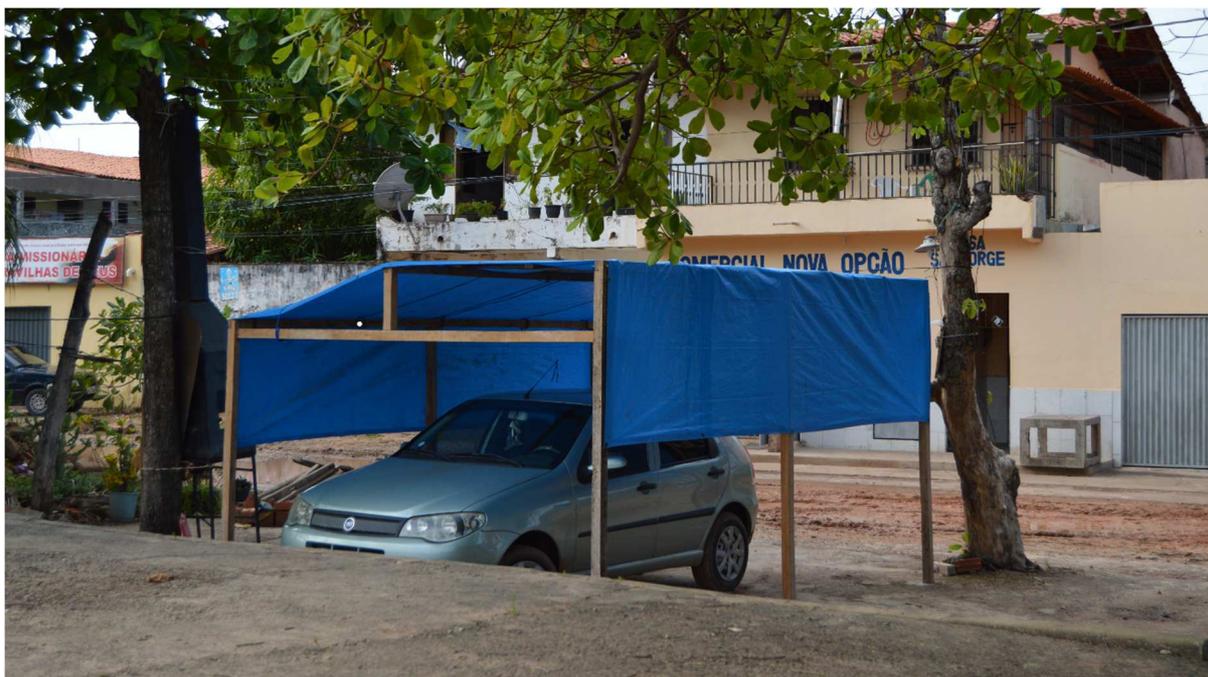
Sendo assim, o planejamento técnico e as leis limitantes para aquele local acabam servindo como base estimulante para a criação de variados cenários por parte de cada usuário. Certeau comenta ainda que na Idade Média, esses “textos” predefinidos como limitadores das práticas e do uso do espaço ainda serviam apenas como um livro de *referências*, como uma fonte de tradições a ser consultada; enquanto, atualmente, lida-se com uma fabricação de sociedade já “feita texto”, sem tradição, tal qual uma grande lei impositiva da produção (CERTEAU, 1998). Ir de

encontro com estas leis de produção e distribuições predefinidas do espaço acaba se tornando também um jogo de resistência. Tal jogo é comandado por forças completamente desiguais: de um lado, o poderoso que impõe regras para o espaço e, em contrapartida, o usuário resistente, oprimido, porém nada frágil e criador de suas próprias regras espaciais. Certeau (1998, p. 79) cita que, neste jogo, se manifesta a opacidade da cultura “popular”, que se opõe às assimilações de regras impostas; e associa os movimentos da cultura popular à *trampolinagem*, ou seja, à “*trapaçaria*, astúcia e esperteza do modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais” (Ibidem, p. 79, grifo do autor). Retomando ao relato de Jorge (informação verbal)¹¹, para exemplificar esta resistência da cultura popular, o mesmo contou que tem problemas recorrentes com a churrasqueira e a estrutura de “garagem” que construiu no canteiro, pois, por serem consideradas instalações irregulares, todo ano ele é notificado pela Blitz Urbana, que ordena que ele retire as instalações, ou ameaça que caso não sejam retiradas, serão demolidas e ele pagará multas:

“Eu digo, olha, eu tô usando esse espaço, tô usando aqui. Eu pago meus direitos, meu comércio, disse pra eles, eu digo, eu pago meu imposto de renda, eu declaro meu imposto todo ano, tá vendo? Tenho um contador pra fazer contabilidade do meu trabalho, tudo certinho, tudo direito... por causa desse, desse ((apontando para churrasqueira e para a cobertura)) ... já tava na corrente! Aí, agora que eu tirei, deixei só amarrado aí. Porque não pode, não é permitido, tudo bem.... Deram prazo, essa casa ((apontando para a cobertura)) deram um prazo de vinte e quatro horas, aí eu mandei rancar todinha, todinha, aí passou o período, né, eles não vieram. ”.

¹¹ Entrevista concedida por JORGE. **Entrevista III**. [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Figura 21 – Vista, a partir da Av. Ferreira Gullar, da estrutura feita por Jorge para guardar seu carro.



Fonte: Arquivo particular, 2017.

Jorge (informação verbal)¹² conta que quando é notificado, sempre retira as instalações; no entanto, mesmo com a insistência das advertências, insiste também em reconstruir seus espaços: “Aí passou o período, uns dias, eu *tornei* botar. Mandeí fazer, porque tenho meus carros, aí o novo fica lá dentro e o velho fica aí fora, coberto.” Este tipo de jogo, acontece em todo o percurso da rua, com as mais diferentes formas de apropriação consideradas irregulares. Porém, há resistência, tal qual a churrasqueira e a cobertura de Jorge, que ainda estão lá. Logo, com obstinação, sagacidade e até mesmo prazer, se criam as mais variadas maneiras possíveis de modificar o espaço do outro, de “fazer com”, na ausência de um próprio. No entanto, isto acontece sem que se crie a necessidade de que o interventor assuma a gestão completa do espaço que modifica, pois, a maior responsabilidade ainda permanece nas mãos de quem dita as regras, a autoridade.

Analisar histórias como a descrita acima, ou outros contos e até mesmo lendas, é também analisar a recorrência dessas práticas em um lugar. Para explicar como lendas e histórias contam sobre práticas comuns, mesmo que não as citem

¹² Entrevista concedida por JORGE. **Entrevista III**. [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

direta e especificamente, Certeau (1998) compara os discursos a artefatos antigos de um museu, que geralmente representam ou são vestígios de objetos comuns à uma determinada época. Estes objetos, que de certa forma são familiares, possuem marcas de um uso que os desgastaram na mesma proporção em que também os encheram de valor e beleza. São objetos que já foram comuns ao cotidiano de uma comunidade, cujas marcas contam sobre as ações rotineiras das quais participaram. Da mesma forma, os discursos têm marcas de uso e trazem para as suas análises as marcas de vários processos; contam sobre operações relativas às situações genéricas de um cotidiano, tal como se indicasse modais de práticas (CERTEAU, p. 82, 1998).

Outra forma que Certeau utiliza para explicar isto, é que assim como o relato de uma partida de jogo, na qual se contam as regras, mas também se ensinam os movimentos e jogadas que funcionam como um melhor esquema para determinada situação ou outra, da mesma forma funcionam as histórias e os contos, que acabam se transformando em modelos para se repetirem no cotidiano. “Uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias” (CERTEAU, p. 85, 1998), sendo que a narrativa dos acontecimentos é feita de uma forma muito mais utópica do que acontece na realidade, pois, no conto, o resultado daquele jogo entre usuários e autoridades, é que o usuário oprimido – porém resistente – é quem ganha, tal como uma história de heróis e guerreiros, como uma inspiração a ser seguida.

Apesar disto, vale citar que nem todos os usuários apresentam tal resistência, muitos são vencidos pela insistência impositora das regras urbanas. As autoridades, através de leis, acabam não só tolhendo os usuários de se apropriarem completamente do espaço, como também não oferecem as manutenções necessárias – prometidas pelo próprio instrumento de lei – àquele local. Ao contrário do relato de Jorge, o morador Raimundo (informação verbal)¹³, de 68 anos, conta que

O dono do bar que criou aquele espaço ali ((se referindo a uma tenda com bancos para jogarem dominó)) pra, pro pessoal que compra. Mas isso aí tem um problema, eu não sei se Seu Jorge te falou, mas passa

¹³ Entrevista concedida por RAIMUNDO. **Entrevista II**. [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

a Blitz Urbana e derruba tudo, as tenda, primeiro eles passam em um dia e no outro dia já vão derrubar, isso eu acho um absurdo. Ai pessoal ali tinha uma tenda muito bem-feita, de vergalhão de ferro muito bem-feita, aí teve que tirar tudo às pressas. Só pra botar o carro de baixo. A gente não pode fazer aqui uma mureta pra fazer um jardim... que eles derrubam. Tinha uma senhora ali, já de idade, que ela fez uma mureta pra colocar o jardimzinho dela. Eles mandaram derrubar, só uma mureta pra proteger na calçada para não passar carro por cima, mas eles não deixam. Mas aí fica o mato pra tirar. Aí você vê esse ano todinho e a rua não tem um meio fio, nem piche. Ai eles não fazem e também não deixam a gente fazer. Ai o que precisa é união, aí as pessoas sabem o que fazer. Mas... aí no começo do ano diz que pra botar esgoto aí, quebraram... acabaram com rua e até agora nada.

Figura 22 - Tenda construída pelo comerciante – e reconstruída várias vezes pelos moradores – para reuniões informais de moradores, práticas de jogos, dentre outras atividades.



Fonte: Arquivo particular, 2017.

Logo em seguida, quando questionado se ele e a esposa, dona Bibiane, de 62 anos, usam o espaço do canteiro em frente à sua casa, tal qual outros moradores

fizeram com a tenda que ele citou, Raimundo (informação verbal)¹⁴ conta que “não, eu mesmo não uso não, porque é pra não dar problema, porque... mas muita gente usa (...) eu mesmo nunca plantei nada ai por causa da lei e por causa disso. ”. O discurso de Raimundo, morador há mais ou menos 20 anos da Rua Miguel Dominici Soares, demonstra como por vezes as regras tecnocráticas eliminam as *autoridades locais*, atacam suas superstições – que enchem o espaço de camadas de significado – e acabam dando oportunidade para o surgimento de um vazio, impedindo que o lugar se torne completamente “habitável” para aquele usuário, tal como o apartamento recaracterizado pelo locatário.

Já em uma terceira perspectiva, a das autoridades, as ações dos usuários nesses jogos e batalhas tem um teor degradante para a cidade. As autoridades tratam tal como catástrofes urbanas, se mantendo em um discurso cujo enfoque é a calamidade e não percebem que, talvez exista ali uma possível via de progresso. Ou, quando percebem isto são implicitamente impedidos de se colocarem em favor dos usuários, pois o custo desse posicionamento lhes seria caro. Certeau (Ibid., p. 175, 1998) sugere que ao invés desta abordagem de calamidades, poder-se-ia seguir “outro caminho: analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprir e que sobrevivem a seu perecimento” e reforça que o surgimento e a reprodução de tais práticas estão muito longe de serem domados ou extintos por qualquer administração. Tais práticas se fortalecem no apoderamento *personalizado* e adaptado das leis por parte dos usuários, tal como uma religião que não foi criada por um certo povo, mas que foi ensinada e repassada a eles e, ainda assim, possui em cada contexto particular, variadas adaptações que não fogem completamente da ideia original, mas possuem claramente o toque diferenciado de cada comunidade. Desta forma camuflada é que os usuários se instalam nos espaços com *táticas ilegíveis* para as autoridades, mas que têm estabilidade o suficiente para constituírem *regulações cotidianas* (CERTEAU, p. 175, 1998), contadas a seguir.

¹⁴ Entrevista concedida por RAIMUNDO. **Entrevista II**. [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

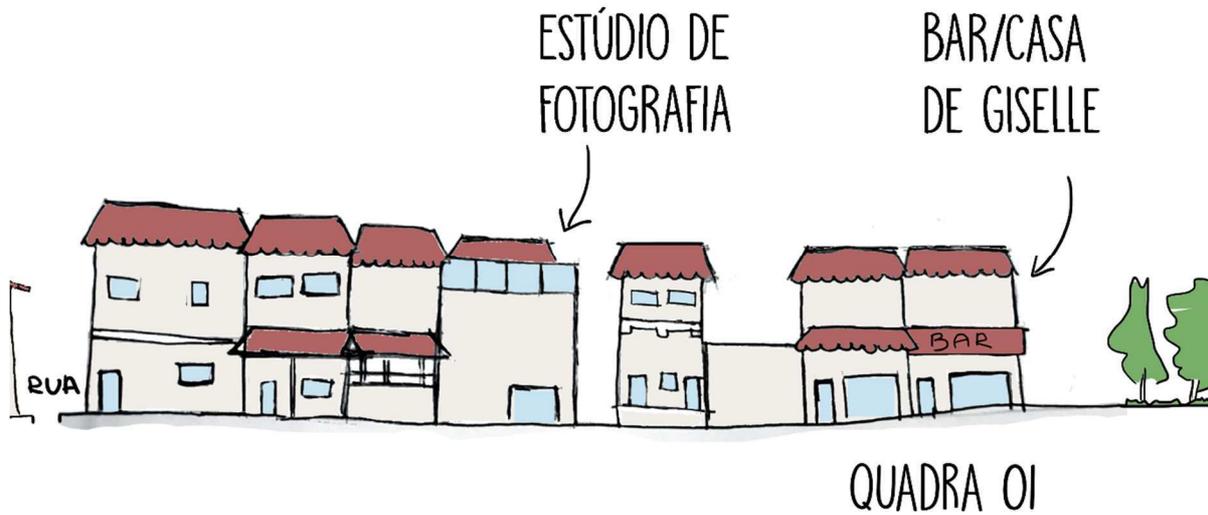
5. A EXPERIÊNCIA CONTADA

“Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço.” (CERTEAU, p. 200, 1998). Neste capítulo é narrada a experiência particular da autora, que por ser também um discurso, resulta em uma imagem – de estrutura diferenciada – do espaço da Rua Miguel Dominici Soares e de seu entorno. No entanto, cabe ressaltar que assim como usuários constroem e são construídos através de culturas e experiências em seu cotidiano, a autora, agora usuária temporária daquele espaço, cria suas próprias imagens, como o leitor cria um imaginário único ao ler um livro. Certeau explica rapidamente esse ponto, citando que cientistas e pesquisadores, como observadores do espaço com suas respectivas individualidades e construção de valores, não poderiam pesquisar e nem analisar de forma completamente imparcial os relatos de um lugar. A partir disto, Certeau (1998, p. 202) cita Merleau-Ponty (1976) concluindo que “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”.

5.1. Um relato meu e deles

De início, sempre que ia fazer pesquisa observacional na área do trabalho, cometia o erro de apenas passar de carro na Avenida Ferreira Gullar, parar em um ponto e ficar observando, anotando, fotografando e desenhando. Isso aconteceu vários dias, pela manhã, tarde e à noite – com menos frequência –, mas sempre que tinha oportunidade, passava e parava ali. O calçadão entre a avenida e a rua Miguel Dominici Soares era sempre muito movimentado, com exceção dos horários próximos ao almoço e próximo às dezoito horas da tarde. Todo mundo que passava, ficava me olhando: apontavam, comentavam, vigiavam. Sempre havia gente sentada na calçada, conversando, bebendo, crianças brincando, ou mesmo alguém sozinho, fumando, ou mexendo no celular. Depois de passar por ali vários dias, a primeira vez que decidi entrar na Rua Miguel Dominici Soares, foi em uma tarde do mês de dezembro de 2016, por volta das dez horas da manhã. Estacionei o carro bem em frente a um estúdio de fotografia, uma casa grande e de portão completamente aberto (Figura 23).

Figura 23 - Esquemática da Quadra 01¹⁵, com localização do estúdio de fotografia e do bar.



Fonte: Ilustração da autora, 2017.

Desci do carro e reparei que tinha algumas pessoas sentadas em mesas de plástico, no canteiro em frente ao bar. Seguida de vários olhares, fui até a porta do estúdio. Chamei, perguntei alto se tinha alguém em casa e uma voz lá de dentro respondeu, “*entra!*”. Lá encontrei dona Rosemeire, uma senhora muito receptiva de 62 anos que me explicou que era a empregada doméstica e trabalhava para o dono daquela casa há pelo menos 27 anos. Expliquei o motivo da minha visita e perguntei para ela se podíamos conversar, desenhar, falar sobre a rua, sobre a rotina dela ali, dentre outras coisas. Logo ela me ofereceu uma cadeira para sentar, ali na cozinha mesmo, pois não podia parar de fazer o almoço, mas podia conversar. Ela me contou que era *difícil chegar no serviço porque*

(...) pra quem mora longe é difícil, porque o transporte é muito longe né assim, tem parada mas é poucos ônibus, tem poucos ônibus, aí passa de uma em uma hora, de duas em duas horas, é raramente passar de dez em dez minutos. (ROSEMEIRE, informação verbal 2016)¹⁶.

¹⁵ Para fins de organização, as quatro quadras trabalhadas foram enumeradas da direita para esquerda, em 01, 02, 03, 04.

¹⁶ Entrevista concedida por ROSEMEIRE. **Entrevista V.** [Dezembro 2016]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2016.

Disse também que ela não utiliza a linha de ônibus que passa na Av. Ferreira Gullar, pela demora e por haver pouca variedade de linhas e que

(...) tem muita gente que trabalham pra cá que descem lá na avenida ((se referindo à Av. Castelo Branco)) e vêm andando (...) eles descem na primeira parada dessa rua... acho que é rua três, aí desce na terceira parada, vem na Paparaubas¹⁷ e vem aqui (...) o ônibus vai lá pra Ponta d'Areia pra depois voltar aqui, é uma volta... e só tem essa linha.¹⁸

Contou também como o “patrão” dela adora morar lá, que dizia que acordar de frente para essa vista – se referindo ao rio – já era uma maravilha e que independente disso, era um lugar muito tranquilo e bem localizado. Disse que ela também gostava de trabalhar lá, que a avenida era muito bonita, mas que os moradores jogavam muito lixo. Quando perguntei o que achava do local, ela disse que achava muito bom andar lá, mas só pela manhã, pois no restante do dia, o sol era muito quente; e que muita coisa poderia melhorar lá, por exemplo, poderiam ter parquinhos pois lá tem muitas crianças que brincavam na rua e

“é perigoso por causa da avenida né? Passa muito carro rápido e não respeita, não respeita os adultos, nem os idosos. Aqui já teve várias mortes né, de acidente de carro, as senhoras caminhando seis horas da manhã e o carro bate, já morreram várias senhoras (...) tinha que ter um sinal, alguma coisa (...)”¹⁹

E complementou que às vezes as crianças banhavam no rio. Contou que em relação a outros tipos de perigo ela não tinha medo e que nunca havia visto nada de assaltos, mas que todos comentavam sobre. Contou que as pessoas de outros bairros falavam muito mal do São Francisco, que era muito perigoso. Dona Rosemeire finalizou comentando que queria muito uma feirinha ali e que “o pessoal” reclama muito disso, pois todos vão na feira do São Francisco, que fica próxima do

¹⁷ Rua das Paparaubas, no bairro São Francisco.

¹⁸ Entrevista concedida por ROSEMEIRE. **Entrevista V.** [Dezembro 2016]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2016.

¹⁹ Ibidem, 2016.

supermercado “Bom Preço”, lugar muito longe para ir a pé comprar as coisas do dia a dia.

Saindo do estúdio de fotografia vi que a rua estava quase vazia, pois já era quase a hora do almoço, decidi então ir no bar que havia visto antes que era logo ali perto (Figura 23). Assim que cheguei, encontrei uma moça, a Giselle, de 35 anos e seu filho, que deveria ter aproximadamente 4 anos, rodando e brincando ao redor dela. contei o porquê de estar ali e perguntei se ela gostaria de desenhar e conversar comigo sobre a rua e, prontamente, ela começou a me falar que é moradora há 30 anos e que gosta muito do bairro, mas que achava o transporte muito ruim e que não tinha uma “praça de lazer” para as crianças e adolescentes e que eles sempre ficavam brincando na rua, mas que era muito tranquilo. Reclamou que os carros passam em alta velocidade “porque não tem uma sinalização, não tem uma placa, não tem nada” (GISELLE, informação verbal, 2016)²⁰ e também que as ruas sempre têm muito lixo espalhado, que “no tempo que inaugurou a avenida era muito *top*, mas agora as pessoas são sujas”²¹, também porque não têm um lugar apropriado para jogar o lixo, apesar da coleta ser regular. Sobre o transporte público Giselle disse que

*aqui passa um único ônibus né, que é o ponta d’areia, é ruim porque só passa esse... demora um pouquinho, às vezes não, às vezes sim, e às vezes a gente vai pra integração e ainda tem que descer lá (...) é muito ruim, ele não vai direto pro centro, é muito ruim, pra quem fica esperando um ônibus vinte minutos, meia-hora (...) é só uma linha que passa, poderia melhorar com duas linhas né.*²²

Comentou também que as pessoas do bairro gostam muito de fazer caminhada no calçadão da avenida, inclusive a mãe dela, apesar do calçadão estar “se destruindo”, e que às vezes vinham grupos de ciclistas andar lá. Disse que em relação à segurança, achava muito tranquilo, que todo mundo se conhece então “ninguém mexe com ninguém”, mas que sabia que pessoas de fora do bairro tinham medo por conta de histórias de facções. Finalizou dizendo que faltava esgoto e que

²⁰ Entrevista concedida por GISELLE. **Entrevista VI**. [Dezembro 2016]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2016.

²¹ *Ibid.*, 2016.

²² *Ibid.*, 2016.

queria uma estrutura igual à do Espigão Costeiro, na av. Ferreira Gullar. Logo foi chegando a hora do almoço e o filho de Giselle insistiu para ela entrar na casa, então decidi voltar outro dia na rua.

Passado algum tempo, voltei para a rua Miguel Dominici Soares, em um dia de semana, por volta de dezesseis horas da tarde. A rua estava movimentada de trabalhadores, que estavam fazendo algum serviço mais próximo da ponte. Em uma área do canteiro, havia um grupo de senhores jogando dominó, embaixo de uma estrutura improvisada, coberta por uma lona alaranjada; pareciam estar se divertindo muito. Depois de dar algumas voltas de carro, estacionei, tirei fotos, fiz alguns desenhos e logo vi duas senhoras sentadas na porta de uma casa e fui falar com elas. Me apresentei, expliquei que estava fazendo uma pesquisa para minha monografia e perguntei se poderia sentar na calçada para conversar com elas. A mais idosa, dona Francisca, de 74 anos, disse que não queria conversar. Enquanto Edináia, de 61 anos, concordou em falar comigo, apesar de aparentar um pouco de desconforto na decisão, pois disse que achava que não saberia responder às minhas perguntas. Pedi que não se preocupasse e expliquei para ela que não era um questionário e sim só uma conversa sobre a rua e o cotidiano delas, então ela sorriu e começou a falar mais livremente. Dona Francisca, que estava ao lado ouvindo tudo, logo começou a responder espontaneamente algumas perguntas. Perguntei para elas como era aquele lugar quando se mudaram e Edináia (informação verbal)²³ respondeu que veio do interior em busca de uma vida melhor e que

quando cheguei aqui, até aqui nesse canto aqui a água vinha até por aqui assim... (...) era tipo uma praia assim, tipo uma maré assim, vinha a água mesmo, a água enchia, não tinha lá ((apontando a avenida)), aí a água enchia até aqui, a maré vinha até aqui ((apontando seus pés e a casa)).

Também disse que lembra quando construíram a avenida Ferreira Gullar, era muito bonita e que foi muito bom para eles, mas que depois ficou abandonada e passou a ser “esconderijo do que não presta” (EDINÁIA, informação verbal, 2017).

²³ Entrevista concedida por EDINÁIA. **Entrevista IV.** [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Disse que acha que a rua Miguel Dominici Soares precisaria ser mais cuidada, que estavam colocando esgoto e talvez melhorasse, mas que continuava tudo sem asfalto e com problemas de abastecimento de água. Contou que não usava os ônibus que passam na Av. Ferreira Gullar, mas sim que subia até a Av. Castelo Branco, por uma escada que fica ao lado da Ponte Gov. José Sarney, pois assim encontrava mais opções de ônibus. Disse que o bairro é bem movimentado e que “às vezes no final da tarde a gente fica quase sem poder atravessar de um lado pro outro, só de carro passando carro direto”²⁴, mas que isso não a incomodava muito, pois ela não saía muito de casa, pois cuidava da mãe idosa de 96 anos. Comentou sobre o problema do lixo, que não tem lugar próprio para despejo, mas disse que quando as pessoas usam sacos fechados e nenhum animal rasga, a coleta é feita direito. Conversou muito sobre os hábitos dela dentro de casa, dentre outras coisas pessoais, até que a chamaram e então comecei a conversar com dona Francisca. Dona Francisca (informação verbal, 2017)²⁵ começou logo falando que queria muito que fizessem uma praça com uma academia para idoso, mas que

muita gente fala assim, ‘ah não é bom fazer uma praça, não é bom fazer nada, porque dá muito malandro, vem fumador de maconha’, porque tu sabe que todo bairro tem e aquele pedaço ali é contaminado ((apontando para a ponte)) e a gente não pode fazer nada

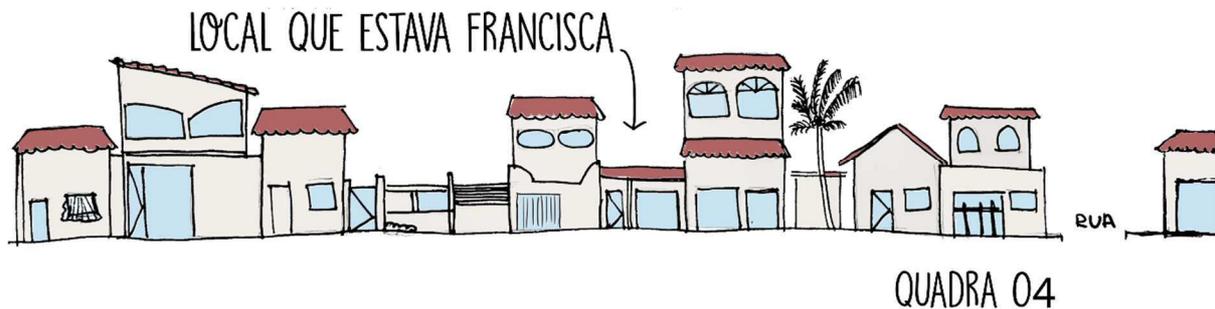
Então abaixou o tom de voz e logo começou a comentar que alguns moradores mais próximos da ponte, começaram a aumentar seus muros, por conta de perigo. Depois começou a me explicar que tinha escola ali perto e um posto de saúde perto da lagoa²⁶ e um posto policial, mas que era muito longe.

²⁴ Entrevista concedida por EDINÁIA. **Entrevista IV.** [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

²⁵ Entrevista concedida por FRANCISCA. **Entrevista I.** [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

²⁶ Laguna da Jansen.

Figura 24 - Esquemática da Quadra 04, com local em que estava Francisca.



Fonte: Ilustração da autora, 2017.

Contou também que costumava caminhar no calçadão da avenida, mas que parou o hábito, pois ficou com medo de ser atropelada, principalmente depois do atropelamento de uma amiga dela. Outro ponto em que passou bastante tempo comentando, foi sobre os casebres que ficam sob a ponte do São Francisco, os quais, segundo ela, já foram retirados várias vezes, porém sempre retornam. Logo depois chegou uma amiga de dona Francisca, que não se identificou e ambas começaram logo a comentar como seria bom se o calçadão da Avenida Ferreira Gullar fosse como o calçadão de Copacabana, no Rio de Janeiro, com quiosques, sorvete e água de coco. Comentou que acharia muito bom também se colocassem “uma estatueta do que inaugurou aqui, o Ferreira Gullar, porque o nome é Ferreira Gullar, mas não tem nada que identifique Ferreira Gullar, pra aí quando chegasse cinco horas, você chegasse no pôr-do-sol, você ir lá se sentar e tirar uma foto”²⁷.

Logo em seguida, todas entraram na casa e voltei a caminhar na rua, o sol estava quase se pondo, mas os senhores que estavam jogando dominó continuavam lá, em menor número, mas com a mesma agitação; eu podia ouvir de longe o barulho das pedras de dominó batendo na mesa. Continuei andando e mais à frente, achei uma barraca feita de palha seca (Figura 25), construída no canteiro entre a rua e a avenida; dentro estava um homem, com quem fui falar.

²⁷ Entrevista concedida por FRANCISCA. **Entrevista I.** [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Figura 25 - Barraca em que Carlos estava.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Ele se chamava Carlos, era um *faz-tudo*, como ele descreveu e tinha 46 anos. Carlos (informação verbal)²⁸ contou que não morava na rua Miguel Dominici Soares, mas disse que “é boa, se eu não fico nem na minha rua, porque não posso beber lá que mamãe reclama, aí eu venho pra cá” e disse que desde pequeno, ia muito lá. Contou que quando criança, tudo aquilo era maré, que não havia quase nada de infraestrutura e que desse jeito era melhor. Fiquei curiosa e perguntei para ele o porquê de achar melhor quando só tinha a maré, ele respondeu prontamente que “um motivo? É porque quando era maré todo mundo ia pescar e *trabaiava*, e depois que fizeram a avenida a maioria ali ficou bandido!” (CARLOS, 2017). Carlos contou também sobre uma praça que fica próxima à ponte, a qual chamou de “praça dos *biriteiros*”. Disse que um soldado reformado construiu a praça, mas que não tinha muita opção. Comentou que o bairro era animado, que ia bastante gente em alguns bares lá, pois tinha sempre *seresta* e *pagode* e que era tudo bem tranquilo. Quando questionei se tinha alguma coisa que o incomodava naquele lugar, ele respondeu que a velocidade dos carros, pois

²⁸ Entrevista concedida por CARLOS. **Entrevista VII.** [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

*Sabe quando tu pega daquela entrada da ponta d'Areia, não tem? Aquela pousada lá, que entra de lá? Neguinho vem da praia pra cá, aí vem por aqui, naquela adrenalina né, vem doido... ai capota! Já caiu um ali, outro ali, outro ali...*²⁹

E comentou que o excesso de velocidade causava muitos acidentes. Disse também que se tinha algo que não queria para aquela avenida, era algo como a reforma do Espigão Costeiro, comentando que “o espigão, tá aí uma coisa que foi estragada, porque tu podia fazer outra coisa, escola, posto de saúde!” (CARLOS, 2017). Perguntei para ele se não havia nenhuma destas coisas lá por perto e ele comentou sobre uma associação após a ponte, que oferecia esses serviços, mas que não era o suficiente. Quando questionei se ele gostaria que tivessem mais postos de serviços, ele respondeu que

Não era mais, era só mais uma, era só funcionar. Não é o mais, o funcionar é melhor do que o mais. Não adianta eu colocar uma associação aqui e outra bem ali, essa aqui funciona, aquela ali para, pra que fiz dois? Um funcionando é melhor do que ter os três parasitas (...) (CARLOS, 2017).

Logo em seguida, comentou sobre a difícil realidade das pessoas que moravam nas palafitas, de como ele via as crianças crescendo em cenários de roubo e consumo de drogas, pois morava próximo da “favela” e havia sido criado lá. Comentou que eu só entenderia a “real vida na cidade” quando entrasse em uma dessas palafitas e visse como tudo funciona. Carlos passou bastante tempo comentando sobre o que já tinha visto nas palafitas, contando como achava que tudo estava indo por um caminho errado e terminou nossa conversa dizendo que se tinha algo que ele queria que fosse feito naquela área era “uma escola comunitária pra botar os *menino* pra não ser malandro” (Ibid., 2017). Quando acabamos, já estava escuro e a rua mais vazia, então decidi voltar outro dia.

No terceiro dia de entrevistas, cheguei na Rua Miguel Dominici por volta de quinze horas. Era um dia quente, de muito sol, a rua estava movimentada por pessoas

²⁹ Entrevista concedida por CARLOS. **Entrevista VII.** [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

passando, crianças andando de bicicleta, muita gente sentada nas calçadas ou em cadeiras e bancos de madeira improvisados nos canteiros (Figura 26).

Figura 26 - Bancos de madeira no canteiro. Presença de entulho no canteiro.



Fonte: Arquivo próprio, 2017

O canto onde os senhores jogavam dominó naquele outro dia, estava lotado – na verdade, com exceção da hora do almoço, somente em um dia passei lá no meio da tarde e não havia ninguém (Figura 27).

Figura 27 - Moradores reunidos, jogando.



Fonte: Arquivo próprio, 2017.

Embaixo das árvores do canteiro o clima era muito mais confortável, pois havia muita sombra das árvores, logo entendi porque a maioria das pessoas preferia ficar desse lado da rua. Andando pelo canteiro, vi uma senhora, uma moça e uma criança, sentadas na calçada que levava à avenida. Eram todas parentes: a avó, dona Antônia, de 78 anos; a neta, Valéria, de 31 anos; e sua filha, Mickaella, de 5 anos; todas extremamente simpáticas e receptivas. Perguntei se poderia me sentar para conversar com elas, disseram que sim. Neste dia havia levado um bloco de papel formato “A3” e um estojo cheio de lápis de cor, então resolvi perguntar se elas gostariam de fazer desenhos sobre a rua, sobre coisas que gostariam e não gostariam, ou mesmo qualquer desenho que contasse sobre a rua. Dona Antônia (informação verbal)³⁰, tal qual as senhoras do outro dia, preferiu só conversar. Disse que morava ali (Figura 29) desde 1992 e que quando chegou lá a água ia bem próximo às casas.

Figura 28 - Mickaella, Valéria e dona Antônia.

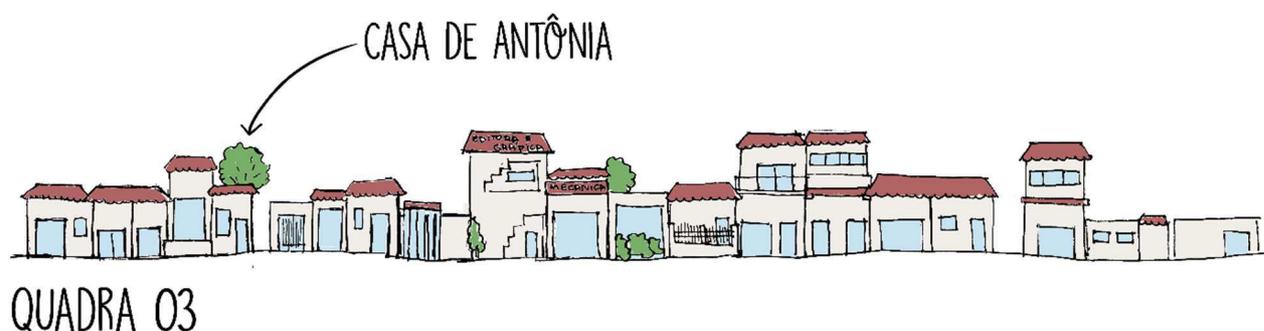


Fonte: Arquivo próprio, 2017

³⁰ Entrevista concedida por ANTÔNIA ALVES DA ROCHA SANTOS. **Entrevista VIII**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Também citou que gostaria muito que arrumassem a “buraqueira” que estava a rua, pois pela falta de asfalto, a rua havia ficado completamente irregular e, quando chovia, virava uma grande poça de lama. Comentou que para ela seria muito bom se ali próximo houvesse opções de quiosques com “merendas”, padarias, supermercados e uma feira, pois não tinha nada dessas coisas próximo e, por isso, precisava sempre ir muito longe quando faltava algo em casa. Ela e Valéria enfatizaram que não queriam para a rua mais bares e lugares que promovam muitas festas, “por conta da bebedeira”³¹. A idosa confessou também que se incomodava muito com o lixo e a quantidade de entulhos que havia no canteiro e que por isso gostaria que colocassem lixeiras lá.

Figura 29 - Esquematização da Quadra 03, com localização da casa de Antônia.



Fonte: Ilustração da autora, 2017

Já Valéria (informação verbal)³², em um primeiro momento disse que não sabia desenhar, ficou um pouco receosa, mas em seguida concordou em fazer um desenho e conversar. Me apresentou Mickaella e Miguel, seu outro filho, de 9 anos, que havia acabado de chegar lá em sua bicicleta. Disse que uma coisa que não poderia faltar ali, era uma pracinha com muitas árvores, tanto para as crianças brincarem, como também para os adultos fazerem ginástica e terem onde se reunir.

³¹ Entrevista concedida por ANTÔNIA ALVES DA ROCHA SANTOS. **Entrevista VIII.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

³² Entrevista concedida por VALÉRIA. **Entrevista IX.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Figura 30 - Desenho feito por Valéria durante a entrevista.



Fonte: Arquivo da autora, 2017

Comentou que queria que os canteiros fossem limpos – sem mato e lixo – e que acharia muito legal se fossem cheios de pneus coloridos, de móveis feitos com pneus e madeiras coloridas, em que pudessem sentar, usar como mesa e também decorar o lugar. Comentou que gostaria de um posto de saúde também, então começou a desenhar (Figura 30). Enquanto Valéria desenhava, fui tentar falar com Mickaella, que me olhava atentamente enquanto eu conversava com sua mãe. Valéria logo parou de desenhar pois chegou uma moça carregando a outra filha dela, um bebê recém-nascido, que precisava ser amamentado.

Figura 31 - Esquematisação da Quadra 01, com localização da casa de Valéria e seus filhos.



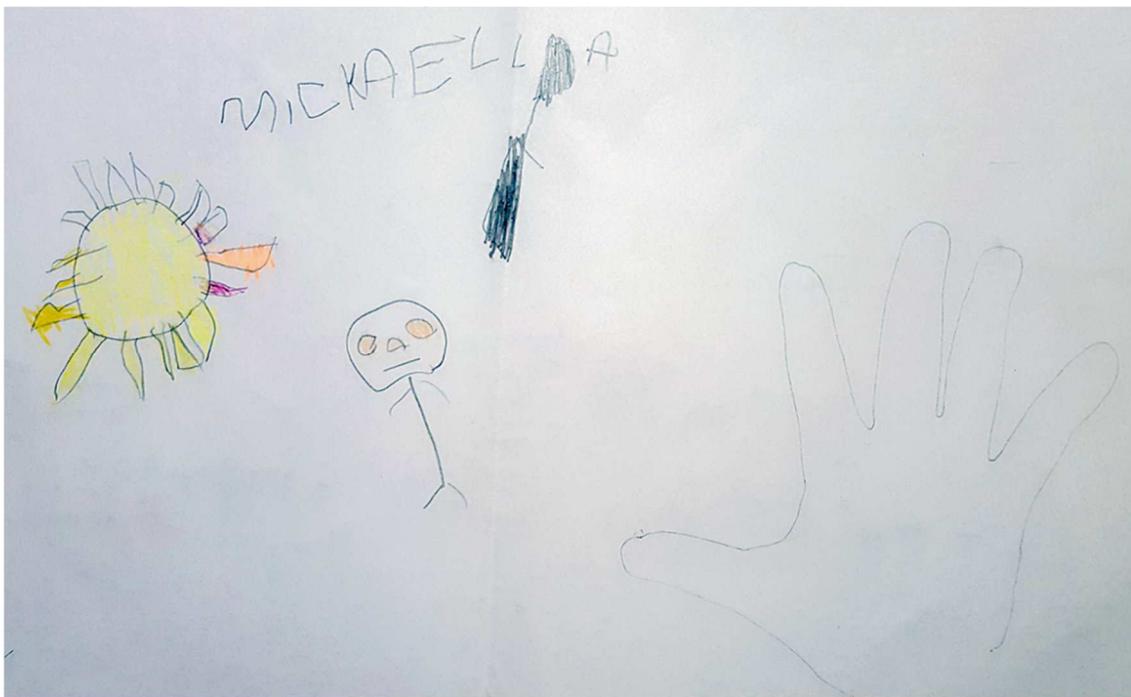
QUADRA 01

Fonte: Ilustração da autora, 2017

Ao me aproximar de Mickaella ela estava um tanto desconfiada e envergonhada, seu irmão Miguel, brincava ao lado sem dar muita atenção a nós duas,

ao mesmo tempo que ela evitava cruzar olhares comigo. Sentei-me ao lado dela, para poder explicar um pouco do que estávamos fazendo e o propósito da atividade. Aos poucos ela foi se soltando e aceitou desenhar enquanto conversávamos. Perguntei sobre como era morar na Miguel Dominici, ela timidamente respondeu que gostava. Perguntei se ela tinha alguma amiguinha morando perto para brincar e se ela brincava na rua; ela respondeu que sim, nesse momento o seu irmão interrompeu dizendo que ela tinha uma amiga que morava do lado da casa da avó. Mickaella (informação verbal)³³ respondeu prontamente: “uma não, eu tenho várias amigas, várias...”.

Figura 32 - Desenho feito por Mickaella.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Durante essa interação ela estendeu a mão para as folhas que segurava e começou a rabiscar (Figura 32). Aproveitei a situação para pedir para ela desenhar o que ela fazia com as amigas na rua, e ela respondeu que brincava, mas que brincava mais quando estava no colégio porque a mãe dela não deixava ela brincar na rua com medo de carros. Perguntei se ela ia a pé para o colégio com a mãe, e ela: “Não, vou de moto com papai, colégio é logo ali ((apontando para área da ponte)), ele me leva de moto de manhã. ” (MICKAELLA, 2017). Percebendo que ela não estava fluindo

³³ Entrevista concedida por MICKAELLA. **Entrevista X.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

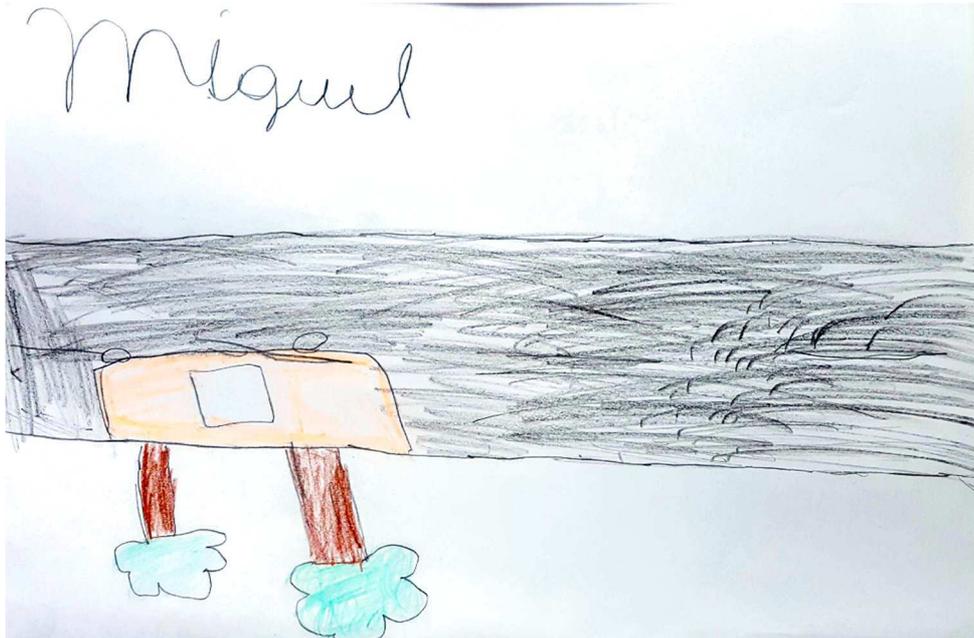
nos desenhos pedi para ela me falar um pouco da escola, porque ela brincava mais lá - nesse momento a mãe dela entreviu pedindo para ela desenhar um pula-pula, porque quando tinha um na rua, ela chorava para não sair dele. Ela então começou a desenhar mais livremente, testando todos os lápis, especialmente os de cor neon, seu irmão sentou-se ao lado, puxou uma folha de papel e começou a desenhar, ambos foram ficando mais à vontade, puxando vários lápis e testando as cores no papel. Mickaella então começou a me contar sobre as brincadeiras dela na escola, que ela gostava de bonecas. Perguntei então do que ela mais gostava na rua, ela respondeu que não sabia, que só queria um lugar para brincar³⁴. Percebi que ela estava voltando a ficar envergonhada, decidi brincar com ela contornando a mão dela no papel, a entrevista logo encerrou com Valéria a chamando para ir para casa.

Já Miguel (informação verbal)³⁵, no primeiro momento mostrou-se mais arredio, ficou andando com sua bicicleta de um lado para o outro na calçada. Perguntei se ele queria participar, ele respondeu que não, em seguida perguntou sobre o que se tratava e, ao ouvir a resposta, saiu dizendo que ia brincar, que não gostava de desenhar. Foquei então em sua irmã, alguns instantes depois, ele deitou a bicicleta no chão e sentou-se ao lado de Mickaella, mexendo no estojo de lápis, perguntando para que era aquilo e quem eu era. Conversamos um pouco, perguntei sobre a escola dele, se era no bairro e se ele ia só, apontando para a bicicleta, ou se os pais iam deixar ele. Ele logo respondeu que “não, vou de moto com papai também, as vezes a pé... mamãe não deixa eu andar de bicicleta na rua, só na calçada aqui da frente.” (MIGUEL, 2017). Nesse instante ele pegou uma folha de papel, começou a falar com a irmã sobre as cores, me perguntou de novo o que ele desenhava, respondi que o que ele mais gostava na rua, ele então começou a rabiscar e a desenhar sem falar muito, parando vez ou outra para interagir com a irmã. Então terminou o desenho (Figura 33), me entregou, pegou a bicicleta e sorrindo disse: “Terminei, tchau!” (Ibidem, 2017).

³⁴ Entrevista concedida por MICKAELLA. **Entrevista X.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

³⁵ Entrevista concedida por MIGUEL. **Entrevista XI.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Figura 33 - Desenho feito por Miguel.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Um grupo de estudantes passou por nós enquanto estávamos nos despedindo da família da Valéria, o Miguel gritou por eles perguntou se eles não queriam ajudar. De primeiro eles se recusaram, mas logo foram se aproximando perguntando sobre o que se tratava. Percebi que, ao contrário da maioria dos adultos, as crianças se interessavam muito mais em desenhar do que falar, apesar de logo falarem que não o sabiam fazer tão bem. Eles estavam bem-dispostos e brincando entre si, abordei então o João Pedro (informação verbal)³⁶, de 11 anos, que estava mais calado, de lado, segurando uma flor de papel. Perguntei quem deu a flor para ele e ele disse que a “tia” – se referindo a professora do colégio –, perguntei se ele não queria ajudar, pois estávamos fazendo uma pesquisa, ele ficou um pouco envergonhado mas disse que sim, estendi uma folha de papel grande para ele, ele sentou na calçada, ficou parado uns instantes enquanto seus colegas se reuniam em volta brincando, gritando e apontando uns para os outros para desenharem.

³⁶ Entrevista concedida por JOÃO PEDRO. **Entrevista XII**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Figura 34 - Estudantes entrevistados.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

O João só sorria e dizia para eles desenharem também; enquanto se concentravam em seus desenhos, comecei a perguntar se eles moravam ali e se iam todos os dias andando para escola. Eles disseram que sim, que todos os dias eles iam juntos e voltavam juntos. Perguntei se ele – João – gostava de morar ali e o que eles faziam mais na rua, ele disse que ele gostava de ficar mais em casa, jogando vídeo games³⁷ – seus amigos riram dizendo que ele só sabe ficar no *tablet*, jogando e nunca sai. Mas também disse que gostaria que ali tivesse uma quadra, porque no campinho mais perto (Figura 36), os adultos não deixam eles jogarem. Paulo (informação verbal)³⁸, que estava do lado, entrevistou dizendo “A gente brinca na rua ali do lado ((apontando para uma rua que corta a Miguel Dominici)), porque lá em cima a gente não pode e aqui em baixo tem muito carro passando” (Figura 35).

³⁷ Entrevista concedida por JOÃO PEDRO. **Entrevista XII**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

³⁸ Entrevista concedida por PAULO. **Entrevista XIII**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Figura 35 - Esquemática da Quadra 01 e 02, com localização da rua e o campo onde brincam, e *kitnet* onde parte dos meninos moram.



Fonte: Ilustração da autora, 2017

Figura 36 - Campo improvisado, ao lado da rua Miguel Dominici.



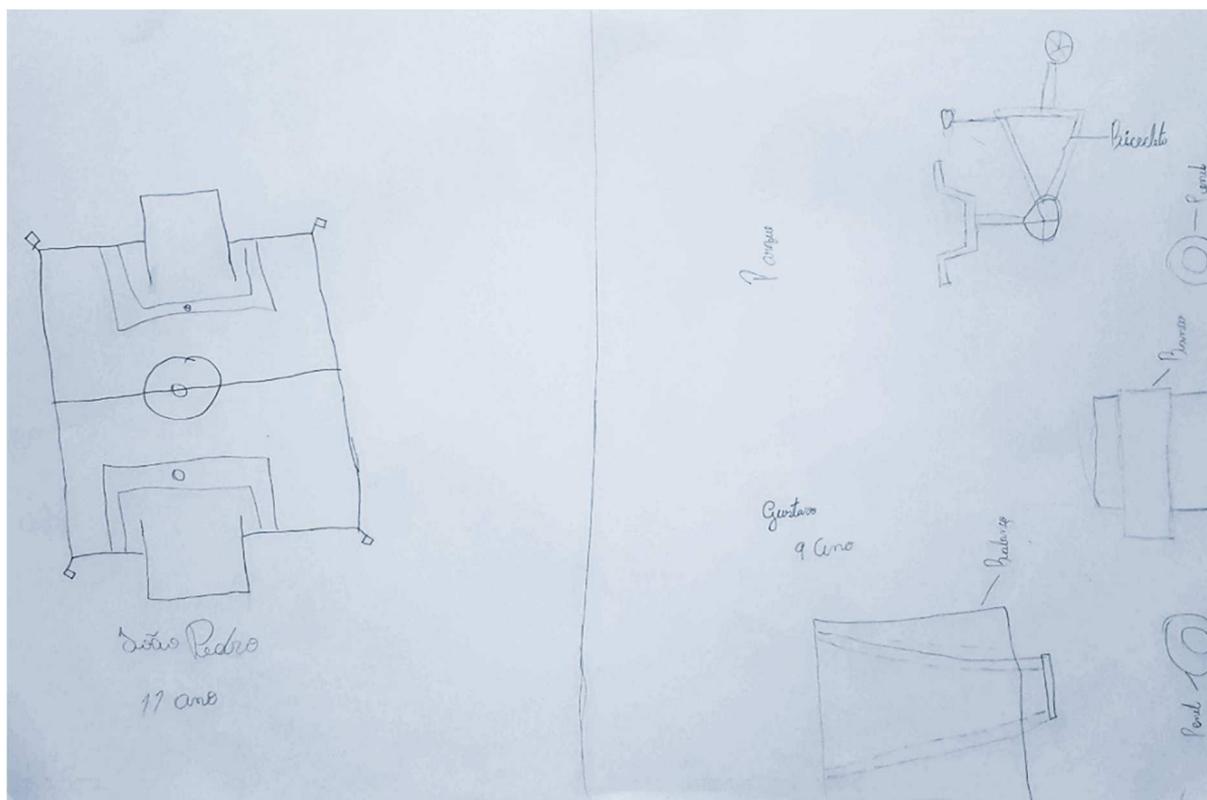
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Reparei que Gustavo não estava desenhando, então perguntei para ele o porquê, ele logo me perguntou: “tia, mas não é a senhora que tem que falar o que é pra ter aqui na rua?” (GUSTAVO, informação verbal, 2017)³⁹, expliquei que não, que ele poderia imaginar o que quisesse nessa atividade e que com certeza seriam ideias melhores que as minhas, já que eu não morava lá. Gustavo sorriu e disse “não sei não”, então pegou a mesma folha que o João Pedro usava, (Figura 37) dizendo que eles gostavam muito de morar ali, que a escola era longe – apesar de eles irem andando – mas que eles queriam era só uma área para brincar, porque na avenida tem muito carro e a rua em baixo não tem “piso”, ele disse que queria uma pracinha,

³⁹ Entrevista concedida por GUSTAVO. **Entrevista XIV**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

“essas com pneus coloridos, sabe tia?” (GUSTAVO, 2017) e um lugar para andar de bicicleta, e concluiu: “eu nem tenho bicicleta, porque papai não deixa, mas se tivesse um lugar pra andar, eu andava...”.

Figura 37 - À esquerda, desenho feito por João Pedro: um campo de futebol; à direita, desenho feito por Gustavo: uma bicicleta, um balanço, um banco, e pneus.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Perguntei se eles não brincavam ali no calçadão ou na parte baixa onde tem as árvores; ele respondeu que não, que eles queriam um banquinho, um parque, porque ali nunca ia parque. No decorrer dessa conversa os demais estudantes ficaram intervindo, brincando. Eu brinquei em relação as flores que eles seguravam, perguntando porque a professora tinha dado as flores, eles riram e disseram que ela “só entregou agora na saída...”. O João, ainda tímido, disse que terminou o desenho e chamou Wanderley (informação verbal)⁴⁰ para desenhar, ele logo disse sorrindo que não gostava, “eu gosto é de falar, e não desenhar, escrever...”. Todos riram, os meninos começaram a brincar dizendo que ele falava muito mesmo. Eu disse para

⁴⁰ Entrevista concedida por WANDERLEY. **Entrevista XV**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

ele falar, então começou a reclamar do lixo, que tinha muito lixo na rua, muita poluição, sempre brincando.

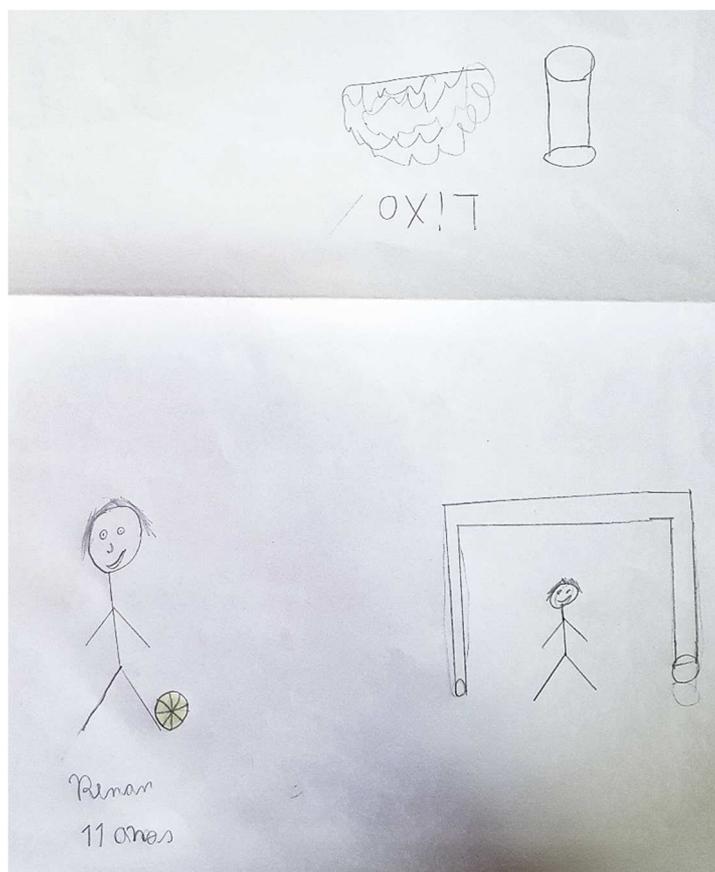
Figura 38 - Desenho feito por Paulo.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

As falas de todos foram bem parecidas, pedindo uma área para brincar, reclamando de ter que ir a pé para o colégio, falando do lixo. A entrevista terminou conosco pedindo uma foto, o João Pedro então se aproximou perguntando se ele podia ver a câmera, logo todos correram e se aproximaram pedindo para tirar uma foto também, rindo passando a câmera de um para o outro, tirando fotos uns dos outros e da rua. Já escurecia quando eles se despediram falando que estavam “com fome, tia, tá na hora de lanchar”.

Figura 39 - Desenho feito por Renan.



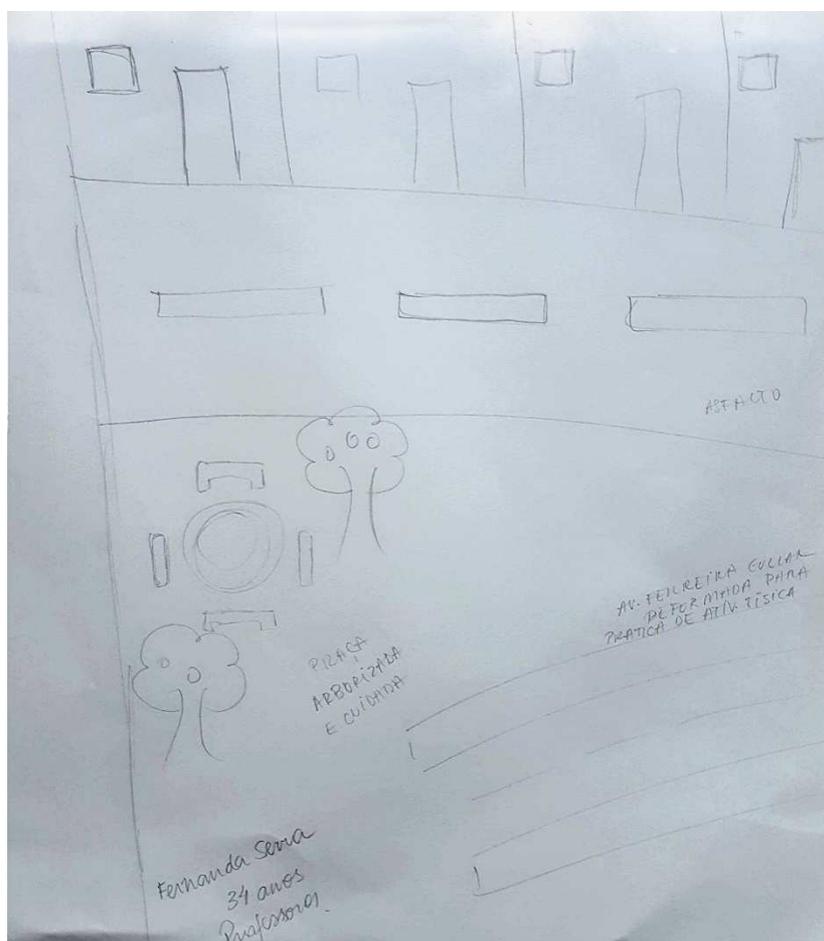
Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Depois que os meninos seguiram para casa, o sol já estava se pondo, subi para a Avenida Ferreira Gullar e lá encontrei no caminho uma moça caminhando com uma menina, me apresentei e perguntei se poderia conversar com ela, que me explicou que estava com pressa pois já estava ficando escuro, mas que falava rápido comigo. A menina não quis conversar comigo e ficou esperando a mãe, que era professora e se chamava Fernanda Serra (informação verbal)⁴¹, de 34 anos. Fernanda concordou em desenhar (Figura 40) e contou que o que ela mais queria para aquele local era que fosse mais cuidado, que fizessem manutenção na avenida e colocassem asfalto e esgoto na Miguel Dominici. Disse que achava que o calçadão da avenida seria um bom lugar para praticar caminhadas e atividades físicas caso

⁴¹ Entrevista concedida por FERNANDA SERRA. **Entrevista XVI**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

fosse “consertado” e que gostaria muito de uma praçinha arborizada, para as crianças e os idosos terem onde ir; então me entregou o desenho e seguiu para casa.

Figura 40- Desenho feito por Fernanda Serra.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Nesta hora, já estava escuro, resolvi voltar para a Rua Miguel Dominici e ver se achava alguém na rua. Lá encontrei o senhor José Rosário (informação verbal)⁴² – um mecânico de 53 anos – e o seu ajudante, Anderson Barbosa, de 31 anos. José Rosário contou que mora lá há mais ou menos 20 anos, que sua casa era atrás da oficina (Figura 41 e 42). Disse que quando se mudou ali era tudo mangue, comentou que “a maioria era *casa palito*, igual as que tem ali ((apontando para o lado da ponte))”, até que foram “entulhando” e aí construíram as casas de alvenaria. Ele estava meio

⁴² Entrevista concedida por JOSÉ ROSÁRIO. **Entrevista XVII.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

tímido e disse que não tinha muito o que falar, então um cliente o chamou dentro da oficina e o seu ajudante começou a conversar comigo.

Figura 41 - Esquemática da Quadra 03 e localização da oficina de José Rosário.



Fonte: Ilustração da autora, 2017.

Figura 42 - Rua Miguel Dominici Soares, com localização da gráfica e da oficina mecânica.



Fonte: Arquivo da autora, 2017

Anderson (informação verbal)⁴³ tinha muitas ideias e era bem empolgado, disse que se pudesse fazer alguma coisa na avenida seria colocar uma ciclovia, pois muita gente usava bicicleta para se deslocar, inclusive ele, que ia ao trabalho assim. Disse que queria mais opções de ônibus passando na avenida e que achava que talvez precisasse de uma passarela, pois os carros passam muito rápido. Perguntei

⁴³ Entrevista concedida por ANDERSON BARBOSA. **Entrevista XVIII.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

se ele gostava de andar de bicicleta, ele respondeu que sim e, sorrindo, acrescentou que se pudesse colocaria um “bicicross”⁴⁴ nos canteiros, pois acharia legal já que a topografia mudava e porque lá tem várias árvores. Perguntei o que mais ele achava interessante para aquela área e ele logo respondeu que queria muito que fizessem algo como uma escola de música para as crianças, que colocassem asfalto na rua e construíssem uma área de lazer, como uma praça. Nesse momento, José Rosário estava voltando e começou a concordar com Anderson sobre a praça, dizendo que

“já que não tem recurso pra botar uma praça, pelo menos arrumava ai os canteiro, fazia um paisagismo, tipo desses de jardim (...) sendo que ali debaixo da ponte disseram que iam fazer uma praça, que ia ser uma praça... mas aí já veio a CAEMA e fez aqueles negócio ali!”⁴⁵

Anderson concordou e disse que neste mesmo lugar iam fazer também uma quadra, mas que com a intervenção da CAEMA, não havia mais espaço. Ambos falaram que achavam que havia espaço para uma praça no local onde ficam os canteiros, que estão quase sempre cheios de lixo. Anderson disse que “quando eles limpam aqui oh, esse pedaço que você tava ((apontando para o canteiro)), tem período que eles fazem limpeza ali... fica bonito demais! Fica lindo, fica muito bonito! Mas aí né...” e foi interrompido por José, que comentou que achava que também tinha espaço para um campo de futebol lá perto, apontando para área onde fica o campo improvisado (Figura 36). José Rosário contou que a maioria das pessoas mora há um bom tempo ali e quase todos se conhecem. Disse que a rua era tranquila demais, e que o movimento só aumentava aos sábados e um pouco no domingo, principalmente por conta do bar – onde trabalha Giselle. “Aqui é calmo porque você ainda pode sentar na sua porta até tarde, até dez horas, aqui você pode ficar, entendeu?”⁴⁶, comentou e completou dizendo que achava que teria mais movimento na rua se colocassem uma praça e uns quiosques, vendendo lanche e água de coco. Nesse momento, Anderson interrompeu ele e comentou visivelmente frustrado que também queria muito os quiosques de lanche e que

⁴⁴ Esporte também conhecido por *bikecross*, no qual são feitas trilhas de bicicleta na areia.

⁴⁵ Entrevista concedida por ANDERSON BARBOSA. **Entrevista XVIII**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

⁴⁶ Entrevista concedida por JOSÉ ROSÁRIO. **Entrevista XVII**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

“aqui não pode botar... sabe por que que não pode? Porque a negada já tentaram fazer isso daí, mas aí eles dizem que isso aí não pode, porque é área pública... não sei o que que tem aí, que eles falaram que não podiam fazer. Foi, eles fizeram até as coisas de lanche ali ((apontando para pequenas estruturas)), bem na frente ali, tava tudo arrumadinho, mas aí o pessoal da Blitz Urbana desarmaram tudo”.⁴⁷

E explicou também que do outro lado da ponte, várias pessoas já estavam instalando barracas de comida durante a noite na rua, mas que durante o dia retiravam tudo, e isso gerava muito movimento.

Figura 43 - Barraquinhas de comida desativadas.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Ambos falaram que não queriam bares, e sim quiosques de comida, pois não gostavam de muita bagunça e movimento. Anderson comentou também que, se possível, não colocava mais nenhum “prédio alto” ali, pois achava que abafava tudo. Perguntei se eles tinham algo mais para falar sobre a rua, e responderam sorrindo que não, pois a “lista” de Anderson já estava enorme. Eram quase vinte horas, todos já haviam entrado em suas casas e a rua estava vazia, reparei que os canteiros da rua não eram muito iluminados, fiz alguns desenhos e então resolvi ir embora.

⁴⁷ Entrevista concedida por ANDERSON BARBOSA. **Entrevista XVIII.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

No quarto dia de entrevista, fui para a Miguel Dominici por volta das quinze horas, era um dia tranquilo e a rua estava mais parada; fiquei andando lentamente de carro em busca de um local para estacionar e percebi muitas placas de venda e aluguel de casas ou *kitnets*. Estacionei o carro em frente a um comércio e desci ali. Logo vi uma coisa que me chamou muito a atenção, uma grande churrasqueira instalada no canteiro (Figura 20) e um senhor varrendo o local. Era Jorge (informação verbal)⁴⁸, perguntei para ele se poderíamos conversar, ele me avisou meio impaciente que estava ocupado, limpando a sujeira que estava no canteiro *dele*. Expliquei que não queria atrapalhá-lo, que ele poderia continuar com as atividades dele e se tivesse um minuto poderia só conversar comigo enquanto varria o canteiro, então ele concordou. Jorge logo se mostrou muito conversador e simpático, me disse que morava ali há 48 anos, que aquele comércio era seu, a churrasqueira e também a cobertura improvisada ao lado, e ficou um bom tempo comentando em tom irritado sobre os problemas que tinha com a Blitz Urbana, conforme já citado. Reparei que havia uma pequena horta ao seu lado e perguntei se era sua, ele disse que sim, que era dele e da esposa, além de falar que as demais árvores do canteiro em frente à sua casa e comércio havia sido ele quem plantou. Quando perguntei para ele o que achava da rua, ele disse que gostava muito de morar lá, mas que queria mais benefícios para a comunidade, pois tinham muitos problemas com água e esgoto, além de reclamar que por não ter cobertura asfáltica, a rua sempre ficava com muita lama quando chovia. Jorge reclamou também de insegurança, então reparei que quanto mais me aproximava da ponte, mais os relatos de insegurança eram frequentes. Ele disse que às vezes tinha que ficar da janela da casa dele vigiando um de seus carros, que ficava do lado de fora, e também suas plantas, pois de madrugada passavam algumas pessoas e quebravam o carro ou arrancavam as plantas. Ele passou um bom tempo me mostrando cada planta que tinha na horta, já com o humor bem leve. Perguntei para ele se tinha algo que incomodava ele ali, respondeu que somente a insegurança e o barulho de algumas festas, que era muito alto. Comentou que se pudesse evitar algo naquela rua, seria que colocassem qualquer indústria lá

⁴⁸Entrevista concedida por JORGE. **Entrevista III**. [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

perto, dessas que tem grandes chaminés, pois ele não gostava de poluição.⁴⁹ Jorge acabou de varrer e me disse que precisava voltar para o comércio, então resolvi subir para a avenida Ferreira Gullar. Vi muitas crianças correndo na calçada, vários carros estacionados nos canteiros e resolvi atravessar para o lado do rio. Andando pela avenida, reparei que havia muito lixo espalhado na beira do rio, muitas calçadas quebradas, até que vi um pequeno grupo conversando no calçadão, estavam todos de frente para o rio, sorrindo e apontando, resolvi ir lá. Eram três pessoas, Gilvania (informação verbal)⁵⁰, de 30 anos, Rosana (informação verbal)⁵¹, de 29 anos e Silvestre (informação verbal)⁵² de 32 anos; estavam todos muito animados e alegres, se assustaram um pouco quando me aproximei, parando de conversar. Notei duas meninas próximo deles também, estavam todos juntos. Me apresentei e expliquei a atividade que estava fazendo, logo voltaram a se empolgar e começaram a falar todos ao mesmo tempo. Eles me explicaram que tinham se mudado há apenas duas semanas para lá, vindo do interior do estado, e que estavam gostando, mas logo começaram a citar uma série de coisas que achavam que precisava melhorar, como a questão do abastecimento de água e tratamento de esgoto, além da questão do lixo, pois achavam que tinha entulho e sujeira por todo lugar, apontando um acúmulo de lixo no chão (Figura 44).

⁴⁹ Entrevista concedida por JORGE. **Entrevista III.** [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

⁵⁰ Entrevista concedida por GILVANIA. **Entrevista IX.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

⁵¹ Entrevista concedida por ROSANA. **Entrevista XX.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

⁵² Entrevista concedida por SILVESTRE. **Entrevista XXI.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Figura 44 - Lixo próximo do calçadão da Av. Ferreira Gullar.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Silvestre disse que poderiam colocar “ao menos um piche!”⁵³ na rua, e todos concordaram que era necessário arrumar as calçadas, que estavam quebrando e também construir pelo menos uma praça, pois não tinham espaço para lazer. Neste momento, começou a chover bem pouco, e começaram a conversar entre si sobre a chuva, então resolvi falar com uma das meninas, pois a outra não quis.

Natália (informação verbal)⁵⁴, que concordou em falar comigo, brincava no calçadão na beira do rio ao lado da sua mãe que conversava com amigos, ela estava muito tímida e não respondia às minhas perguntas no princípio. Perguntei se ela queria desenhar, ela respondeu sacudindo a cabeça que não e se afastou; na segunda tentativa, depois de ter conversado mais com os adultos, ela foi mais aberta. Perguntei onde ela estudava, ela disse que não tinha ido para a escola aqui ainda, então perguntei se ela ia muito para o calçadão, brincar, ela respondeu novamente sacudindo a cabeça que não, e disse em seguida “muito carro...”. Perguntei se

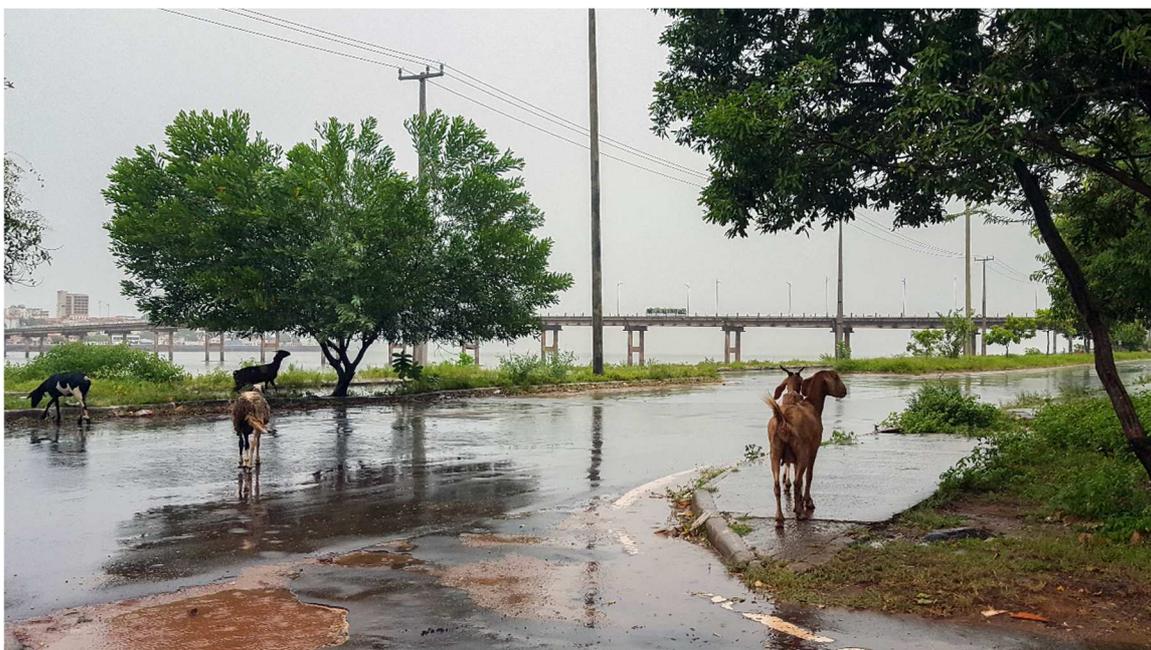
⁵³ Entrevista concedida por SILVESTRE. **Entrevista XXI**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

⁵⁴ Entrevista concedida por NATALIA. **Entrevista XXII**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

gostava de morar ali, ela não respondeu; perguntei se era bom de brincar na área, se ela já tinha feito algum amigo, ela disse que não, que só brincava na porta, a mãe dela nessa hora disse que ali não tinha muito um lugar para ela brincar. Perguntei se ela queria algo diferente ali na rua, o que ela queria, ela ainda bastante tímida disse que queria um parquinho, “um pula-pula, né mãe?”⁵⁵. Comentou que ali ela não fazia muita coisa, que ela queria uma “área pra lazer”, até que nessa hora começou a chover bem forte, todos começaram a correr e tivemos que interromper a entrevista.

Enquanto também corria para não me molhar, notei que vinham em minha direção vários bodes, soltos, que começaram a comer as folhas das árvores e plantas do canteiro (Figura 45).

Figura 45 - Animais soltos na pista.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Ao chegar no meu carro, que estava em frente ao comércio de Jorge, notei que ele e um outro senhor estavam tomando banho de chuva, usando também a água que descia pela calha do comércio de Jorge. Esperei um bom tempo no carro, enquanto fazia anotações e desenhos, pude ver a situação da qual os moradores falavam sobre a rua virar uma lama quando chovia (Figura 46).

⁵⁵ Entrevista concedida por NATALIA. **Entrevista XXII**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Figura 46 - Rua Miguel Dominici Soares após chuva.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Em minha última visita à Rua Miguel Dominici Soares, a rua estava bem animada, era um sábado pela manhã e alguns moradores estavam pendurando várias bandeirinhas em uma área próxima ao bar onde Giselle trabalha, provavelmente por conta da proximidade da época de São João. Neste dia, fiz um levantamento das casas e passei um bom tempo desenhando, algumas pessoas passavam e ficavam me olhando desconfiadas, mas sempre respondiam positivamente quando dava bom dia. O bar estava cheio de clientes e, em frente à casa que ficava ao lado do estúdio de fotografia, havia um homem alto, cheio de tatuagens, se organizando para fazer um churrasco no canteiro. Desde o momento em que cheguei, ele ficava me olhando de forma desconfiada, até que foi falar comigo. Me perguntou o que eu estava fazendo desenhando tanto naquela prancheta, se ele poderia saber que pesquisa era aquela. Expliquei o propósito do desenho e também minha pesquisa, então perguntou se a pesquisa havia relação com os “maçons” e eu, sem entender muito, disse que não, perguntando se poderia entrevista-lo. Ele respondeu que naquele momento não, mas que eu estava convidada para o churrasco que estava fazendo e então me desejou boa sorte e saiu. Durante o levantamento, reparei que havia muita gente reunida em vários pontos do canteiro, a maioria comendo, bebendo, conversando e ouvindo música alta, parecia uma grande festa.

Ao chegar próximo da ponte, onde acaba a área de estudo, mais precisamente em frente à praça citada por Carlos, começou a chover muito, então tive que voltar para o carro. Estacionei o carro próximo da praça para terminar o desenho, e a intensidade da chuva só piorava. Notei que havia um senhor dentro de uma casa, olhando para meu carro parado, então resolvi descer para entrevista-lo. Assim que cheguei no seu portão, Raimundo (informação verbal) ⁵⁶ abriu imediatamente e me chamou para entrar, pois chovia muito forte. Expliquei para ele minha pesquisa e ele timidamente começou a me contar que morava lá há vinte anos, mas que nesse meio tempo, nunca viu autoridade nenhuma se preocupar muito com aquela rua, que só há um tempo colocaram uma camada muito fina de asfalto que já havia saído. Apesar desse problema, contou que gostava de morar lá, que havia sido ele quem plantou as árvores ali de frente, todas *pau-brasil*. Disse que gostava de tudo ali, menos aquela lama – apontando para fora de casa – que ficava quando chovia, como pude ver. Comentou que achava que os moradores deveriam se reunir e abrir uma associação, para ganhar força e pedir melhoras na rua, pois, inclusive havia um cadeirante morando há três anos com ele, que tinha muita dificuldade de locomoção ali. Perguntei para ele sobre a praça (Figura 47) que ficava em frente à casa dele, e me contou que

A história dessa praça, quem, quem fez ela aí foi o senhor que mora bem aqui no canto, nessa última casa. Então o irmão dele era católico e ele faleceu. Ele passou muito tempo hospitalizado e eles fizeram essa praça aí. Eu sou católico também, aí eles fizeram lá uma promessa, aí ele ia fazer em homenagem a São Pedro, já tem, foi em 2009 parece. Mas foi esforço dele mesmo, comprou cimento, aí fez uma pracinha. (RAIMUNDO, 2017)

Comentou que, no entanto, não frequentava muito a praça, dizendo que seria muito bom se fizessem uma praça para crianças, com um parquinho, e também com um espaço de ginástica para o idoso, pois os lugares com aparelhos de ginástica ficam muito longe, então é muito trabalhoso saírem para se exercitar.

⁵⁶ Entrevista concedida por RAIMUNDO. **Entrevista II**. [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Figura 47 - Praça São Pedro.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Contou que não achava o local perigoso, mas que não gostava muito de “baderna” e nem de bebida, pois sempre que tinha uma festa, era muito barulho para ele, que já é “de idade”. Perguntei como era a rua quando ele se mudou, então me contou que era tudo muito precário, e que depois que inauguraram a avenida, as coisas melhoraram, menos para as crianças, pois os carros passam muito rápido, já que “não tem uma placa aí dizendo a quantos quilômetros andar. Não tem nada, uma sinalização de curva, uma faixa... lá pra cima tem, lá na outra avenida.”⁵⁷. Começou a me explicar também que não usava o canteiro, como já mencionado. Falou que acharia bom se encontrasse uma barbearia perto, uma padaria, pois o bairro era carente de serviços, e que o comércio de Jorge fechava às dezenove horas, então acabavam as opções. Disse que queria muito que fizessem um poço comunitário para resolver o problema de água, até que neste momento, passou um senhor vendendo peixe na rua, perguntei para ele se comprava, ele disse que não, pois as pessoas jogavam muito lixo no rio, apesar de algumas até banharem lá, mas que não achava muito higiênico. Contou que, contudo, quando limpavam lá, achava tudo muito

⁵⁷ Entrevista concedida por RAIMUNDO. **Entrevista II**. [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

bonito. Perguntei se ele sabia algo sobre as pessoas que ficavam sempre jogando dominó ali perto, então ele explicou sobre a estrutura que mandaram fazer, pois já era tradição para alguns moradores todo dia jogar dominó ali.

Enquanto me explicava, entrou na sala uma senhora muito sorridente, a esposa dele, dona Bibiane, que havia ido ver com quem o marido tanto falava. Bibiane reclamou também da falta de asfalto e do problema de abastecimento de água, que a incomodava muito. Disse que a inauguração da avenida foi muito bonita, mas que logo depois uma criança morreu atropelada e também uma senhora⁵⁸. Contou que esse era o único perigo lá, pois apesar do bairro ter muita “fama de ladrão”, nunca aconteceu nada com ela. Em seguida, começou a me explicar que gostaria de uma pracinha, com aparelhos de ginástica, a qual ela encheria de plantas medicinais, jarros de flores e jardins, pois achava muito bonito. Quando perguntei se havia algo que não gostava ali, ela disse que não gostava de festas, música alta e “bebedeira”. Disse que incomodava ela, pois todo sábado e domingo aquela pracinha, que chamavam de “*Praça Conhaque e Cachaça*” – se referindo à praça São Pedro – ficava cheia de pessoas bebendo, carro com som alto, e que ainda pediam para ela ligar a tomada do som na casa dela, o que fazia à contragosto, para evitar confusão. Em seguida, finalizou a conversa falando que gostaria que colocassem novamente as lixeiras na rua, pois agora o lixo ficava espalhado e tudo sujava com mais facilidade por isso. Em seguida, com a chuva mais fraca, me despedi de seu Raimundo e dona Bibiane, que me desejaram boa sorte e falaram que estavam à disposição. Apesar de estar a poucos metros, tive muita dificuldade em chegar no carro, pois a lama havia piorado muito, emanando um cheiro muito forte. Quando sai, a rua estava quieta, após a chuva todo mundo havia se recolhido.

⁵⁸ Entrevista concedida por BIBIANE. **Entrevista XXIII**. [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

5.2. Miguel Dominici Soares: uma rua contada

Este capítulo, contém o principal fruto deste trabalho, a produção das ilustrações que buscam traduzir de forma acessível as oralidades reunidas e também contar o capítulo passado – a experiência da autora – em forma de desenho. Aqui, ao invés de ser utilizado um mapa técnico, natural de um arquiteto e urbanista, busca-se representar o espaço como lugar praticado (CERTEAU, p. 202, 1998), no qual linhas e geometrias bem definidas por normas de desenho, perdem seu sentido. Tal como mapas muito antigos, que eram feitos com limites imprecisos – indicavam o percurso do pesquisador – e utilizavam desenhos de ações para explicar determinadas áreas – barcos navegando para indicar mar; pessoas plantando para indicar plantações, e afins – esta produção pretende não ser um mapa geográfico, mas sim um livro de história (CERTEAU, p. 205 e 206, 1998) que apresenta a Rua Miguel Dominici Soares, seus usuários e seu entorno.

UMA HISTÓRIA CONTADA: A RUA MIGUEL DOMINICI SOARES

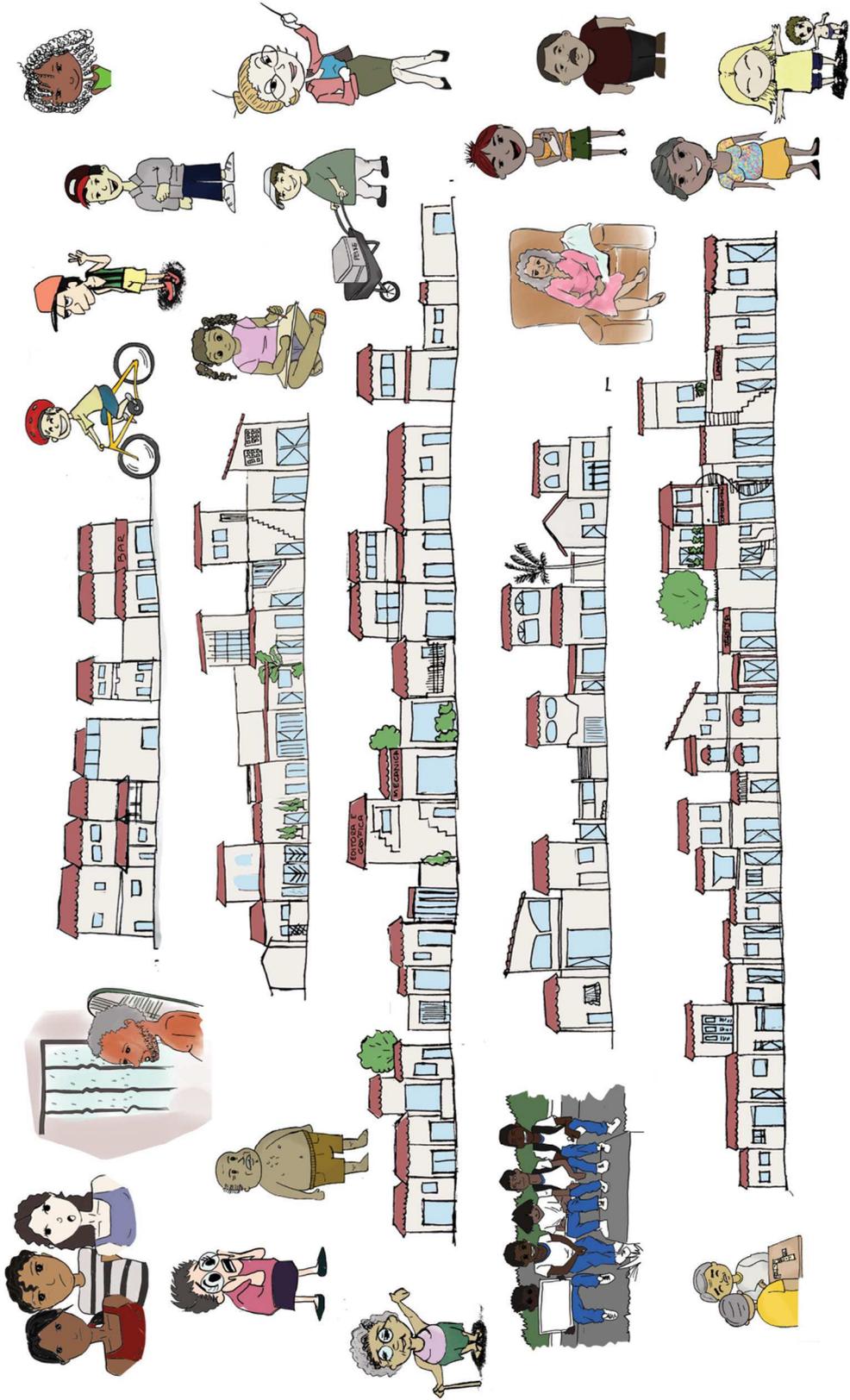
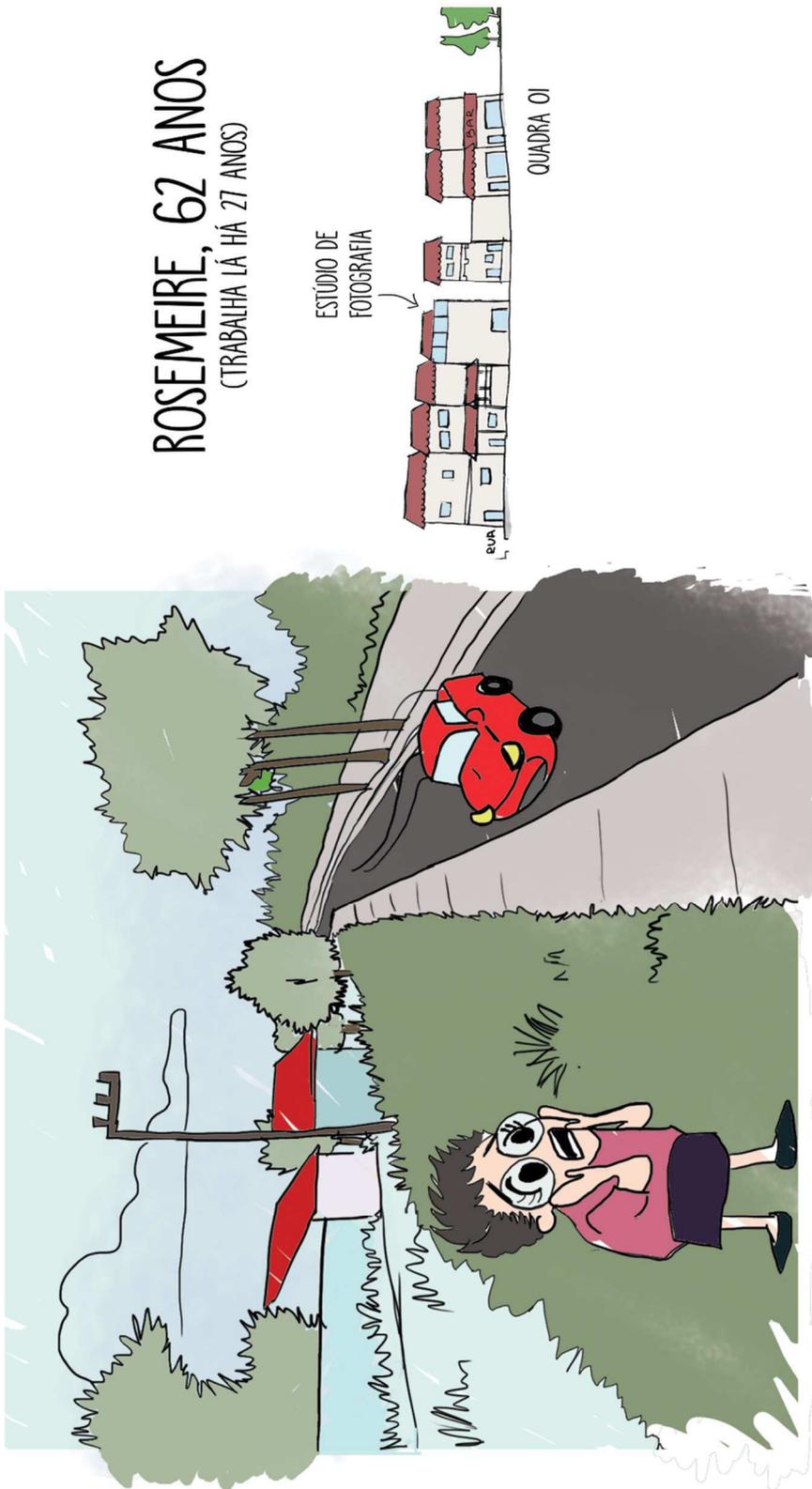


Figura 48 - Representação gráfica das quadras e entrevistados.

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

Figura 49 - Ilustração de Rosemeire.



ROSEMEIRE, 62 ANOS
(TRABALHA LÁ HÁ 27 ANOS)

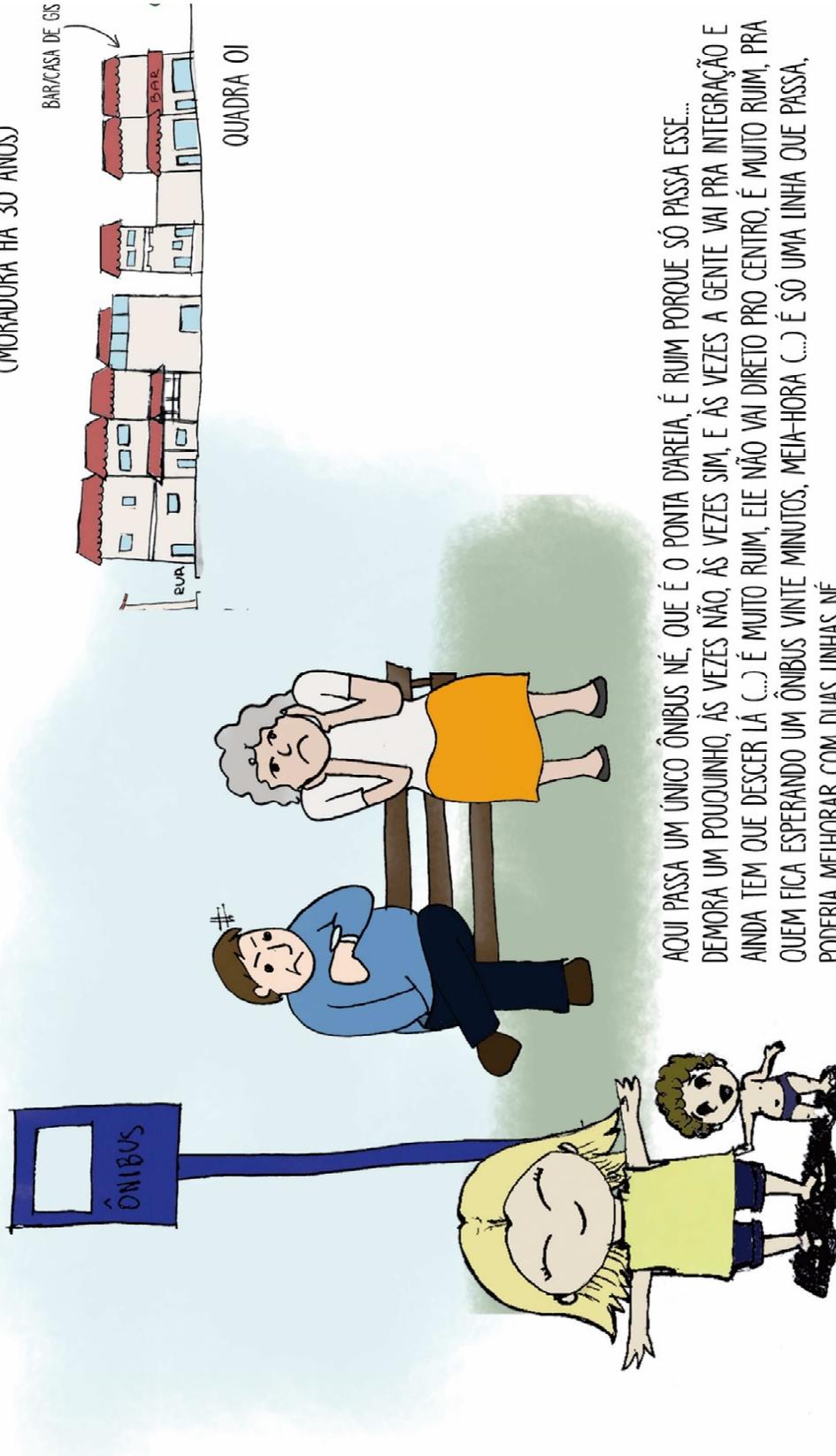
ESTUDIO DE FOTOGRAFIA

QUADRA 01

"É PERIGOSO POR CAUSO DA AVENIDA NÉ? PASSA MUITO CARRO RÁPIDO E NÃO RESPEITA, NÃO RESPEITA OS ADULTOS, NEM OS IDOSOS. AQUI JÁ TEVE VÁRIAS MORTES NÉ, DE ACIDENTE DE CARRO, AS SENHORAS CAMINHANDO SEIS HORAS DA MANHÃ E O CARRO BATE, JÁ MORRERAM VÁRIAS SENHORAS (...) TINHA QUE TER UM SINAL, ALGUMA COISA (...)"

GISELLE, 35 ANOS

(MORADORA HÁ 30 ANOS)

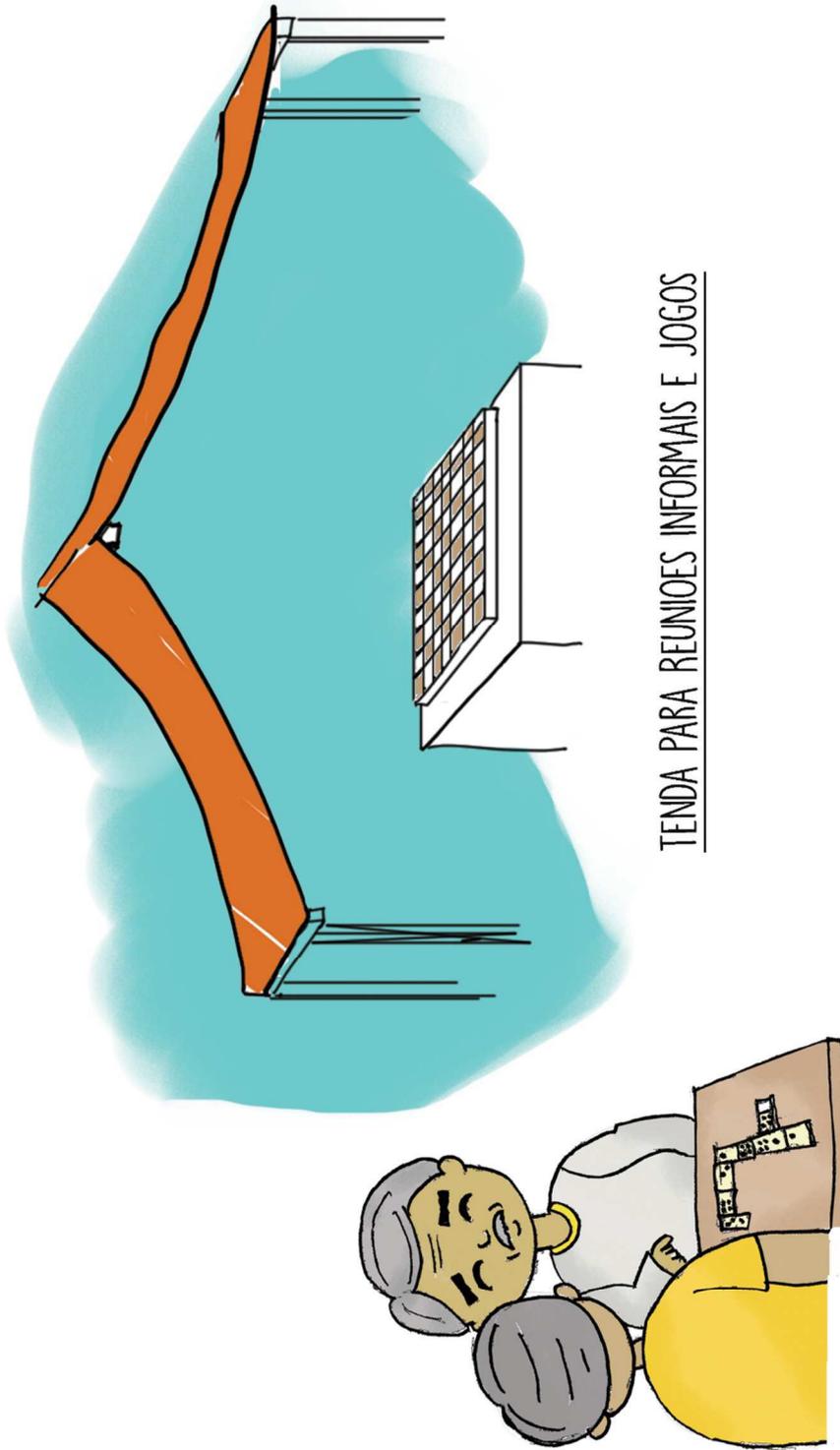


AQUI PASSA UM ÚNICO ÔNIBUS NÉ, QUE É O PONTA D'AREIA, É RUIM PORQUE SÓ PASSA ESSE...
DEMORA UM POUQUINHO, ÀS VEZES NÃO, ÀS VEZES SIM, E ÀS VEZES A GENTE VAI PRA INTEGRAÇÃO E
AINDA TEM QUE DESER LÁ (...) É MUITO RUIM, ELE NÃO VAI DIRETO PRO CENTRO, É MUITO RUIM, PRA
QUEM FICA ESPERANDO UM ÔNIBUS VINTE MINUTOS, MEIA-HORA (...) É SÓ UMA LINHA QUE PASSA,
PODERIA MELHORAR COM DUAS LINHAS NÉ

Figura 50 - Ilustração de Giselle.

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

Figura 51 - Moradores jogando dominó.

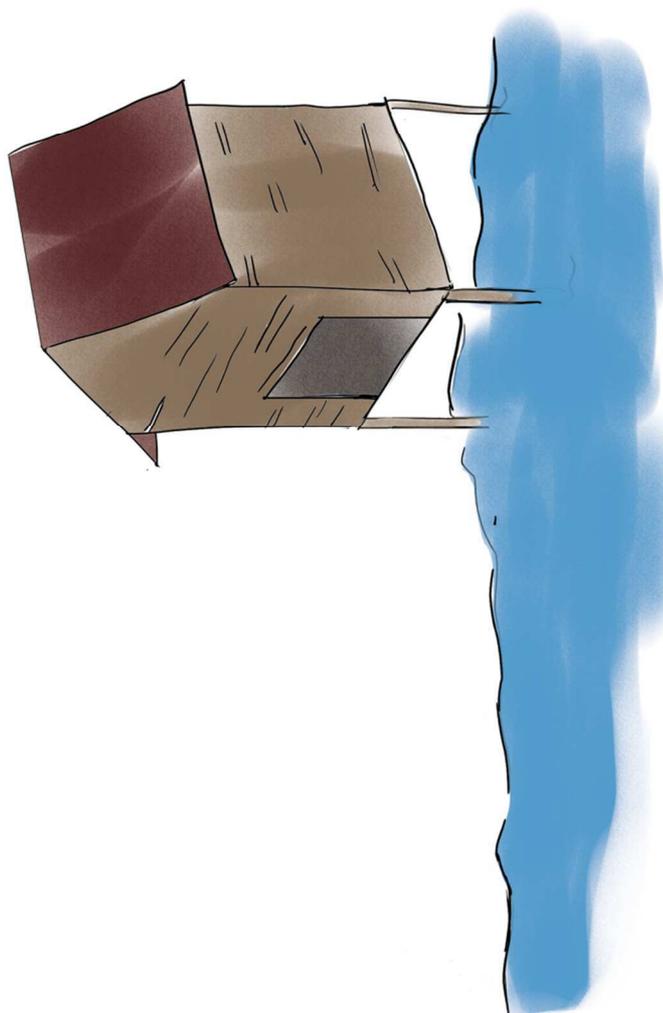
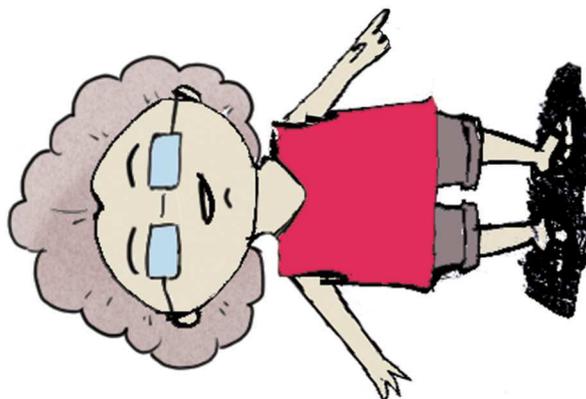


TENDA PARA REUNIOES INFORMAIS E JOGOS

(...) EM UMA ÁREA DO CANTEIRO, HAVIA UM GRUPO DE SENHORES JOGANDO DOMINÓ, EMBAIXO DE UMA ESTRUTURA IMPROVISADA, COBERTA POR UMA LONA ALARANJADA; PARECIAM ESTAR SE DIVERTINDO MUITO. EU PODIA OUVIR DE LONGE O BARULHO DAS PEDRAS DE DOMINÓ BATENDO NA MESA.

Figura 52 - Ilustração da descrição do passado, por Edináia.

EDINÁIA, 61 ANOS
(MORADORA HÁ 42 ANOS)

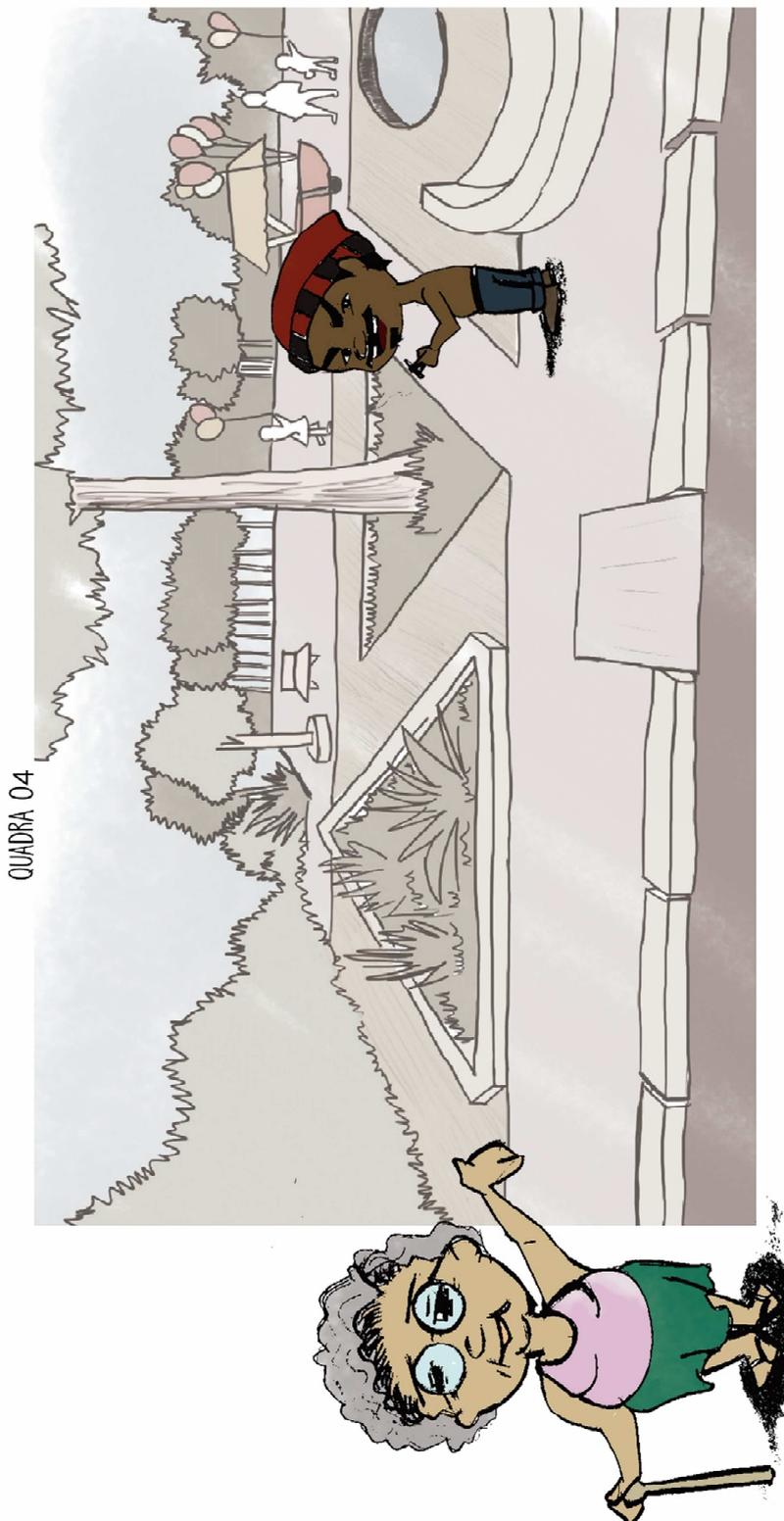


QUANDO CHEGUEI AQUI, ATÉ AQUI NESSE CANTO AQUI A ÁGUA VINHA ATÉ POR AQUI ASSIM...
(...) ERA TIPO UMA PRAIA ASSIM, TIPO UMA MARÉ ASSIM, VINHA A ÁGUA MESMO, A ÁGUA ENCHIA, NÃO TINHA LÁ ((CAPONTANDO A AVENIDA)), AI A ÁGUA ENCHIA ATÉ AQUI, A MARÉ VINHA ATÉ AQUI ((CAPONTANDO SEUS PÉS E SUA CASA)).

CASA DE FRANCISCA

FRANCISCA, 74 ANOS

(TRABALHA LÁ HÁ 27 ANOS)



MUITA GENTE FALA ASSIM, 'AH NÃO É BOM FAZER UMA PRAÇA, NÃO É BOM FAZER NADA, NÃO É BOM FAZER NADA, PORQUE DÁ MUITO MALANDRO, VEM FUMADOR DE MACONHA, PORQUE TU SABE QUE TODO BAIRRO TEM E AQUELE PEDAÇO AÍ É CONTAMINADO ((CAPOTANDO PARA A PONTE)) E A GENTE NÃO PODE FAZER NADA

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

Figura 53 - Dona Francisca fala sobre a praça.

CARLOS, 46 ANOS
(TRABALHA NA RUA)

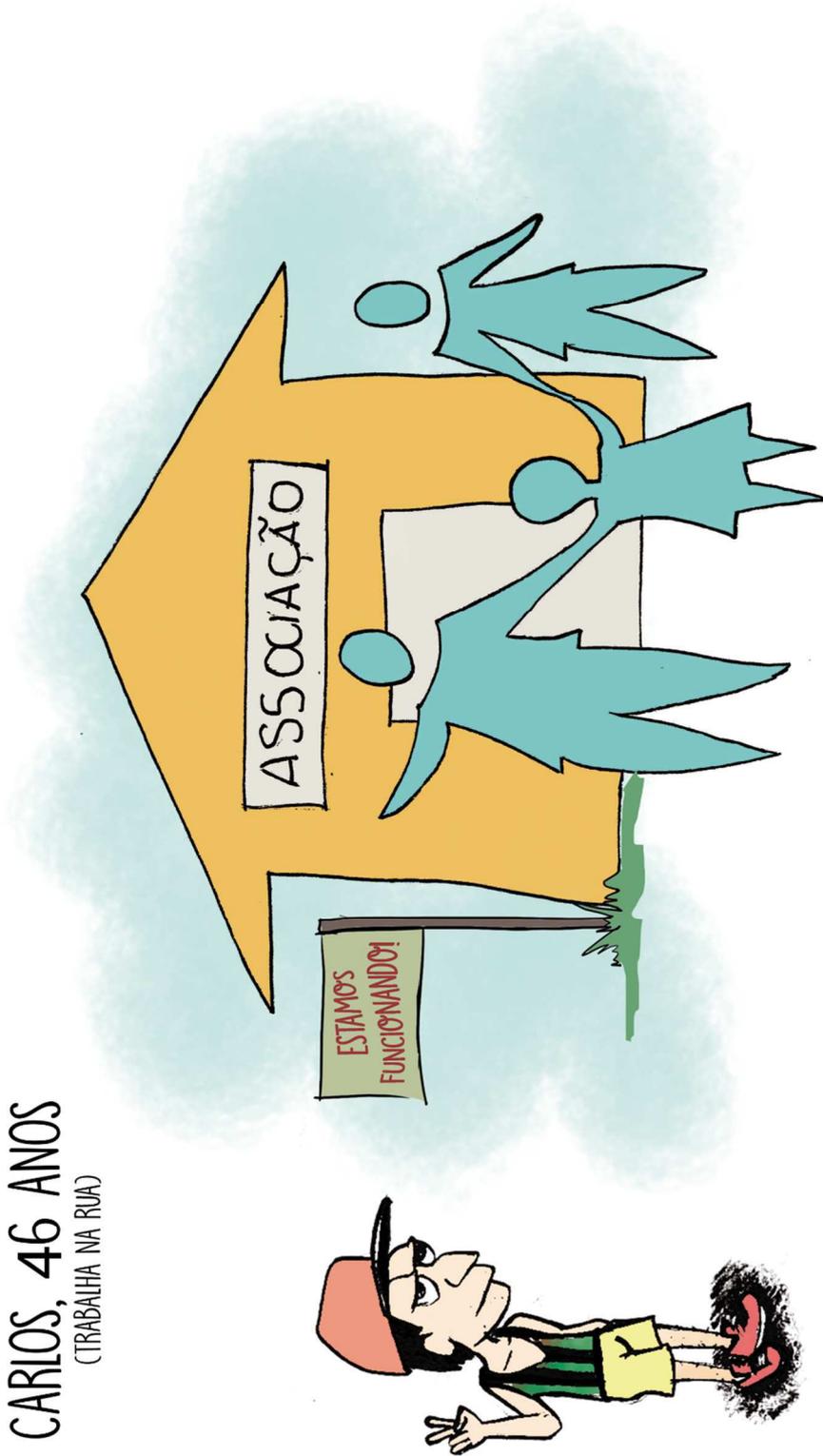
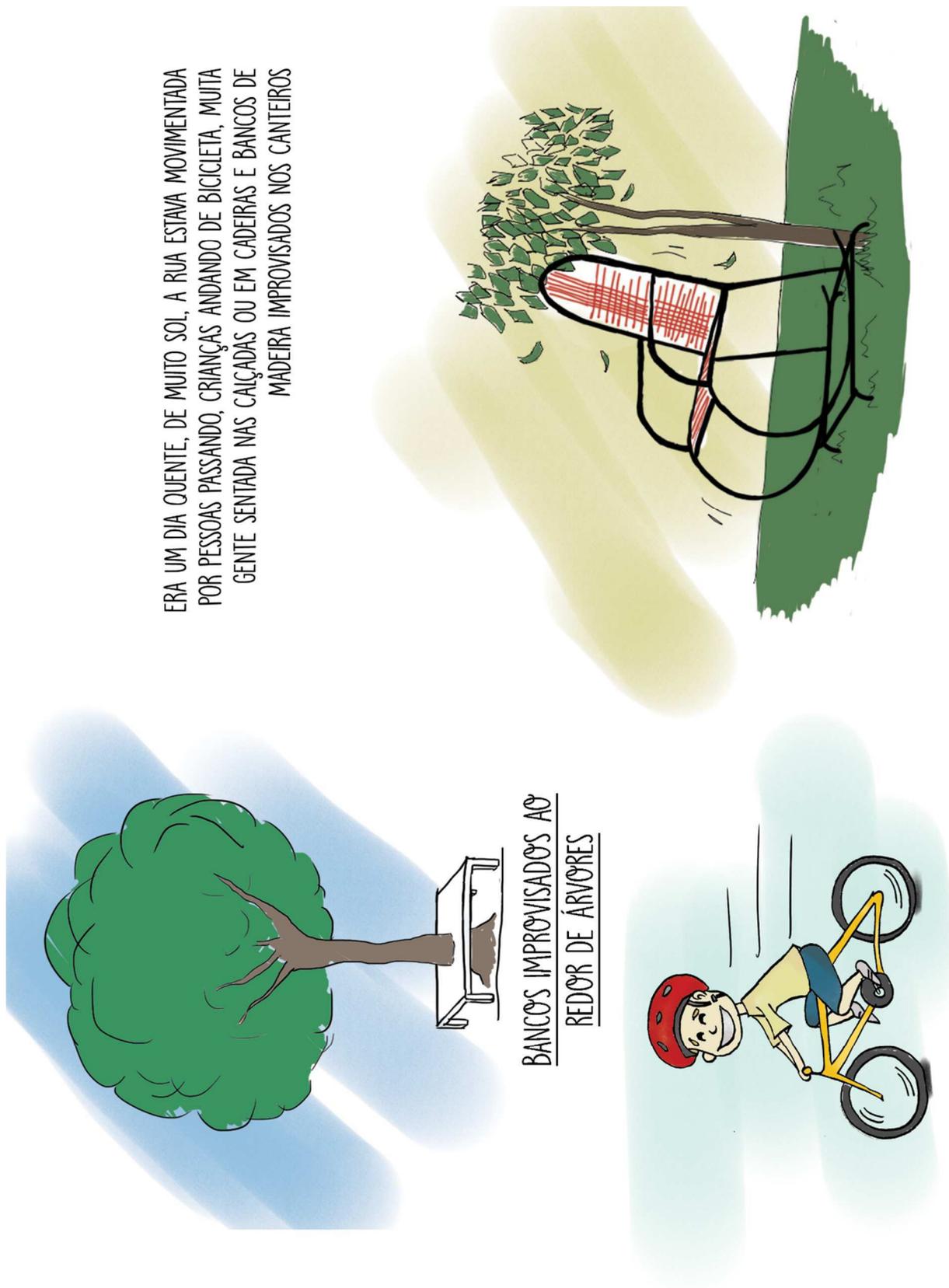


Figura 54 - Ilustração de Carlos e a associação.

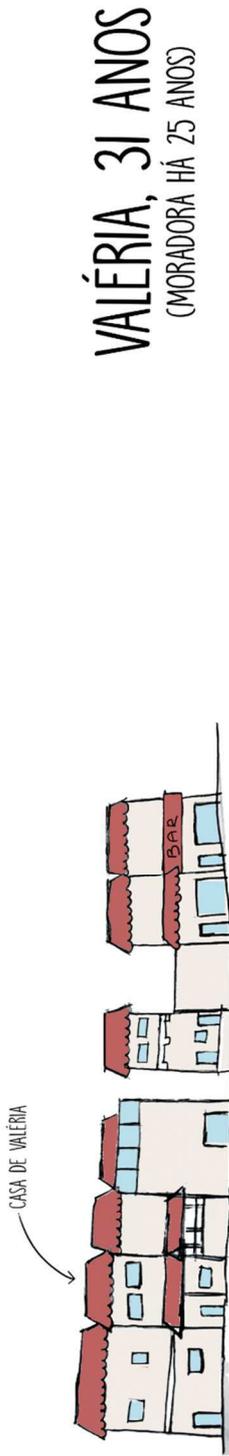
NÃO ERA MAIS, ERA SÓ MAIS UMA, ERA SÓ FUNCIONAR. NÃO É O MAIS, O FUNCIONAR É MELHOR DO QUE O MAIS. NÃO ADIANTA EU COLOCAR UMA ASSOCIAÇÃO AQUI E OUTRA BEM AÍ, ESSA AQUI FUNCIONA, AQUELA AÍ PARA, PRA QUE FIZ DOIS? UM FUNCIONANDO É MELHOR DO QUE TER OS TRÊS PARASITAS (...)

Figura 55 - Elementos e características da rua sob olhar da autora.

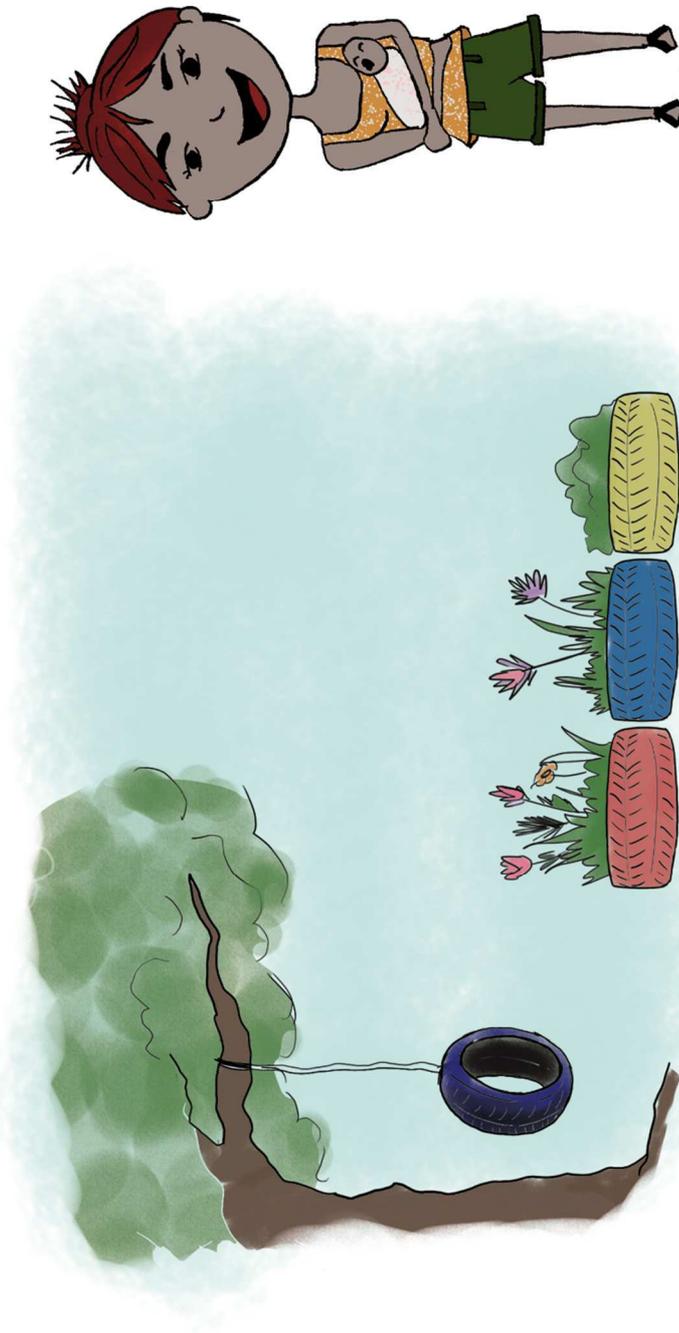


ERA UM DIA QUENTE, DE MUITO SOL, A RUA ESTAVA MOVIMENTADA POR PESSOAS PASSANDO, CRIANÇAS ANDANDO DE BICICLETA, MUITA GENTE SENTADA NAS CALÇADAS OU EM CADEIRAS E BANCOS DE MADEIRA IMPROVISADOS NOS CANTEIROS

BANCOS IMPROVISADOS AO
REDOR DE ÁRVORES



QUADRA 01



"...QUERIA CANTEIROS FOSSEM LIMPOS – SEM MATO E LIXO . SERIA LEGAL SE FOSSEM CHEIOS DE PNEUS COLORIDOS, DE MÓVEIS FEITOS COM PNEUS E MADEIRAS COLORIDAS, EM QUE A GENTE PUDESSE SENTAR, USAR COMO MESA E TAMBÉM PRA DECORAR O LUGAR..."

Figura 56 - Valéria e sua praça com pneus.

CASA DE ANTÔNIA

ANTÔNIA, 62 AN
(MORADORA HÁ 25 ANOS)



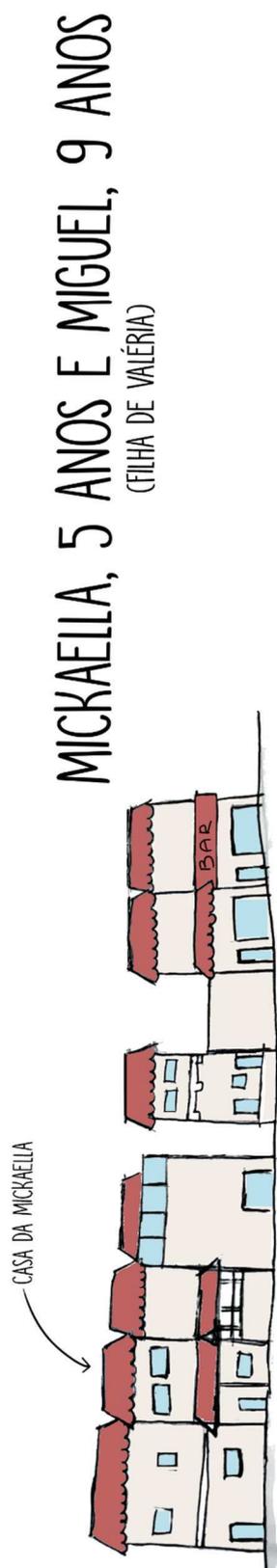
QUADRA 03



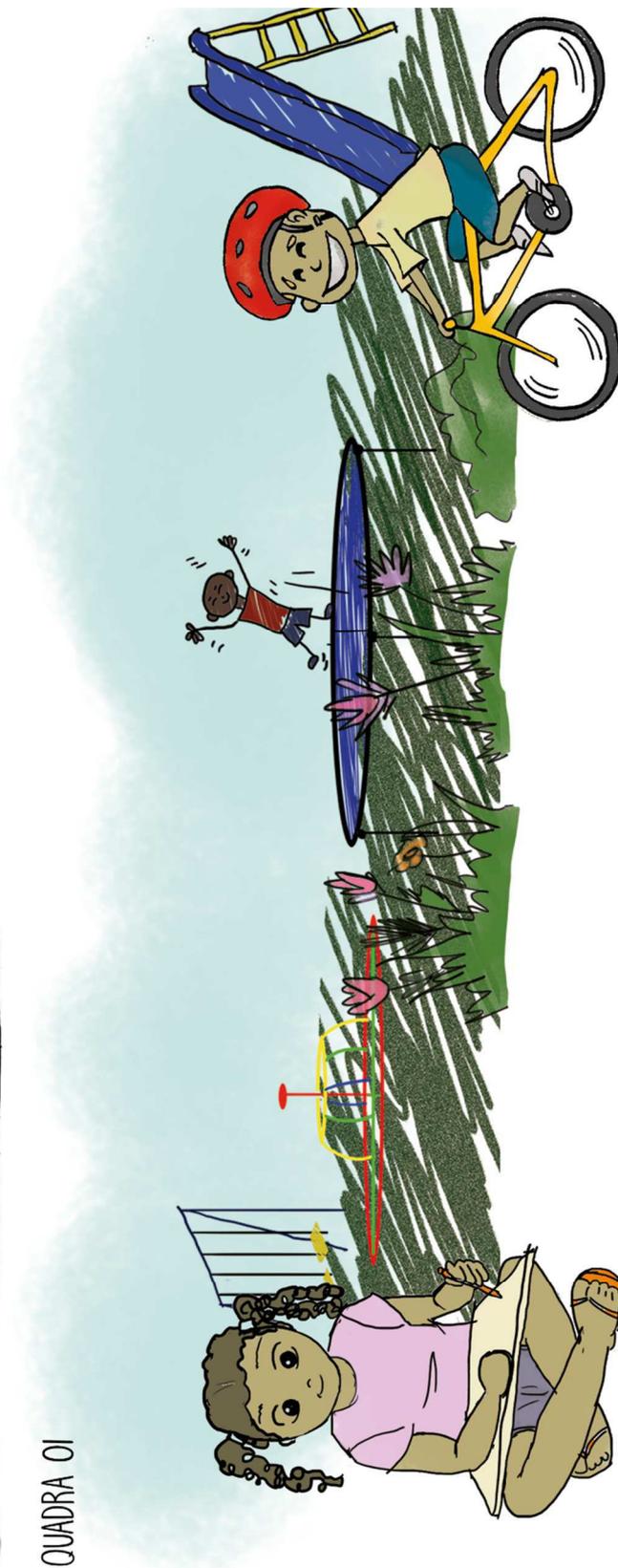
.....SERIA MUITO BOM SE TIVESSE UNS QUIOSQUES COM "MERENDAS", PADARIAS, SUPERMERCADOS E UMA FEIRA. NÃO TEM NADA DISSAS COISAS PRÓXIMO, TEM QUE SEMPRE IR MUITO LONGE QUANDO FALTAVA ALGO EM CASA....

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

Figura 57 - Antônia e seu desejo por uma feirinha.



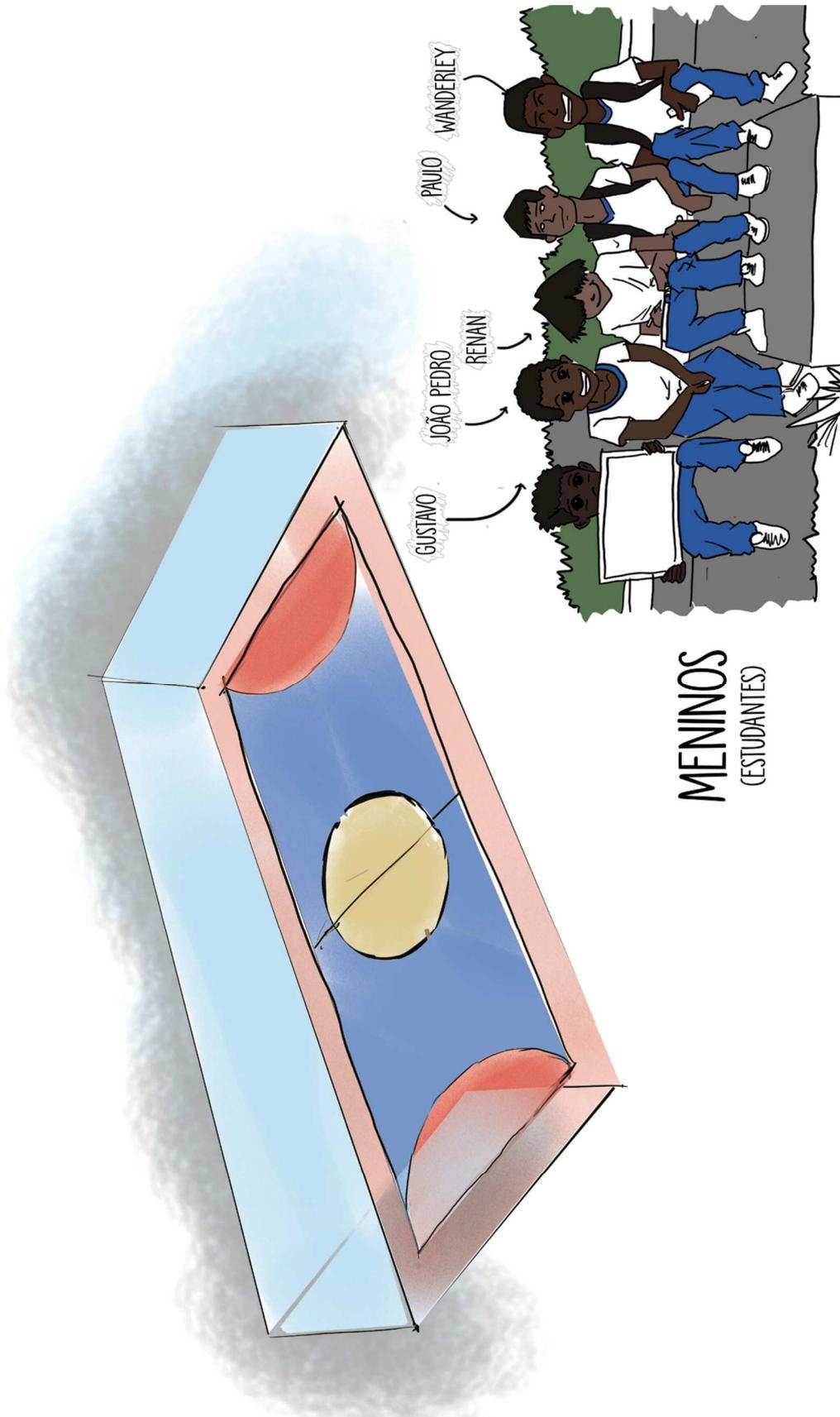
QUADRA 01



MICKAELLA RELATOU QUE SÓ QUERIA UM LUGAR PARA BRINCAR. JÁ O MIGUEL: "...MAMÃE NÃO DEIXA EU ANDAR DE BICICLETA NA RUA, SÓ NA CALÇADA AQUI DA FRENTE."

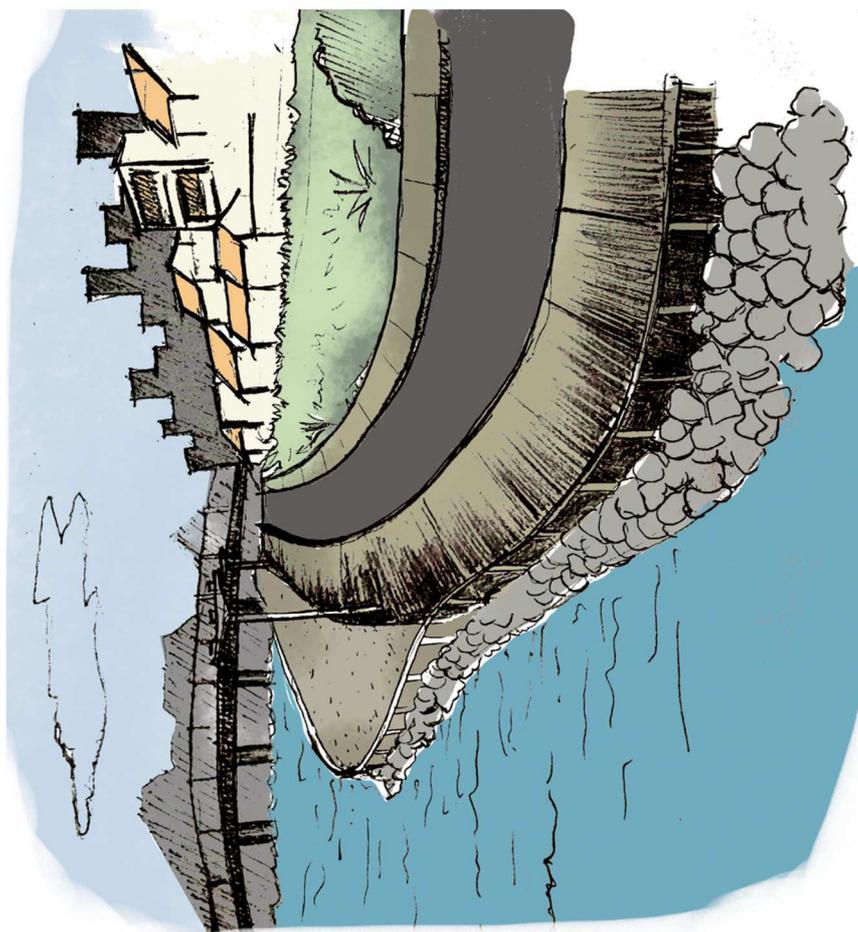
Figura 58 - Ilustração de Mickaella e Miguel.

Figura 59 - Estudantes e sua desejada quadra.

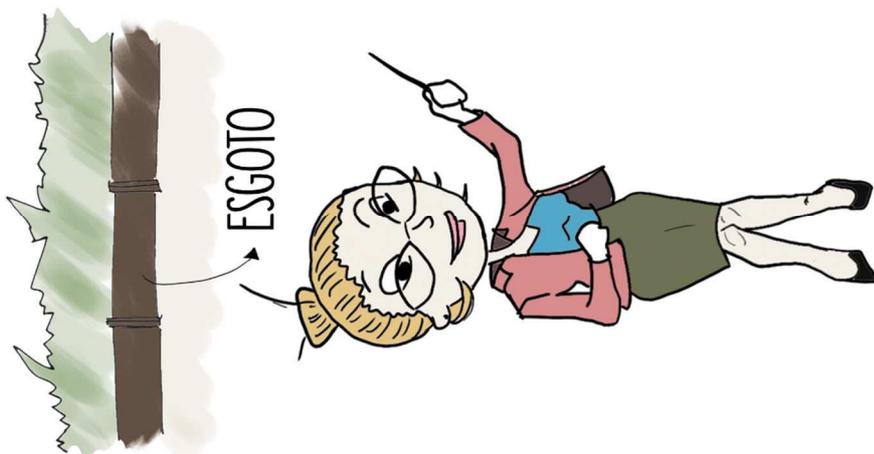


"A GENTE QUERIA QUE TIVESSE UMA QUADRA, PORQUE NO CAMPINHO MAIS PERTO. OS ADULTOS NÃO DEIXAM A GENTE JOGAR... A GENTE BRINCA NA RUA AÍ DO LADO, PORQUE LÁ EM CIMA A GENTE NÃO PODE E AQUI EM BAIXO TEM MUITO CARRO PASSANDO".

Figura 60 - Fernanda descrevendo o calçadão que gostaria.

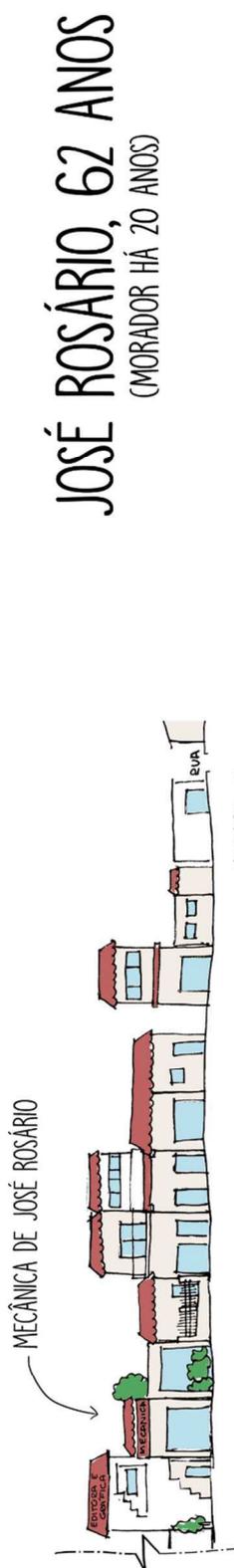


(...) O QUE ELA MAIS QUERIA PARA AQUIELE LOCAL ERA QUE FOSSE MAIS CUIDADO, QUE FIZESSEM MANUTENÇÃO NA AVENIDA E COLOCASSEM ASFALTO E ESGOTO NA MIGUEL DOMINICI. DISSE QUE ACHAVA QUE O CALÇADÃO DA AVENIDA SERIA UM BOM LUGAR PARA PRATICAR CAMINHADAS E ATIVIDADES FÍSICAS CASO FOSSE "CONSERVADO"



FERNANDA, 34 ANOS

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017

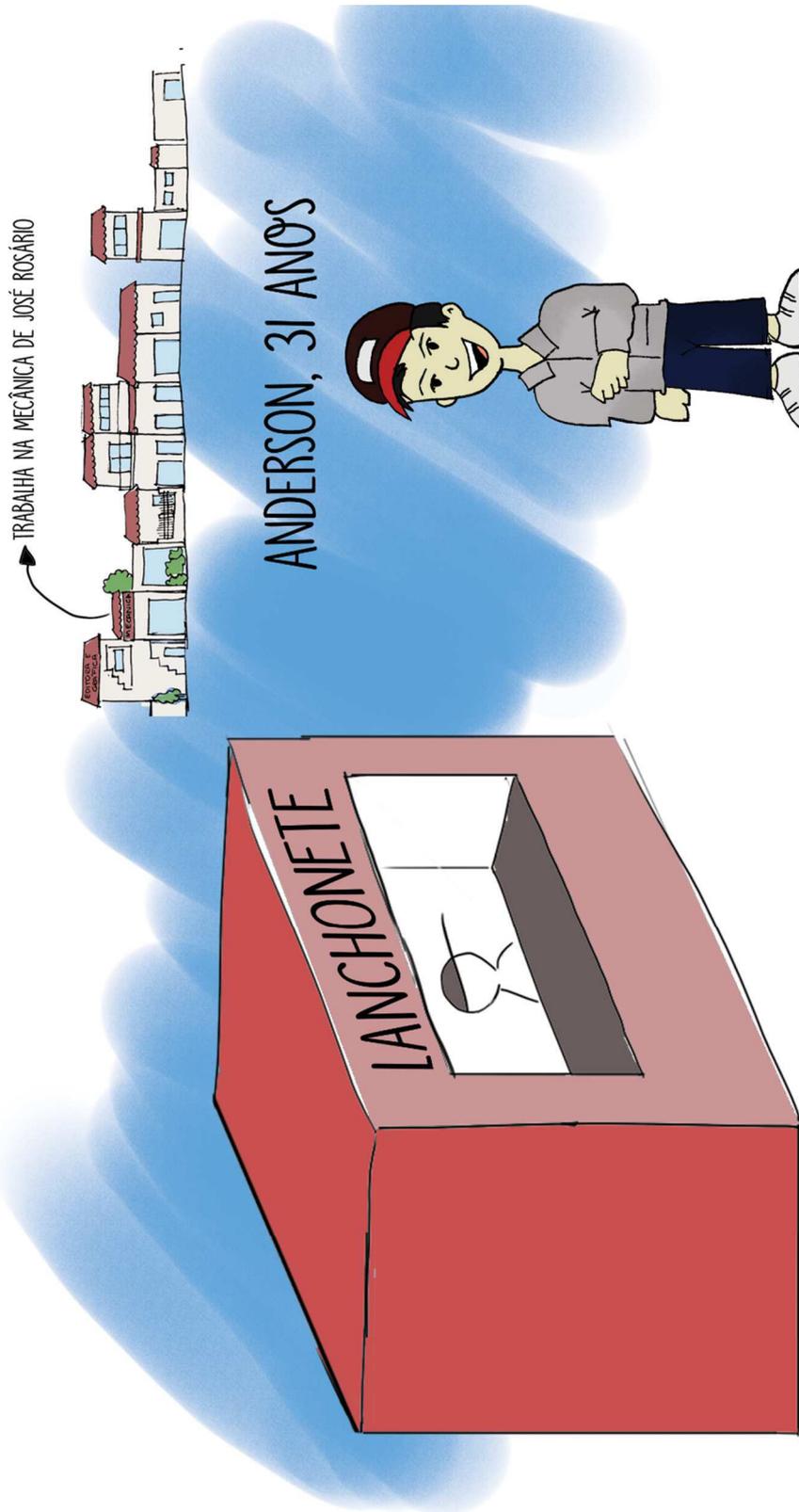


JÁ QUE NÃO TEM RECURSO PRA BOTAR UMA PRAÇA, PELO MENOS ARRUMAVA AI OS CANTEIRO, FAZIA UM PAISAGISMO, TIPO DESSES DE JARDIM (...) SENDO QUE AÍ DEBAIXO DA PONTE DISSERAM QUE IAM FAZER UMA PRAÇA, QUE IA SER UMA PRAÇA... MAS AÍ JÁ VEIO A CAEMA E FEZ AQUELES NEGÓCIO AÍ!!

Figura 62 - O mecânico José e sua praça.

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

Figura 63 - Anderson descrevendo o problema das lanchonetes.



(SOBRE QUIOSQUES) "AQUI NÃO PODE BOTAR... SABE POR QUE QUE NÃO PODE? PORQUE A NEGADA JÁ TENTARAM FAZER ISSO DAÍ, MAS AÍ ELES DIZEM QUE ISSO AÍ NÃO PODE, PORQUE É ÁREA PÚBLICA... NÃO SEI O QUE QUE TEM AÍ, QUE ELES FALARAM QUE NÃO PODIAM FAZER, FOI, ELES FIZERAM ATÉ AS COISAS DE LANCHE AÍ (APONTANDO PARA PEQUENAS ESTRUTURAS), BEM NA FRENTE AÍ, TAVA TUDO ARRUMADINHO, MAS AÍ O PESSOAL DA BLITZ URBANA DESARMARAM TUDO".

TRABALHA NA MECÂNICA DE JOSÉ ROSÁRIO



ANDERSON, 31 ANOS

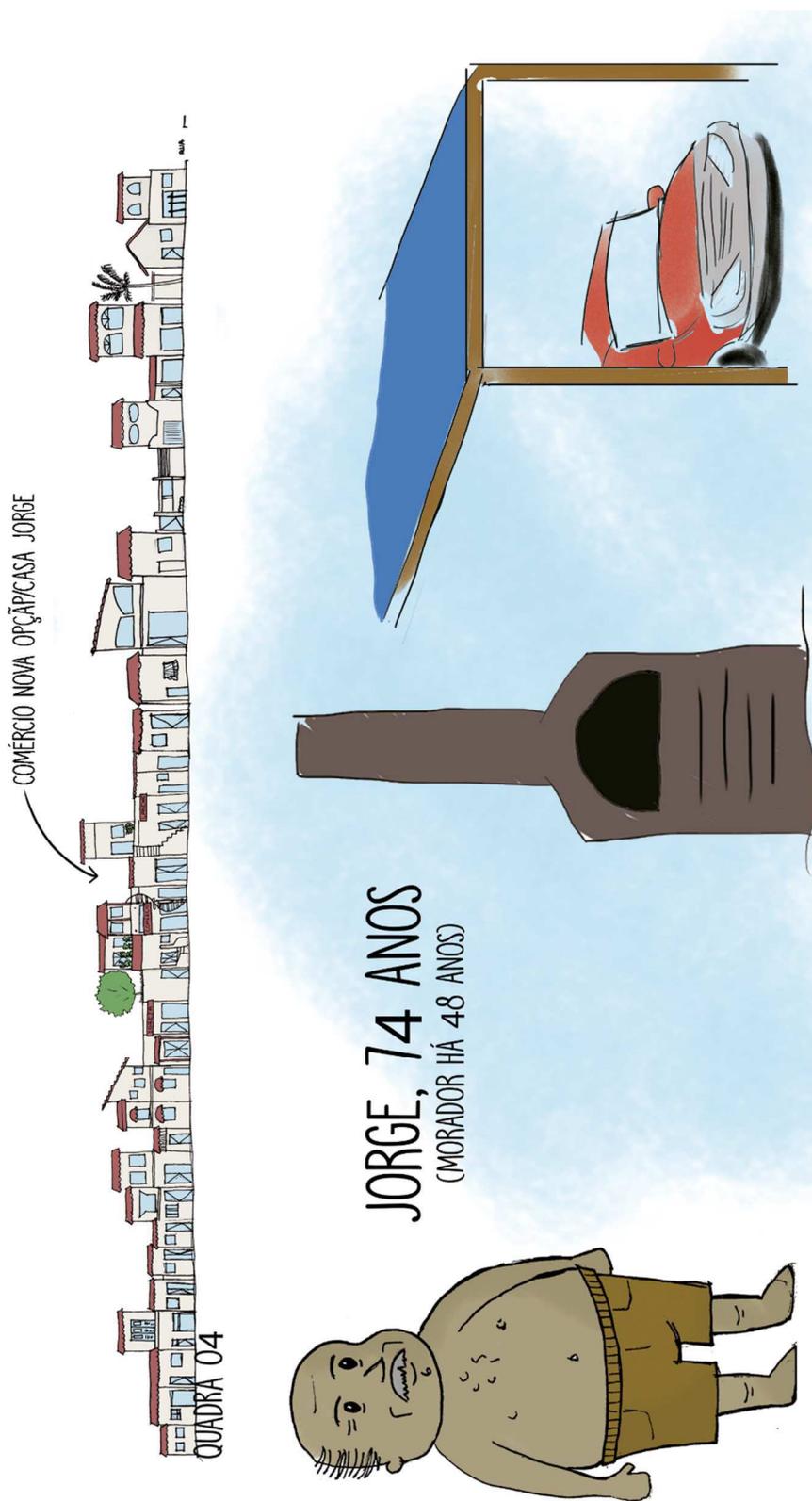


...EU QUERIA MUITO QUE FIZESSEM ALGO COMO UMA ESCOLA DE MÚSICA PARA AS CRIANÇAS, QUE COLOCASSEM ASFALTO NA RUA E CONSTRUÍSSEM UMA ÁREA DE LAZER...

Figura 64 - Anderson contando sobre a Escola de Música que queria.

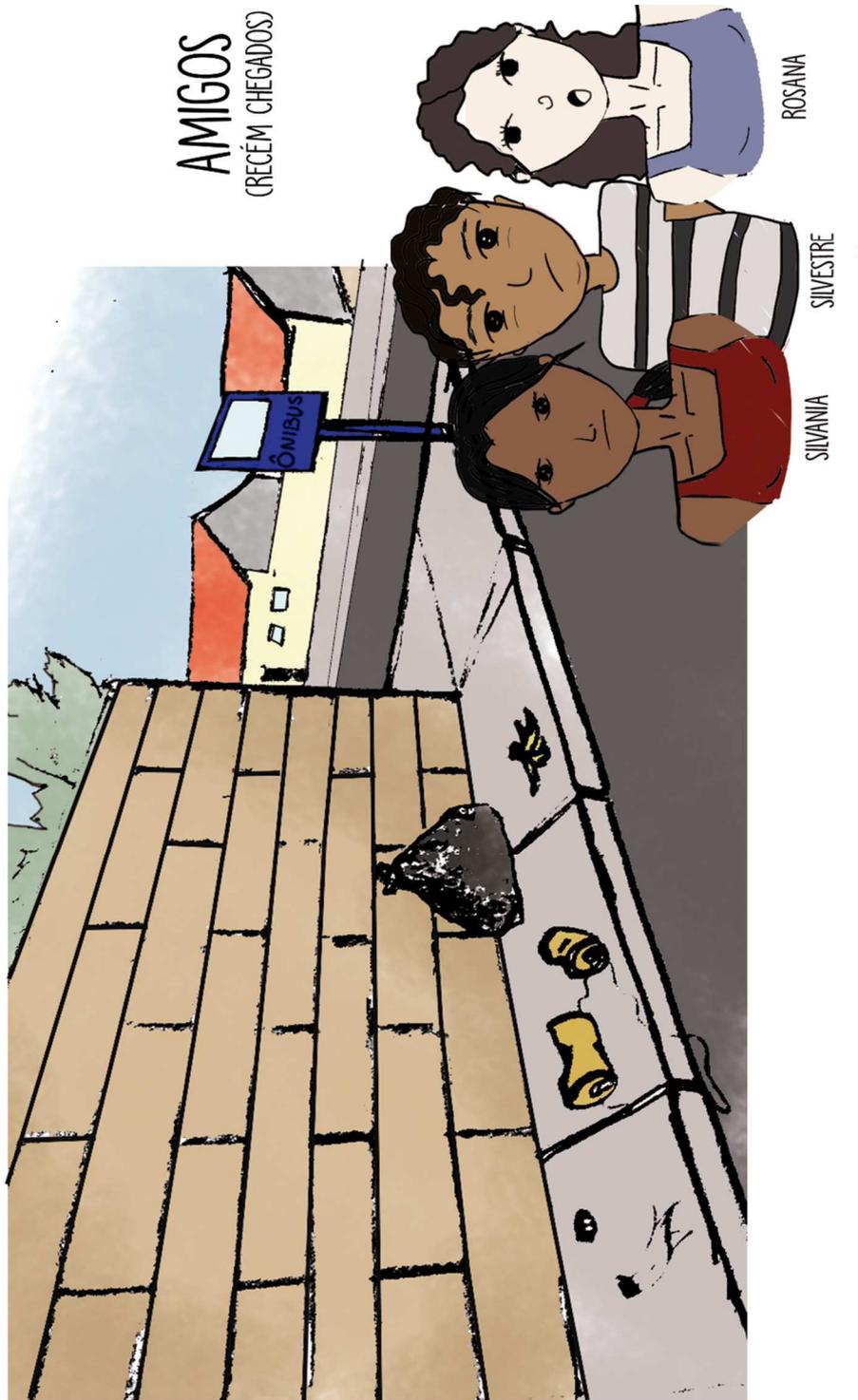
Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

Figura 65 - Jorge, sua churrasqueira e garagem externa.



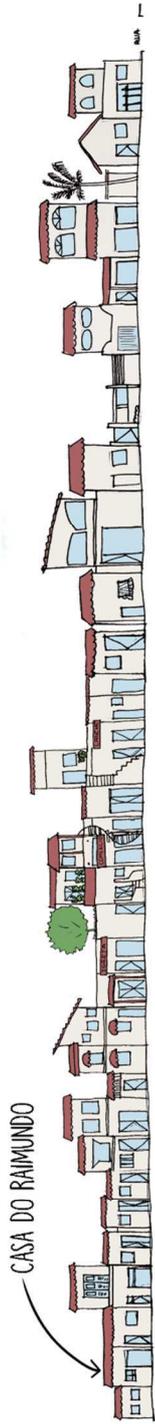
"EU DIGO, OLHA, EU TÔ USANDO ESSE ESPAÇO. TÔ USANDO AQUI. EU PAGO MEUS DIREITOS, MEU COMÉRCIO, DISSE PRA ELES, EU DIGO, EU PAGO MEU IMPOSTO DE RENDA, EU DECLARO MEU IMPOSTO TODO ANO, TÁ VENDENDO? TENHO UM CONTADOR PRA FAZER CONTABILIDADE DO MEU TRABALHO, TUDO CERTINHO, TUDO DIREITO... POR CAUSO DESSE, DESSE (CAPONTANDO PARA CHURRASQUEIRA E PARA A COBERTURA) ... JÁ TAVA NA CORRENTE! AI, AGORA QUE EU TIREI, DEIXEI SÓ AMARRADO AI. PORQUE NÃO PODE, NÃO É PERMITIDO, TUDO BEM... DERAM PRAZO, ESSA CASA (CAPONTANDO PARA A COBERTURA)) DERAM UM PRAZO DE VINTE E QUATRO HORAS, AI EU MANDEI RANCAR TODINHA, TODINHA, AI PASSOU O PERÍODO, NÉ, ELES NÃO VIERAM

Figura 66 - Silvana, Silvestre e Rosana falando sobre o lixo.



"ABASTECIMENTO DE ÁGUA E TRATAMENTO DE ESGOTO, AQUI DÁ ÁGUA UMA DIA SIM E OUTRO NÃO, ALÉM DA QUESTÃO DO LIXO, AQUI TEM ENTUHO E SUJEIRA POR TODO LUGAR.

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

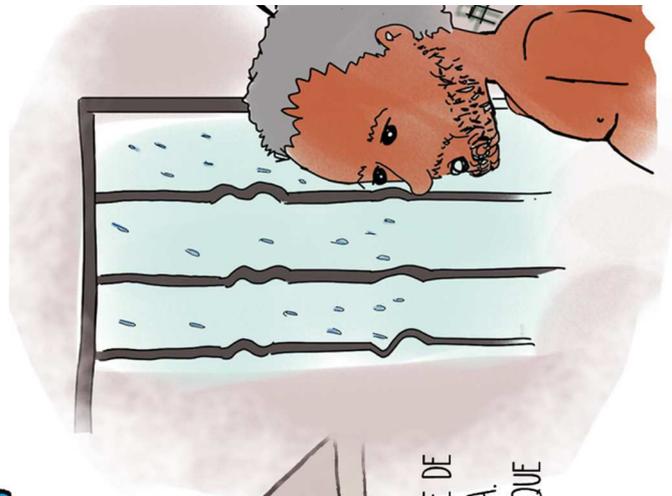


RAIMUNDO, 68 ANOS!

(MORADOR HÁ 20 ANOS)



SERIA TÃO BOM SE TIVESSE UM VIZINHO QUE CHEGASSE E BOTASSE UMA PADARIA. AQUI É CARENTE DE UMA. UMA BARBEARIA, UM MORADOR QUE TRABALHE COMO BIBEIRO E COLOCASSE UM BARBEARIA. ALGO QUE ASSIM QUE BENEFICIASSE O BAIRRO SABE. POR EXEMPLO, SEU JORGE AI DO COMERCIO, QUE ATÉ HOJE SÓ TEM ELE, SETE HORAS ELE FECHA AI ACABOU OPÇÃO.

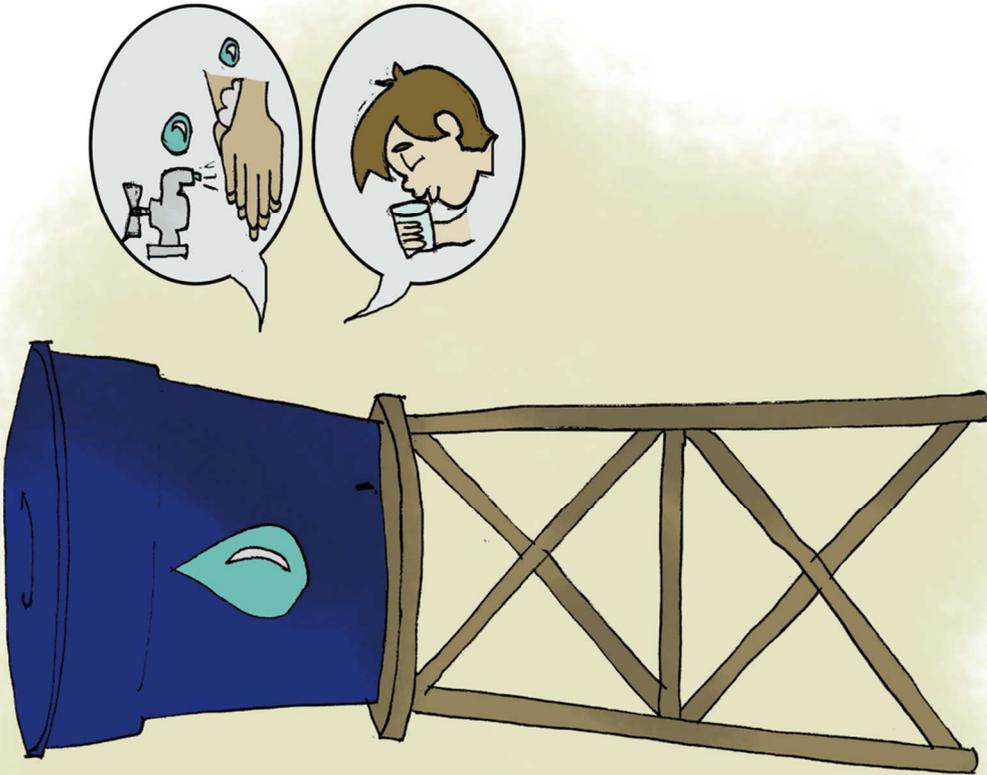


Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

Figura 67 - Sr. Raimundo falando sobre novos comércios.

Figura 68 - Sr. Raimundo contando sobre o problema do abastecimento da água.

RAIMUNDO, 68 ANOS
(MORADOR HÁ 20 ANOS)



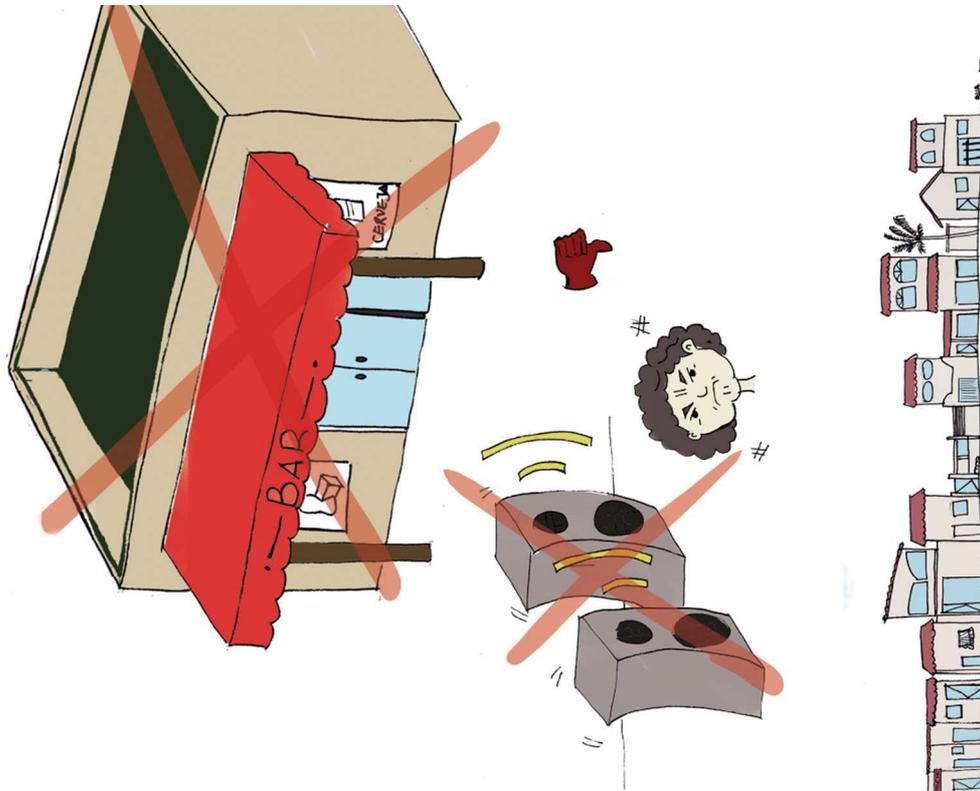
QUANDO DESLIGA (A BOMBA), AI QUE EU DIGO NÃO VOU LIGAR. ENTÃO EU GOSTARIA AQUI QUE TIVESSE UM POÇO COMUNITÁRIO, PRO BAIRRO. PORQUE SERVIA PRA TODA POPULAÇÃO...

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

BIBIANE, 62 ANOS
(MORADORA HÁ 20 ANOS)



CASA DA BIBIANE



DISSE QUE NÃO GOSTAVA DE FESTAS, MÚSICA ALTA E "BEBEDEIRA". DISSE QUE INCOMODAVA ELA, POIS TODO SÁBADO E DOMINGO AQUELA PRAÇINHA QUE CHAMAVAM DE "PRAÇA CONHAQUE E CACHAÇA" — SE REFERINDO À PRAÇA SÃO PEDRO — FICAVA CHEIA DE PESSOAS BEBENDO, CARRO COM ALTO, E QUE AINDA PEDIAM PARA ELA LIGAR A TOMADA DO SOM NA CASA DELA, O QUE FAZIA À CONTRAGOSTO, PARA EVITAR CONFUSÃO.

Figura 69 - Dona Bibiane fala sobre seu incômodo com tumultos.

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

BIBIANE, 62 ANOS
(MORADORA HÁ 20 ANOS)

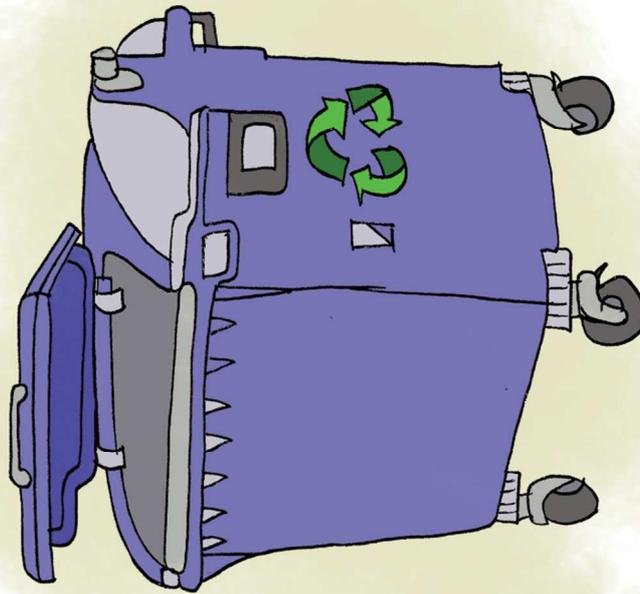


Figura 70 - Dona Bibiane conta sobre a coleta de lixo.

...AI TEM MUITO LIXO, A PREFEITURA ATÉ BOTOU UNS NEGOCIO AI (CONTÊNER), AI ESSE LIXO NÃO FICAVA JOGADO NA CALÇADA. AI AGORA É AI, SACO POR MEIO FIO, AI OS BICHO VÃO E RASGA TUDO. OH AI O SOM, MAS JÁ MELHOROU FOI MUITO ...

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

Figura 71 - O momento em que o vendedor de peixes passa.

NESTE MOMENTO, PASSOU UM SENHOR VENDENDO PEIXE NA RUA, PERGUNTEI PARA ELE SE ELE COMPRAVA, ELE DISSE QUE NÃO, POIS AS PESSOAS JOGAVAM MUITO LIXO NO RIO, APESAR DE AIGUMAS ATÉ BANHAREM LÁ, MAS QUE ELE NÃO ACHAVA MUITO HIGIÊNICO.



Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017.

A RUA MIGUEL DOMINICI SOARES

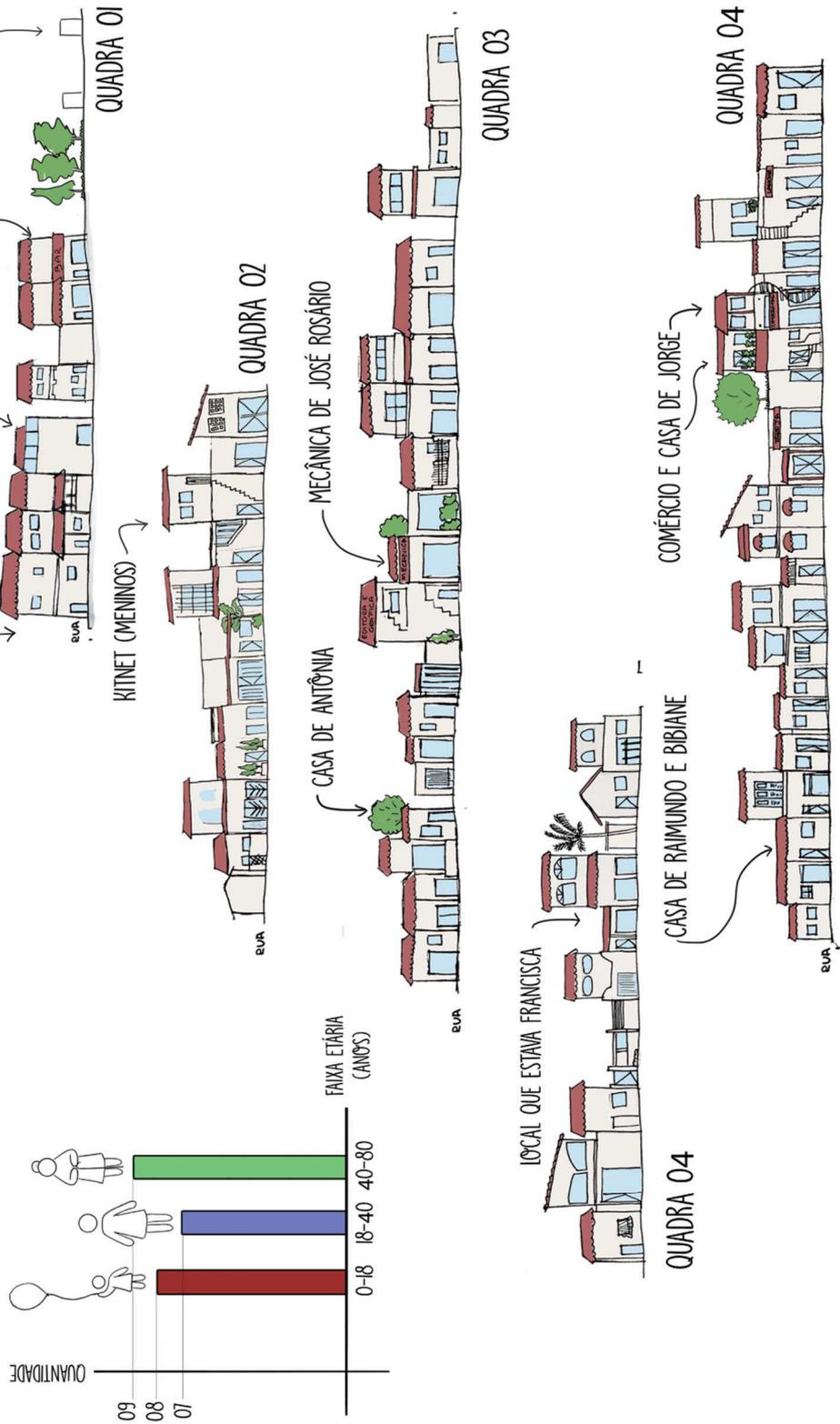


Figura 72 - Gráfico de entrevistados e ilustração das quadras analisadas.

Figura 73 – Ilustração final dotabuleiro da Rua Miguel Soares.

UMA HISTÓRIA CONTADA: A RUA MIGUEL DOMINICI SOARES



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado trata-se de uma experiência de pesquisa com a comunidade que vive em um trecho da Rua Miguel Dominici Soares, no bairro São Francisco. Compreender o contexto de uma localidade é uma fase indispensável quando pretende-se fazer um projeto de arquitetura ou urbanismo. A princípio, a intenção deste trabalho era de formular propostas de intervenção para o local, a partir de um programa de necessidades pouco participativo. No entanto, ao se deparar com uma realidade completamente diferente da imaginada do ponto de vista de estudante de arquitetura, foi necessária uma desconstrução pessoal e, por conseguinte, também das perspectivas de concepção deste trabalho, que agora era movido por diversos questionamentos sobre aquela realidade.

Em busca de respostas para tais questionamentos, a pesquisa – agora reformulada – teve como objetivo reunir uma amostragem de práticas e histórias dos usuários através de suas oralidades, e traduzi-las em forma de desenhos espontâneos, com o propósito de construir um entendimento simples, porém, o mais próximo possível da realidade vivenciada naquele local, à parte de preconceções anteriores.

Com este trabalho, reafirma-se a importância de um projeto participativo, construído através de um método democrático no qual o profissional de arquitetura e urbanismo não é o personagem determinante dos caminhos do projeto, mas sim o intérprete das vontades e inquietações de quem vive e conhece intimamente o espaço que está sendo trabalhado, seus usuários. Tal responsabilidade não é, de modo algum, simplória, pois exige do profissional uma delicadeza e abordagem diferenciada junto aos usuários, de forma que colher suas histórias e estabelecer uma comunicação, sejam processos confortáveis e naturais, que não os pressione ou dirija a respostas que atendam às expectativas do próprio pesquisador.

Vale citar que este processo não termina com a reunião dos dados coletados. É essencial o retorno à comunidade para que haja *feedback* sobre o projeto – não *concebido*, mas – *traduzido* pelo profissional. Mesmo se mostrando uma metodologia mais complexa e que exige mais tempo, a construção participativa se faz valer; pois possibilita ao planejador reconhecer os vários significados atribuídos àquela

paisagem e, assim, contribuir para a reforça-los e também para criação de novos cenários condizentes com a paisagem.

Durante este trabalho, construiu-se esta visão diferenciada do papel dos usuários de um lugar, que agora parecem melhor desenhá-lo do que encaixar-se em espaços predefinidos por legislações urbanísticas. Apesar da reprodução de geometrias escritas no espaço, na busca por uma padronagem de ambientes, tornou-se perceptível que os espaços não são domáveis nem limitáveis pela expectativa da técnica. Tal processo acaba sendo como tratar a cidade como uma folha de papel, onde se desenham plantas técnicas retilíneas e “organizadas”, mas logo em seguida esse papel é dado à uma criança, que sobrepõe riscos sem propósitos, coloridos e indefinidos, porém cheios de significados compreensíveis a ela.

Esta irreverência dos usuários em relação à tecnicidade dos planejamentos, se dá através de práticas em seu cotidiano, considerando-se que cada usuário, em particular, as constroem com base em suas experiências individuais e em sociedade, gerando assim, um *mix* de práticas que em conjunto constroem um espaço urbano. Em contrapartida, há uma constante tentativa de “regularização” destes espaços motivada por perspectivas mais técnicas, criando um jogo interminável de constantes camuflagens e readaptações do espaço, em busca de garantir sua habitabilidade.

Desta forma, conclui-se que a consideração mais importante a ser feita aqui seja a de que este trabalho, muito antes de ser uma produção minha, é especialmente fruto de – e para – cada uma daquelas pessoas que se dispuseram a contar sobre suas práticas cotidianas na Rua Miguel Dominici Soares. A repercussão desta experiência na formação de arquiteta e urbanista em particular, levou à construção de uma nova perspectiva do espaço como palco de uma infindável prática de *colagem*; na qual as figuras utilizadas não se encaixam perfeitamente como peças industrialmente recortadas de um quebra-cabeças; mas sim, possuem bordas irregulares, orgânicas e completamente únicas, inimitáveis, pois estão em constante processo de modificação conforme necessário. Tais características poderiam colocar em xeque a capacidade de combinação destas figuras em um grande contexto; porém, entende-se que é justamente a diversidade de formas e representações de cada pedaço adicionado que tornam essa colagem do espaço urbano mais viva e fascinante.

REFERÊNCIAS

BONTEMPO, Karina Porto. **A contribuição do uso público para a conservação das áreas urbanas de interesse ambiental: a micro-bacia do Jaracaty em São Luís.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia. Escola Politécnica. Salvador, 2008. Disponível em: < <http://www.ppec.ufba.br/site/publicacoes/contribuicao-do-uso-publico-para-conservacao-das-areas-urbanas-de-interesseambiental-mi> >. [Acessado em: 5 janeiro 2017].

BRITO, Cilícia Dias dos Santos Belfort. **O processo de uso e ocupação do solo urbano previsto no plano diretor de São Luís - MA.** Porto Velho, 2009. 104 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2009.

COELHO, Maria Teresinha de Medeiros. **Avaliação da eficácia da lei de uso e ocupação do solo em São Luís: O caso da Lagoa da Jansen.** São Luís, 2002. 145 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

Editora Melhoramentos Ltda. 2017. **Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa.** [ONLINE] Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=BRICOLAGEM>. Acessado em 26 Junho 2017].

Entrevista concedida por FRANCISCA (nome fictício). **Entrevista I.** [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2016.

Entrevista concedida por RAIMUNDO. **Entrevista II.** [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por JORGE. **Entrevista III.** [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por EDINÁIA (nome fictício). **Entrevista IV.** [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por ROSEMEIRE (nome fictício). **Entrevista V.** [Dezembro 2016]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2016.

Entrevista concedida por GISELLE. **Entrevista VI.** [Dezembro 2016]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2016.

Entrevista concedida por CARLOS. **Entrevista VII.** [Janeiro 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por ANTÔNIA ALVES DA ROCHA SANTOS. **Entrevista VIII.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por VALÉRIA. **Entrevista IX.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por MICKAELLA. **Entrevista X.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por MIGUEL. **Entrevista XI.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por JOÃO PEDRO. **Entrevista XII.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por PAULO. **Entrevista XIII.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por GUSTAVO. **Entrevista XIV.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por WANDERLEY. **Entrevista XV.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por FERNANDA SERRA. **Entrevista XVI.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por JOSÉ ROSÁRIO. **Entrevista XVII.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por ANDERSON BARBOSA. **Entrevista XVIII.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por GILVANIA. **Entrevista IX.** [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por ROSANA. **Entrevista XX**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por SILVESTRE. **Entrevista XXI**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por NATALIA. **Entrevista XXII**. [Maio 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

Entrevista concedida por BIBIANE. **Entrevista XXIII**. [Junho 2017]. Entrevistador: Mayara Lúcia Campos Ferreira. São Luís, 2017.

FIELD, John. **Key Concept: Bottom up versus Top Down**. ELT Journal. 53. 338-9. Oxford University Press; British Council, Oxford University Press. 1999.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. Trad. Carlos N. Coutinho e Leandro Konder. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. 3ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LOPES, José Antônio Viana. **São Luís, Cidade Radiante: O plano de expansão da cidade de São Luís do Eng. Ruy Ribeiro de Mesquita (1958)**. São Luís: FAPEMA, Gráfica e Editora Sete Cores, 2016.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MESQUITA, Ruy Ribeiro de. 1958. **Plano de Expansão da Cidade de São Luís**. In: Acervo digital cedido.

MORAIS, Natércia C. F. **A ponte da esperança: O símbolo da modernização e do desenvolvimento urbano no governo Sarney (1966-1970)**. Monografia. São Luís, 2006.

PRADO, Bárbara Irene Wasinski. **Paisagem Urbana de São Luís: transformações das formas e arranjos naturais da Ponta D'Areia**. São Luís: Editora BIWP, 2016.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. IBGE. **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM 2010. Comparação entre as Capitais**. 2016. Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2014. p. 120. [ONLINE] Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/comparamun/compara.php?lang=&lista=capitais&coduf=undefined&idtema=118&codv=V01> >. [Acessado em: 10 março 2017].

TESCH, Marina Amoury. **São Luís em quadrinhos: o cotidiano e as práticas espaciais**. São Luís, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão, 2014. In: Acervo digital cedido.